

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DISSERTAÇÃO**

**TRAJETÓRIAS POLÍTICA E RELIGIOSA DE INDIVÍDUOS SEM RELIGIÃO DA  
BAIXADA FLUMINENSE/RJ: DO SEGMENTO JUVENIL AO ADULTO COM  
RECORTE TEMPORAL DE UMA DÉCADA**

**ANA RAQUEL PEREIRA DA SILVA**

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**TRAJETÓRIAS POLÍTICA E RELIGIOSA DE INDIVÍDUOS SEM RELIGIÃO  
DA BAIXADA FLUMINENSE/RJ: DO SEGMENTO JUVENIL AO ADULTO  
COM RECORTE TEMPORAL DE UMA DÉCADA**

**ANA RAQUEL PEREIRA DA SILVA**

*Sob orientação da professora*  
**Dr<sup>a</sup>. Silvia Regina Alves Fernandes**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção de grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Área de concentração em Sociologia.

Seropédica, RJ  
Março de 2021

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586t Silva, Ana Raquel Pereira da, 1994-  
Trajetórias política e religiosa de indivíduos sem  
religião da Baixada Fluminense/RJ: do segmento  
juvenil ao adulto com recorte temporal de uma década  
/ Ana Raquel Pereira da Silva. - Nova Iguaçu, 2021.  
111 f.

Orientadora: Silvia Regina Alves Fernandes.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
Ciências Sociais, 2021.

1. Trajetória. 2. Juventude. 3. Sem-religião. I.  
Fernandes, Silvia Regina Alves, 1967-, orient. II  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais III.  
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ANA RAQUEL PEREIRA DA SILVA**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção de grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Área de concentração em Sociologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 02/03/2021

---

Sílvia Regina Alves Fernandes. Dr<sup>a</sup>. UFRRJ  
(orientadora)

---

Marta Regina Cioccarri. Dr<sup>a</sup>. UFRRJ

---

Wania Amélia Belchior Mesquita. Dr<sup>a</sup>. UENF



Emitido em 03/03/2021

TERMO Nº 216/2021 - PPGCS (12.28.01.00.00.00.91)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

*(Assinado digitalmente em 05/03/2021 11:43 )*

MARTA REGINA CIOCCARI

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptCS (12.28.01.00.00.00.83)

Matrícula: 1451306

*(Assinado digitalmente em 04/03/2021 08:20 )*

SILVIA REGINA ALVES FERNANDES

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptH/IM (12.28.01.00.00.88)

Matrícula: 1544217

*(Assinado digitalmente em 04/03/2021 20:23 )*

WANIA AMÉLIA BELCHIOR MESQUITA

ASSINANTE EXTERNO

CPF: 012.650.387-75

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número:  
216, ano: 2021, tipo: TERMO, data de emissão: 03/03/2021 e o código de verificação: 28d6e1561d

*Dedicada àqueles que enfrentam lutas invisíveis,  
mas que estão dispostos a aprender e crescer  
mesmo diante das crises...*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por me ter dado forças para seguir em frente mesmo diante das adversidades e por não ter me deixado desistir nos momentos de maior conflito.

Agradeço aos meus pais pelas orações e meus amigos por sempre me escutarem e me fazerem rir quando eu estava desanimada e cansada. Obrigada, Philip pelo carinho e incentivo para eu me tornar a melhor versão de mim mesma, e me fazer enxergar a luz no fim do caminho.

Sou grata também aos professores da UFRRJ que me mostraram o prazer em aprender e enxergar horizontes distantes da minha zona de conforto. Obrigada, sobretudo, a minha orientadora Sílvia Fernandes que me apresentou aos estudos da religião, me acompanha desde o início da graduação, confiou a mim a continuidade de seu trabalho e não desistiu de me direcionar mesmo diante dos meus bloqueios e limitações.

Agradeço também ao grupo de pesquisa CRELIG que me forneceu diversas oportunidades de participação e debates acerca do campo religioso, além de me permitir interagir com pessoas tão dedicadas e com tantas experiências a compartilhar e enriquecer.

Por fim, agradeço àqueles que não estão aqui citados, mas que estiveram ao meu lado, mesmo que em breves momentos, a mim direcionando elogios e críticas. Saibam que suas palavras serviram de incentivo para seguir em frente e me aperfeiçoar a cada dia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## RESUMO

SILVA, Ana Raquel P. **Trajetórias política e religiosa de indivíduos sem religião da Baixada Fluminense/RJ: do segmento juvenil ao adulto com recorte temporal de uma década.** 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2021.

O presente estudo se configura como uma pesquisa de trajetórias juvenis. Partindo de um estudo realizado com jovens sem religião e ateus há aproximadamente uma década, investigou-se as percepções juvenis sobre pertencimento religioso, valores e visões de mundo sobre sexualidade e política. Objetivou-se analisar fatores e vivências ocorridas na vida desses jovens que eventualmente teriam alterado suas percepções, condutas e pertencimentos ao longo de uma década. Ambas as pesquisas foram realizadas com jovens entre 15 e 24 anos residentes na Baixada Fluminense.

**Palavras – chave:** Trajetória, Juventude e Sem religião.

## ABSTRACT

SILVA, Ana Raquel P. **Political and religious trajectories of non-religious people from Baixada Fluminense/RJ: through the youth to the adult segment taking account one decade ago.** 2021. Thesis (Master degree in Social Sciences). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2021.

The present study is configured as a research of juvenile trajectories. Starting from a study carried out with young people without religion and atheists approximately one decade ago, we investigated the juvenile about religious belonging, values and worldviews about sexuality and politics. The purpose was to analyse factors and experiences that occurred in the lives of these young people which would eventually have altered their perceptions, behaviors and belongings over a decade. Both researches were carried out with young people between 15 and 24 years old living in Baixada Fluminense.

**Keywords:** Trajectory, Youth, Non-Religious.

## LISTA DE MAPAS E TABELAS

- Mapa 1- Baixada Fluminense e cidade do Rio de Janeiro/RJ – p. 4;
- Quadro 1 - Perfil dos participantes nos períodos de pesquisa – p. 6;
- Quadro 2 - Perspectiva em ser jovem ou adulto – p. 23;
- Quadro 3 - Declaração religiosa antes e depois – p. 40 e 41;
- Quadro 4 - Declaração religiosa dos pais – p. 41;
- Quadro 5 - Crença dos participantes (2007/2008) – p. 42;
- Quadro 6 - Crença dos participantes (2019) – p. 42 e 43;
- Quadro 7 - Concordância e participação nas principais reivindicações populares (2007/2008) – p. 58;
- Quadro 8 - Concordância e participação nas principais reivindicações populares (2019) – p. 58;
- Quadro 9 - Participação em Organizações e Movimentos (2007/2008) – p. 59 e 60;
- Quadro 10 - Participação em Organizações e Movimentos (2019) – p. 60;
- Quadro 11 - Importância dos partidos políticos para o país – p. 62;
- Quadro 12 - Atividades relacionadas à política (2007/2008) – p. 64 e 65;
- Quadro 13 - Atividades relacionadas à política (2019) – p. 65;
- Quadro 14 - Principal problema do país – p. 66;
- Quadro 15 - O que tornaria o Brasil um país desenvolvido – 67;
- Quadro 16 - Mundo nos próximos anos – p. 69;
- Quadro 17 - Vida nos próximos anos – p. 70;
- Quadro 18 - Valores mais importantes da sociedade – p. 70;
- Quadro 19 - Consumo de maconha – p. 71;
- Quadro 20 - Consumo de cocaína – 72;
- Quadro 21 - Consumo de cigarro de tabaco – p. 72;
- Quadro 22 - Consumo de bebida alcoólica – p. 72;
- Quadro 23 - Opinião sobre sexo antes do casamento – p. 74;
- Quadro 24 - Posicionamento diante da gravidez precoce – p. 75;
- Tabela 1 – Brasil: Evolução da população e orientação religiosa dos brasileiros em termos absolutos e relativos entre 1970 e 2010 – p. 38.

## **LISTA DE SIGLAS**

EUA – Estados Unidos da América;

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

ONG's – Organizações Não Governamentais;

PC do B – Partido Comunista do Brasil.;

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira;

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade;

PT – Partido dos Trabalhadores;

RJ – Rio de Janeiro;

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Localização da Baixada Fluminense	3
1.2. Perfil dos participantes	6
2. HIPÓTESES	7
3. METODOLOGIA	8
3.1. A importância da pesquisa em painel	8
3.2. Metodologia da pesquisa precedente	9
3.3. Continuidade da pesquisa uma década depois	9
3.4. Percursos metodológicos	10
3.5. Análise de resultados	12
3.6. Dificuldades inerentes	12
4. CAPÍTULO I – JUVENTUDE, MODERNIDADE E SECULARIZAÇÃO: ARRANJOS PARA NOVAS DINÂMICAS SOCIAIS	14
4.1. A questão da geração	14
4.2. O que é juventude?	17
4.3. A perspectiva de ser jovem adulto	21
4.4. Modernidade Reflexiva	25
4.5. Sob disfarce de uma sociedade pós-tradicional	29
4.6. Processo de secularização	31
5. CAPÍTULO II – RELIGIÃO E CRENÇA: DECLARAÇÃO, VÍNCULOS E ESPIRITUALIDADE	38
5.1. Transformações religiosas	38
5.2. As novas formas de crer e pertencer religiosamente	47
6. CAPÍTULO III – POSIÇÕES POLÍTICAS, DESINSTITUCIONALIZAÇÃO E VALORES	50
6.1. A fronteira entre religião e política	50
6.2. Relação entre política e vinculação partidária	53

6.3. Desvinculação institucional e cosmovisões políticas	57
6.4. Valores e visões de mundo	68
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
9. ANEXOS	89
A - Questionário aplicado aos informantes (2007)	89

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 1970 observa-se no Brasil mudanças no perfil religioso da população, tendo como destaque três características principais: 1. Diminuição de percentual de católicos; 2. Aumento do percentual de protestantes, sobretudo pentecostais; e 3. Crescimento dos índices de indivíduos que se declaram sem-religião, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010).

Em 1970, a religião católica era majoritária no que diz respeito ao total de adeptos no Brasil, tendo aproximadamente 92% de sua população assim se declarando. Por sua vez, evangélicos somavam 5,2% da população e sem-religião 0,8%.

De acordo com o censo realizado em 2010, o índice de adeptos ao catolicismo era de 64,6% da população, o percentual de evangélicos era 22,2%, enquanto aqueles que não possuíam vínculos com instituições religiosas totalizaram 8% da população brasileira. Assim sendo, no intervalo de 40 anos, os sem-religião no Brasil tinham, no ano de 2010, 900% mais indivíduos sem vinculação religiosa que em comparação a 1970.

No Rio de Janeiro estes percentuais mostram-se mais expressivos, com 15,6% da população do estado se afirmando sem-religião. Na Baixada Fluminense, 21,6% da população da região não tem religião. Esses dados demonstram a relevância de analisar mais detidamente o campo religioso brasileiro no que se refere ao processo de desvinculação dos indivíduos frente às instituições religiosas. Como compreender a desvinculação religiosa institucional da população brasileira? E mais especificamente, como estratos juvenis pertencentes às camadas populares têm construído suas identidades à margem das instituições religiosas? Essas e outras questões já inquietavam Silvia Fernandes (2006, 2008, 2009) e outros pesquisadores brasileiros (Novaes, 2004 e Tavares e Camurça, 2004, 2006) nos anos 2000, fato que motivou meu interesse em seguir no tema a partir do estudo de trajetórias.

Neste trabalho, o segmento juvenil, indivíduos de 15 a 24 anos, ganha destaque. Percebe-se que o crescimento de evangélicos neste segmento ocorre de maneira mais desacelerada, por sua vez no segmento adulto é exponencial o aumento do número de adeptos. Comparando o percentual de jovens sem religião com a média da população geral, percebe-se que o segmento juvenil tem maior percentual de não adeptos às instituições religiosas (9,3%), que o conjunto da população brasileira (7,4%), como afirma Regina Novaes (2004, p. 322).

É importante ressaltar que os sem-religião no Brasil constituem um grupo heterogêneo conforme vem sendo indicado por vários pesquisadores (Fernandes, 2008, 2009, 2018; Novaes, 2004; Camurça, 2017; Tavares e Camurça, 2004, 2006). O IBGE classifica tais indivíduos como: agnósticos- aqueles que não acreditam em entidades supramundanas, mas levantam dúvidas acerca da existência; ateus - são os que não creem na existência de Deus e outros seres supramundanos; e os sem-religião que mesmo possuindo credo dos elementos citados anteriormente não possuem vínculos com instituições religiosas (ESQUIVEL, et. al, 2020, p. 9).

Fragmentando o percentual oferecido pelo IBGE (2010), nota-se que caracterizar um indivíduo como sem-religião não equivale a dizer que estes são ateus. De acordo com o último censo 7,65% do total de 8% dos sem religião acreditam em Deus ou entidade superior mesmo não contendo vínculos, 0,32% são ateus e menos ainda que isso, 0,07% são agnósticos.

Sobre a não vinculação institucional religiosa da juventude e a classificação dos sem-religião, Novaes (2004) afirma que sempre existiram jovens ateus e agnósticos, contudo nunca tantos se definiram como sem-religião, ou seja, adeptos à diversas espiritualidades, em que se incluem a Nova era, esotéricas, dentre outras (NOVAES, 2004, p. 323).

Podemos atribuir o fenômeno crescente dos sem religião ao processo de secularização ocorrido na sociedade ocidental, a características autônomas que a fé adquire neste contexto. Ou seja, com o avanço da racionalidade, o homem passa a dar sentido a sua própria existência desvinculando-se mais frequentemente da Igreja ou da religião (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 35 - 37). No entanto, no Brasil e na América Latina a teoria da secularização tem sido ressignificada considerando-se que não há uma separação radical entre o secular e o religioso e que mesmo o processo de autonomização individual pode carregar elementos da esfera religiosa ainda que o indivíduo não pertença a uma instituição.

Assim, Oliveira (2010, p. 11) destaca que os indivíduos que vivem na pós-modernidade tendem a valorizar mais a forma de crer que a instituição religiosa em si tanto devido à enormidade de compromissos e obrigações que as mesmas exigem quanto por considerarem que elas não são as únicas produtoras de sentidos religiosos. Somado a estes fatores, Tavares e Camurça (2006) apontam uma crise de transmissão geracional, ou seja, enfraquecimento ou quebra de valores e sentidos tradicionais, que atingem não apenas a esfera religiosa, mas também política.

Não exploraremos neste trabalho o conceito de pós-modernidade em si, seja porque ele é controverso como tem mostrado a literatura, seja porque adotamos a teoria Giddensiana que aposta na ideia de que na modernidade contemporânea elementos presentes na modernidade clássica tornaram-se mais intensos e não estamos, portanto na pós-modernidade e sim na modernidade avançada (GIDDENS, 1990).

Desse modo, é fato que os processos de desinstitucionalização atingem distintas esferas sociais. A desvinculação política é marcada pela descrença em partidos ou figuras políticas, entretanto, isso não significa dizer que o indivíduo que não possui afinidade partidária seja apolítico, ao contrário disto, debates sobre política e manifestações por vezes fazem parte do cotidiano juvenil, como identificado no estudo realizado por Silvia Fernandes (2013).

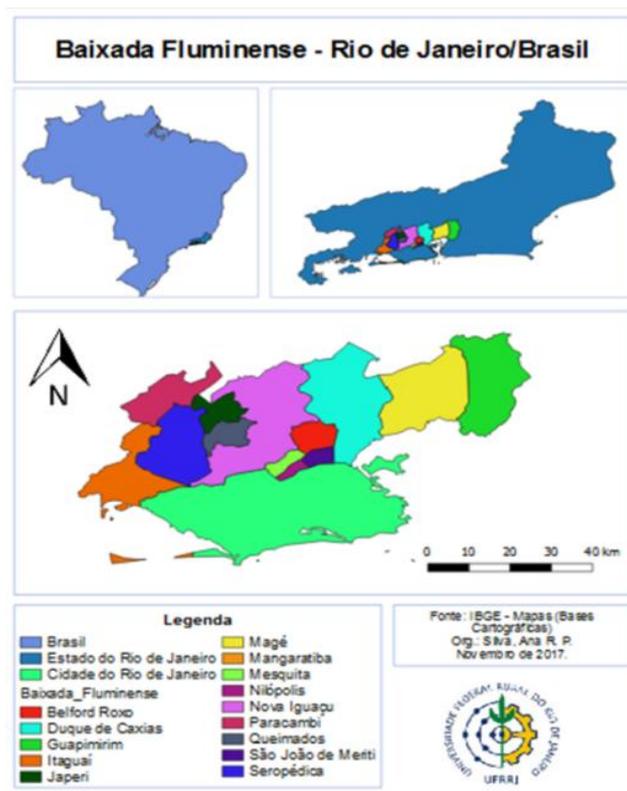
Na pesquisa de Fernandes (2013), trinta e um jovens sem-religião funcionavam como grupo de controle na análise de jovens pentecostais e católicos. A autora, baseada nas mudanças religiosas no contexto brasileiro, sobretudo no segmento etário de 15 a 24 anos, analisou crenças, participação cívica, perspectivas políticas, valores, drogas e sexualidade de jovens que se declaravam sem religião. A coleta de dados ocorreu entre os anos de 2007 e 2008 configurando na atualidade, como mencionamos, aproximadamente dez anos do estudo.

A presente pesquisa buscou realizar um estudo de trajetória dos jovens sem-religião pesquisados por Fernandes (2013) visando agregar conhecimento à sociologia da religião no que se refere a compreensão dos comportamentos, visões de mundo e dinâmicas religiosas de jovens sem religião que residem na Baixada Fluminense.

### **1.1. A localização da Baixada Fluminense**

Para compreender melhor tal pesquisa, é importante notar que, para além do espaço geográfico, a localização da Baixada Fluminense deve ser analisada a partir de seu contexto sociocultural.

#### ***Mapa 1- Baixada Fluminense e cidade do Rio de Janeiro/RJ***



Para muitos autores (Geiger e Santos, 1956; Correa, 1989; Barreto, 2004; Silva, 2017), a Baixada Fluminense pode ser definida como a periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro, visto que sua formação esteve associada aos processos de segregação sócio espaciais que se intensificaram na capital fluminense a partir, sobretudo, das décadas de 1940 e 50, em meio a segunda fase da industrialização brasileira. Segundo Rocha (2015), a instalação de indústrias e a forte valorização do solo urbano acarretaram o movimento de expulsão de parte da classe trabalhadora e da população pobre da cidade do Rio para áreas mais afastadas, contíguas à capital fluminense. Assim, a Baixada passou a se constituir numa alternativa recorrente de abrigo para a população pobre, devido, especialmente, aos baixos preços da terra e da moradia na região.

Neste sentido, as práticas e vivências na Baixada Fluminense são adaptadas às condições ali presentes. O acesso ao lazer, educação e bem estar são frequentemente negligenciados pelo poder público, fazendo com que a juventude periférica possua condições distintas daqueles jovens presentes em áreas centralizadas e com acesso a bens socioculturais e comodidades, segundo aponta Silvia Fernandes (2011). As distinções do segmento juvenil não se reduzem ao pluralismo - condição das sociedades contemporâneas, mas às diferenças de renda, cultura, escolaridade, emprego, equipamentos culturais e dentre outros fatores (FERNANDES, 2011, p. 105).

Retomando a pesquisa que inspirou essa dissertação, vamos apresentar algumas informações visando orientar o leitor quanto aos dados encontrados por Sílvia Fernandes há cerca de dez anos (2007). No que tange ao perfil dos entrevistados, mais da metade deles declaravam-se como brancos, o número de homens e mulheres que participaram do estudo se equiparavam, 71% deles cursavam nível superior e em sua maioria eram das classes B e C. Confirmam-se os dados de estudos anteriores em que vista os sem-religião apresentam crenças, sobretudo em Deus, Jesus, espíritos e afins, e possuíam práticas de caráter religioso, como orações.

No que tange à política, 83,9% dos jovens sem religião rejeitavam partidos, concomitantemente 58,1% deles conversam sobre temas políticos com amigos, 71% exerciam cidadania através do voto, 58% mantinham-se atualizados e 1/3 acompanhavam as ações dos candidatos no qual votaram. Estes dados corroboram que não ter afinidade partidária não equivale a ser apolítico.

Dados e conclusões obtidos no estudo supracitado (Fernandes, 2011) mostraram-se essenciais nos que diz respeito à juventude sem-religião. Doze anos após esta pesquisa, os sujeitos que antes eram jovens atualmente encontram-se no segmento adulto e conseqüentemente enfrentaram mudanças nas relações sociais, mentalidades, posicionamentos políticos e visões de mundo.

Assim sendo, algumas perguntas orientaram a pesquisa que aqui desenvolvemos: de que forma os jovens sem religião entrevistados construíram suas identidades religiosas ou irreligiosas dez anos após a pesquisa realizada por Silvia Fernandes nos anos de 2007 e 2008? Os mesmos ainda se identificam como sem-religião, ateus e agnósticos ou realizaram trânsito religioso estabelecendo novas visões de mundo, pertença religiosa ou até mesmo resgatando valores tradicionais?

Levemos em consideração que o Brasil atravessou um conjunto de mudanças no cenário político e social na última década, o que exige novas indagações advindas das ciências sociais: Ainda existe forte rejeição partidária por parte daqueles jovens pesquisados por Silvia Fernandes (2011)? Houve mudanças em relação aos seus respectivos comportamentos políticos? O posicionamento que assumiram no campo dos valores e moralidades, como o uso de drogas ilícitas e a prática do aborto mudou ao longo da década em referência?

Além de responder a estas perguntas o presente estudo busca compreender como os jovens entrevistados há mais de dez anos traçaram seus percursos religiosos, assim como suas visões e práticas sobre a política se consolidaram no período de referência.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa sobre trajetórias juvenis considerando-se os mesmos informantes sem religião pesquisados por Silvia Fernandes entre 2007 e 2008 (FERNANDES, 2009, 2011b, 2013). À época, tais jovens possuíam entre 15 a 24 anos e residiam em municípios da Baixada Fluminense.

## 1.2. Perfil dos participantes

Tendo em vista que os resultados desta pesquisa são fruto de análise comparativa das trajetórias dos participantes, demonstro na tabela abaixo informações acerca de idade, escolaridade e classe de ambos os períodos de estudo a fim de orientar o leitor acerca do perfil dos informantes.

**Quadro 1 - Perfil dos participantes nos períodos de pesquisa**

Participante <sup>1</sup>	Idade		Cor <sup>2</sup>	Escolaridade		Classe <sup>3</sup>		Município	
	2007	2019		2007	2019	2007	2019	2007	2019
<b>Davi</b>	21 anos	33 anos	Branco	Superior Incompleto	Superior Completo	B2	B2	Nova Iguaçu	Nova Iguaçu
<b>Fábio</b>	18 anos	30 anos	Branco	Superior Incompleto	Superior Completo	B2	B2	Mesquita	Mesquita
<b>Thiago</b>	18 anos	31 anos <sup>4</sup>	Branco	Superior Incompleto	Superior Completo	C1	C1	Nova Iguaçu	Rio de Janeiro
<b>Luiz</b>	18 anos	31 anos <sup>5</sup>	Branco	Superior Incompleto	Pós-Graduação	B1	B2	Nilópolis	Nilópolis
<b>Maria</b>	15 anos	27 anos	Amarela	E.M. Incompleto	Superior Completo	C1	C2	Duque de Caxias	Duque de Caxias

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

<sup>1</sup> Os nomes apresentados são fictícios.

<sup>2</sup> Tendo em vista que não houve mudança na autodeclaração de cor nos diferentes períodos, manteve-se apenas uma coluna para tal informação.

<sup>3</sup> Informação obtida a partir do Critério de Classificação Econômica Brasil retirado da Associação Brasileira de Empresa de Pesquisa, tendo como base os anos de referência 2007 e 2019. Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>

<sup>4</sup> Idade em que foi realizada a entrevista em profundidade e último contato com participante.

<sup>5</sup> Idade em que foi realizada a entrevista em profundidade e último contato com participante.

## **2. HIPÓTESES**

Baseado na perspectiva de que para manter uma espiritualidade o indivíduo não necessariamente precisa ser filiado a uma instituição religiosa supõe-se que a maior parte dos participantes da pesquisa, sobretudo aqueles que já se declaravam sem religião (não ateu) reforçaram tal atitude de crer sem filiar-se. Uma vez confirmada tal hipótese veremos a prevalência do processo de desfiliação religiosa entre o segmento juvenil entendendo tal processo como uma possível tendência a se consolidar entre jovens adultos.

Em relação aos valores e perspectivas quanto aos rumos da própria vida e do país, levantamos a hipótese de que adotaram um posicionamento mais pessimista se comparado à pesquisa inicial devido às diversas crises (desde financeiras a sociais) presentes em nossa sociedade atual.

### 3. METODOLOGIA

#### 3.1. Importância das pesquisas em painel

O presente estudo, devido seu caráter continuativo de entrevistar o mesmo grupo amostral, pode ser caracterizado enquanto pesquisa longitudinal. As pesquisas em painel permitem a análise de dados transversais, possibilitando controle das condições iniciais. Para uma pesquisa ser considerada de um modelo de efeito fixo é preciso que sejam acompanhados três ou quatro períodos (RIBAS e SOARES, 2010, p. 215).

Para Silva (2011) este tipo de pesquisa permite observar as mudanças de comportamento dos pesquisados e correlacionar à área de estudo analisada. Além disso, o volume de dados que pode ser coletado é de grande valia, permitindo que o estudo possua maior precisão de resultados. É importante ressaltar que as pesquisas em painel se baseiam em registros continuados e não na memória dos participantes, fazendo com que os dados possuam maior clareza e exatidão.

Ribas e Soares (2010, p. 216 – 217) apontam que é comum neste tipo de pesquisa o desgaste, que pode ocorrer por eventos aleatórios, como troca de endereço, desistência na participação da pesquisa ou falecimento, o que apenas reduz o tamanho da amostra. Contudo, para os autores, existe ainda o que é chamado de “atrito” da amostra, que se caracteriza quando a ausência de determinados dados que eram ofertados pelos respondentes que se retiraram da pesquisa influencia nos resultados gerais e representatividade do universo analisado, fazendo com que a pesquisa se mostre enviesada e apresente erros.

Outra característica comum das pesquisas em painel é quando uma determinada variável aparece em períodos anteriores e desaparece nos estudos posteriores. Este fator prejudica a análise de continuidade ou mudança para determinados comportamentos, fazendo com que pesquisa apresente caráter incompleto (ibidem: p. 217).

Embora nossa preensão inicial tenha sido encontrar todos os indivíduos pesquisados por Fernandes (2011b) no grupo dos que se declaravam sem religião, encontramos muitas dificuldades, o que torna essa pesquisa essencialmente exploratória, mas com ganhos que consideramos relevantes para favorecer novos estudos a partir de nossos achados.

### **3.2. Metodologia da pesquisa precedente**

A pesquisa de Fernandes (2011b) foi realizada, especificamente, nos municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti por possuírem a maior proporção de jovens entre 15 e 24 anos.

Para encontrar os jovens participantes da pesquisa foi realizado levantamento de igrejas católicas e evangélicas pentecostais nos municípios supracitados e sensibilização das lideranças religiosas para alcançar os jovens e aplicar os questionários. O número de participantes da pesquisa se baseou no número de jovens vinculados às igrejas. No ano do estudo, a estimativa era que o total de indivíduos entre 15 e 24 anos de igrejas católicas e pentecostais em Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti era de aproximadamente 277 mil, assim, o total de participantes da pesquisa correspondia a 1% dessa população.

Os 31 jovens participantes do estudo, que se declaravam sem religião, funcionavam como grupo de controle e foram encontrados a partir da técnica de amostragem *snowball*, cujos próprios participantes da pesquisa que tinham religião indicavam aqueles que não tinham para se integrarem a pesquisa.

Tal estudo conjugou metodologias quantitativas e qualitativas, sendo a primeira desenvolvida a partir de *survey*, com análise de dados por meio do programa SPSS, e tabulação de resultados considerando as variáveis “sexo”, “religião” e “participação política”; e a segunda desenvolvida com grupos focais, baseados nos requisitos “sexo” e “participação política”. Por fim, como resultado, foi gerado o relatório de pesquisa integrando os dados qualitativos e quantitativos e também publicações subsequentes (FERNANDES, 2009, 2011b, 2013).

A pesquisa levou um total de 16 meses para ser finalizada, sendo iniciada em 2007 e finalizada em 2008, tendo sido essencial para conhecer o posicionamento político, religioso e moral de jovens católicos, pentecostais e sem religião da Baixada Fluminense.

### **3.3. Continuidade da pesquisa uma década depois**

Passados mais de dez anos da pesquisa de Silvia Fernandes (2011), se teve acesso à base de dados da autora, com sua autorização, visando contatar o grupo de controle que no período do estudo tinham entre 15 e 24 anos e se declararam sem religião. O objetivo, conforme mencionado anteriormente, foi comparar o

posicionamento político, religioso e valores morais dos mesmos, observando tendências que podem ser expressas numa série temporal.

Logo, para obter tais dados e informações com o mínimo de alterações possíveis, a metodologia aplicada foi adaptada à pesquisa primeira, para que fosse possível determinar resultados comparáveis. Ou seja, os mesmos participantes que se declararam sem religião uma década atrás são os que atuaram na pesquisa proposta atualmente e as perguntas aplicadas em questionário no ano de 2007/2008 se mantiveram no instrumento que aplicamos para o desenvolvimento da presente dissertação, no ano 2019.

Maria Cecília Minayo (2009) afirma que em estudos que utilizam indicadores e buscam-se comparações e tendências nos resultados é essencial levar em consideração sua temporalidade, seu contexto histórico, assim como é importante ter em mente que indicar uma tendência não é apontar certezas absolutas quanto aos resultados obtidos.

Fazendo-se necessário uma análise da última década, é relevante responder: Como os participantes da pesquisa, então jovens, atravessaram essas transformações da sociedade brasileira? O que mudou e o que se manteve em suas visões de mundo? Que impacto essas mudanças tiveram em suas trajetórias?

### **3.4. Percursos Metodológicos**

Tendo em vista as informações que vimos até aqui, nosso estudo foi desenhado seguindo algumas orientações/ etapas basilares: 1. Contato com os mesmos participantes de uma década atrás por meio da base de dados inicial e das redes sociais; 2. Aplicação de questionários online; 3. Categorização e tabulação; 4. Entrevistas em profundidade com os participantes; 5. Análise e sistematização de dados; 6. Comparação com dados anteriores.

O método comparativo permite confrontar similaridades e distinções entre este mesmo grupo em tempos distintos, buscando padrões e comportamentos que se desviem demasiadamente da atuação dos demais, inclusive do próprio posicionamento de uma década atrás (GIL, 2008, p. 16 e 17).

O questionário aplicado em 2007 foi disponibilizado impresso aos jovens sem religião, e continham perguntas gerais, acerca da identificação (idade, cor, sexo, local de moradia, escolaridade, e indicadores sociais), religião (religião dos progenitores, o motivo de se considerar sem religião, crenças, práticas religiosas, religião que simpatiza), política (participação cívica e política, atitudes políticas, opinião acerca de

partidos políticos, interferência da religião no Estado) e percepções e valores (lado positivo e negativo em ser jovem, perspectivas sobre a própria vida), drogas lícitas e ilícitas (acerca do uso maconha, cocaína, bebida alcoólica) e sexualidade (virgindade, sexo fora do casamento e aborto).

Como mencionado, o questionário manteve-se semelhante ao proposto no primeiro estudo, com as adequações necessárias para que não comprometesse a comparação dos dados obtidos. Porém, os questionários em 2007, antes impressos e aplicados pessoalmente, em 2019 foram respondidos online via Google Formulário, com as devidas orientações, tendo em vista que podem ser respondidos de acordo com a disponibilidade de horário e local de cada um, facilitando o acesso e não expondo diretamente o participante.

Ressalte-se que este tipo de instrumento de quantificação em informações de cunho qualitativo (religião e política, por exemplo), em alguns aspectos pode ser empobrecedor, pois tal pesquisa envolve reações, sentimentos e percepções dos indivíduos, ou seja, possui características subjetivas que não podem ser quantificadas ou aprofundadas (MINAYO, 2009, p. 87). Desta forma neste estudo o método qualitativo é aplicado concomitantemente ao método quantitativo, sobretudo para descrever, decodificar e dar sentido aos fenômenos (TEIXEIRA, 2003 p. 186).

Para esta dissertação, além do questionário online realizamos entrevistas em profundidade<sup>6</sup>. Inicialmente o objetivo do trabalho era a realização de grupos focais a fim de aprofundar as discussões e análises, onde os temas principais a serem debatidos coletivamente seriam religião, sobretudo acerca de composição de crença, participação cívica e posicionamentos políticos, ponderando as diversas modificações no cenário brasileiro na última década. Entretanto, devido a diminuição do número de participantes e a inviabilidade de reunir os que hoje encontram-se dispersos, além da pandemia da COVID 19 que limitou o contato face a face, foram feitas entrevistas em profundidade semiestruturadas individualmente por meio do aplicativo de reuniões Zoom Meetings, sendo realizadas perguntas acerca dos temas, permitindo o aprofundamento das narrativas trazidas pelos sujeitos pesquisados.

---

<sup>6</sup> As perguntas feitas aos participantes que responderam à entrevista em profundidade foram elaboradas de acordo com as respostas que deram no questionário respondido em 2007/2008 bem como em 2019. Desta forma, foram comparados e as questões mais intrigantes e mudanças nesse espaço temporal foram inseridas na entrevista individual.

### **3.5. Análise de resultados**

Nesta fase do estudo, com as devidas informações organizadas, foi possível obter respostas mais explícitas em relação ao problema proposto, sendo viável a interpretação dos resultados e comparação com a pesquisa anterior. Minayo (1994 apud Teixeira, 2003), afirma que existem obstáculos diante da pesquisa, sendo o primeiro a falsa impressão de respostas óbvias o que faz com que se simplifique os dados, dando conclusões superficiais e equivocadas; o segundo o envolvimento do pesquisador com os métodos e técnicas do estudo que não se alcance o significado dos dados; e o terceiro a dificuldade em se articular os resultados obtidos em seu estudo com a teoria presente nos demais.

Outra dificuldade inerente a este estudo é perceber as peculiaridades frente ao volume de dados, categorias e padrões, transcendendo a simples análise de frequência dos fenômenos, e alcançando significados e conhecimentos que efetivamente contribuam com os estudos de Sociologia da Religião. Becker afirma que para alcançar o peculiar é necessário supor que “possibilidades extravagantes” existem, com os fatos tendo igual chance de acontecer, para assim perceber que sempre ali estiveram, ou seja, é necessário “instruir o olhar” para ver os eventos (BECKER, 2007, p. 120).

Sabemos que a análise e a interpretação dos dados da pesquisa estão relacionadas de maneira que muitas vezes se tem dificuldade de diferenciá-las (Gil, 2008). Logo, se a interpretação é a relação que o analista supõe entre os dados de pesquisa e a teoria estudada por ele, é essencial equilíbrio entre arcabouço teórico e os dados obtidos, para que o resultado da pesquisa não seja tendencioso e se questione o rigor e validade da pesquisa.

O produto final da pesquisa é a elaboração de painel onde estarão presentes os dados obtidos nas pesquisas de 2007/2008 e 2018 a 2020, contendo o posicionamento político e religioso de indivíduos que se declararam sem religião em 2008, levando-se em consideração a variável tempo. Sendo, se possível, o início de estudos contínuos a cada década a fim de produzir uma série temporal em torno deste grupo.

### **3.6. Dificuldades inerentes**

Os obstáculos referentes a este estudo iniciaram-se logo no primeiro momento em que se buscou o contato com os participantes da pesquisa realizada na década passada. Ainda que estivessem preservadas informações pessoais, como por exemplo, telefone, celular, endereço e e-mail, não foi possível contatar todos os pesquisados em

2007/2008. De maneira mais insistente, fui atrás de alguns participantes por meio de redes sociais e plataforma Lattes (tendo em vista que muitos dos participantes eram universitários), o que se mostrou positivo para esta pesquisa. Ainda assim, a mudança de residência, endereço eletrônico, números residenciais e de celular, bem como a impossibilidade de contato por meio de mídias sociais reduziram o total de possíveis participantes de trinta e um para dez.

Em casos em que o contato foi realizado com sucesso, alguns não desejaram participar da continuidade da pesquisa ou não estavam disponíveis para tal. Ocorreu também a confirmação de participação na pesquisa, porém no contato posterior para o preenchimento do questionário o informante não colaborou como confirmado que faria, assim, de dez participantes, o número de respondentes do questionário decresceu para cinco. Com objetivo de compreender os motivos das recusas, estes foram perguntados do porquê da desistência, porém não houve respostas.

Gil (2008) pondera que em pesquisas de continuidade a tendência é ocorrer uma redução da amostra por ser realizada após um longo período. Isto foi percebido também no momento do contato com os participantes para entrevista em profundidade, em que apenas dois rapazes se disponibilizaram para falar abertamente de suas posturas frente à religião, política e valores morais. Assim, ainda que com poucos participantes, esta pesquisa se aprofunda nas perspectivas de cada um deles, e traz um panorama de seus posicionamentos e transformações tendo transcorrido uma década.

Cabe destacar que estudos dessa natureza geram desafios metodológicos, mas mostram-se eficazes no sentido de apontar tendências sobre o grupo estudado e seu *modus operandi*. No que tange aos estudos sobre juventude e religião esta pesquisa, em razão do baixo número de informantes, tais estudos contribuem mais para a elaboração de novas perguntas do que com respostas definitivas. Assim, longe de constituir um problema, levantamos possibilidades teórico metodológicas sobre o tema em questão.

## **CAPÍTULO I – JUVENTUDE, MODERNIDADE E SECULARIZAÇÃO: ARRANJOS PARA NOVAS DINÂMICAS SOCIAIS**

No primeiro capítulo deste trabalho busca-se adentrar no debate geracional, e moldar nossa análise acerca do segmento juvenil. Para isto, além do coorte de idade, busca-se compreender as nuances que perpassam a identidade destes indivíduos enquanto jovens num contexto de distintas moratórias e reconstrução social do que é ser jovem ou adulto. O cenário deste estudo é o de modernidade reflexiva (Giddens, 2012), que exige auto confrontação dos sujeitos e das certezas existentes. Além disto, debates acerca da secularização definem nossa perspectiva acerca da privatização das religiões e possibilidade de novas formas de fé.

### **4.1. A questão da Geração**

As concepções de juventude e vida adulta são amplamente debatidos nas ciências sociais e perpassam o conceito de geração, que desde o século XX vem sendo analisado. Segundo Feixa e Leccardi (2010, p. 187) houve três momentos históricos marcantes, em que o primeiro deles definiu-se a partir da visão positivista de Augusto Comte (2003), onde o tempo entre uma geração e outra era qualitativo, ou seja, possível de ser mensurado e de característica linear. A mensuração tornava-se viável partindo da média do tempo de substituição entre uma geração e outra, que de acordo com o mesmo seria de 30 anos. Utilizando a perspectiva biológica, as antigas gerações são substituídas pelas novas, que trazem o progresso e as primeiras a estabilidade.

O segundo momento histórico decorrente do debate geracional veio da perspectiva do filósofo Wilhelm Dilthey (1989), que negava a abordagem positivista e a noção de substituição geracional de Comte. Para ele, as gerações baseiam-se na partilha do tempo e experiências compartilhadas, isto é, na noção histórico-romântica não há um tempo natural específico de ocorrência, mas o tempo humano que interpreta, molda e significa as experiências, e que vai determinar o pertencimento ou não a uma geração (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 188).

Já o terceiro momento é pautado pela análise sociológica de Mannheim (1952), que se afasta das propostas aqui citadas, ainda que para Weller (2010, p. 208) há certa preferência do autor para com a proposta histórico-romântica de Dilthey, sobretudo no que diz respeito à compreensão da existência de um tempo interior e da simultaneidade

dos indivíduos, estabelecendo, assim, uma contemporaneidade. Mas para além de Dilthey, Mannheim sugere que os indivíduos podem compartilhar o mesmo tempo cronológico, mas interiormente os tempos são diversos; da mesma forma que a enteléquia, ou o significado e objetivos da vida dos sujeitos de diversas gerações se relacionam concomitantemente e formam o “espírito do tempo” (ibidem: p. 209).

Mannheim atenta que há princípios formativos e uniformes socialmente estabelecidos que podem ser classificados como enteléquia. Em contexto geracional, seriam sentimentos, objetivos e significados internos de um dado período, em que se concebe um “espírito de tempo”, ainda que seja um desmonte, tendo em vista que a existência geracional é plural (WELLER, 2010, p. 209).

É importante ressaltar que, estar em uma mesma unidade geracional não é equivalente a dizer que instituições ou grupos concretos surgirão de tal unidade. Logo, para Mannheim o que gera vínculos entre os indivíduos é o estado socioeconômico, uma situação social em dado momento histórico, pois forneceria a mesma base aos atores, ou seja, limitações, ações e acontecimentos que interferem na posição do indivíduo (ibidem: p. 210).

Uma sociedade que está passando por uma mudança geracional apresenta cinco aspectos levantados por Mannheim. 1. Novos portadores de cultura: pois estabelecerão dinamicidade social; 2. Saída dos antigos portadores: porque se olvida o que não possui significado e ascende a memória social; 3. Limite temporal na participação de uma geração no momento histórico: em que vivências e experiências semelhantes devem ser experimentada por quem nasceu num mesmo período cronológico (não necessariamente possuir a mesma idade); 4. Transmissão dos bens culturais acumulados: que podem causar conflitos, tendo em vista que as visões de mundo são distintas; 5. Existência de gerações intermediárias: que para Mannheim, as transformações geracionais gerariam muito mais conflitos entre as intermediárias do que as afastadas (velho x novo) (ibidem: p. 212 – 213).

Há três pontos chaves, ainda, para compreendermos a noção de geração em Mannheim. A posição geracional é a primeira, e diz respeito à potencialidade de experiências que um grupo pode vir a ter, posteriormente temos a conexão geracional, é o convívio e vínculos que uma coletividade compartilha; já unidade geracional é concebida quando indivíduos aderem a um dado grupo, posicionando-se diante de uma situação. Em suma, é possível duas pessoas fazerem parte de uma mesma conexão

geracional, participando de unidades geracionais completamente opostas (ibidem: p. 214 – 215).

O sociólogo Philip Abrams (1982) expandiu a noção de Mannheim de geração, acrescentando a ideia de identidade. Partindo do pressuposto da construção histórica de sociedade e individualidade, o conceito de identidade não pode apartar-se do contexto temporal e social que os indivíduos se encontram. Logo, a identidade é a “consciência do entrelaçamento a história individual e da história social”, e a geração é o tempo necessário para a construção desta identidade. Não é possível constatar o tempo necessário para substituição de uma geração, mas o findar de uma é marcado por eventos catastróficos de cunho político/econômico/cultural, ou quando o sistema perde sentido. Assim sendo, as discontinuidades dão início a uma nova geração (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 191).

De acordo com Margulis e Urresti, a geração faz menção ao período de sociabilidade e mudanças culturais que fazem parte da vida do indivíduo. Para eles, estas mudanças têm se tornado cada vez mais rápidas, assim, cada geração vivencia uma cultura distinta a partir do momento que incorpora os “códigos, linguagens, habilidades, percepções, apreço e distinções” (2006, p. 3).

Os autores propõem o conceito de “geração da realidade” ao se referir “às mudanças no tempo social, velocidade, sensibilidade, ritmos e gostos”, e por esta razão cada época possuirá uma “episteme”: saberes e especificidades que são absorvidos de forma veemente pelos novos componentes da sociedade. Assim, as gerações tanto compartilham quanto se distinguem por seus códigos, que por sua vez interferem e dificultam a comunicação entre elas (ibidem: p. 3 – 4).

Estas distintas percepções, apreciações e códigos resultam nas diferenças no “plano da memória”. Se as experiências não são vividas por diferentes gerações, então também não são compartilhadas por elas. Ainda que as gerações mais antigas tentem transmitir experiências às mais novas, as mais novas nem sempre assimilam, pois estão abertas a viverem novas experiências, de tal forma que elas também precisam ser próprias (ibidem).

Desta forma, se diferentes tempos e experiências separam as gerações, pode-se afirmar que dentro do espírito de tempo, onde diversos grupos coexistem, as novas gerações são ocupadas pelo segmento juvenil, que por sua vez estabelecem sua própria identidade e individualidade na esfera social, impondo suas próprias interpretações e pertencimentos.

## 4.2. O que é Juventude?

O tema “Juventude”, nas últimas décadas, é amplamente debatido no campo das ciências sociais. Ainda que inicialmente o foco das análises fosse ou uma juventude urbana, politizada, presente nas universidades e no âmbito familiar de classe média, ou uma juventude periférica, marginalizada e pouco escolarizada, viu-se dentro desta área de conhecimento a heterogeneidade do grupo, com diversas crenças, comportamentos e afins, como afirmam Tavares e Camurça (2006, p. 99 - 100).

Na perspectiva biológica, juventude equivale à puberdade e adolescência, a transformação anatômica e mental compulsória aos indivíduos da espécie humana. Contudo, neste estudo nós consideramos a juventude como uma categoria social compreendendo que a juventude não pode ser caracterizada apenas pela faixa etária, mas como interpretação das instituições sociais: uma classificação dos indivíduos para normatizar o comportamento e estabelecer direitos e deveres, funcionando tanto como “estruturante das redes de sociabilidade” quanto imaginário social (GROPPO, 2004, p. 11).

A condição de ser jovem está totalmente atrelada às condições histórico-materiais, e segundo Airès (1978) é no século XVII que o lugar dos indivíduos nas sociedades industriais é estabelecido na infância, sendo a escola educadora como marco de distinção e separação entre crianças, jovens e adultos. No período medieval, os mundos infantil e adulto eram unânimes, e crianças se misturavam e aprendiam diretamente com os mais velhos. Com o início da escolarização e agrupamento de acordo com a faixa etária, sociabilidades desta característica surgiram, e a ligação entre crianças e adultos se tornou mais tênue (PEREIRA, 2007, p. 2 - 3).

Estas sociabilidades garantiriam a transição do âmbito familiar para o institucional, formando moral e intelectualmente as crianças; entretanto, com o passar do tempo estes espaços foram recriados de acordo com as próprias demandas, novas redes de sociabilidade formaram-se dentro dos grupos de crianças e jovens, não mais limitadas à escola, mas com relação aos meios de comunicação, lazer, gêneros musicais e etc., formando subculturas (PEREIRA, 2007, p. 5).

Mas para além das preferências individuais, Tavares (2012) afirma que a cultura juvenil não é homogênea nem hegemônica, reconhecendo, portanto, as diferenças, contradições e ambiguidades presentes no grupo social que nos propomos a estudar neste trabalho.

Para Groppo (2004), no contexto de modernização burguesa (urbanização, industrialização, criação de Estados nacionais e mercado capitalista) mais desigualdades e diversidades foram geradas, sem que fosse possível “sair ileso”. O desenvolvimento desigual da sociedade exige diferentes condições e esforços para alcançar metas institucionais, sendo então necessário analisar a categoria juventude de acordo com classe social, geração, gênero e nacionalidade por exemplo.

Segundo Margulis e Urresti (1996), há uma moratória social e vital, que seriam certos privilégios da Juventude. A moratória vital seria o capital temporal e energético que os jovens possuem (mais tempo para fazer as tarefas e mais tempo para viver), e a moratória social o período anterior à maturidade onde há maior permissividade.

A moratória social e vital varia de acordo com classe, cultura e gênero. Em setores favorecidos da sociedade, ou seja, nas classes média e alta, o aumento do tempo de estudo adia a entrada dos jovens na categoria adulta, atrasando sua entrada no mercado de trabalho e conseqüentemente deixando a constituição de uma família para anos depois. Já os jovens mais pobres se veem obrigados a trabalhar cada vez mais cedo, sobretudo em períodos de crise econômica, conseqüentemente possuindo menor tempo de estudo e constituindo família com menor idade, em média, que jovens de classe alta.

Da mesma maneira, quando nos referimos a gênero, mulheres possuem menor moratória temporal que homens, pois enquanto mulheres lidam com a maternidade e em sua maioria com os afazeres domésticos que alteram a forma como administram e desfrutam o tempo, os homens não possuem responsabilidade em mesmo grau. É válido lembrar também que a cultura determina os papéis de cada indivíduo na sociedade, alterando sua moratória (PEREIRA, 2007, p. 6).

Na presente pesquisa, ao serem questionados se sentem-se jovens, o único participante a se considerar adulto foi também a única mulher no grupo. Apesar de possuir a menor faixa etária deles, 27 anos, ser solteira e relatar as mesmas vivências relacionadas ao amadurecimento que os outros participantes (aumento da preocupação e responsabilidades da atual idade) Maria, como vou chamá-la, selecionou em seu questionário que uma pessoa deixa de ser jovem ao completar 24 anos. É interessante frisar, contudo, que no questionário aplicado a mesma em 2007, Maria considera que nunca se deixa de ser jovem, apenas quando se enfrenta os problemas sozinhos e perde-se a alegria de viver. Percebemos então que ao alcançar uma idade mais avançada Maria

não vê mais sentido em declarar-se como jovem que para ela pode representar que as dificuldades enfrentadas no cotidiano são características do segmento adulto.

Ainda em relação às moratórias, acrescento o fator racial que perpassa as questões sociais e de gênero. Em contexto brasileiro, no ano de 2016 a população negra (pretos e pardos) morreu duas vezes mais que a população não negra (brancos, amarelos e indígenas), 16% contra 40,2%. Entre os anos de 2006 e 2016, a taxa de homicídios contra negros aumentou 23%, enquanto contra não negros diminuiu aproximadamente 7%. Em relação às mulheres negras, no mesmo período de dez anos, homicídios aumentaram 15,4%, por sua vez quando se trata de mulheres não negras as taxas de homicídios diminuíram 8% (CERQUEIRA, LIMA, BUENO, et al, 2017). Segundo o IBGE, no ano de 2017 o analfabetismo entre pessoas acima de 15 anos era de 9,9% para negros enquanto para brancos representa menos da metade, 4,2%. Não é meu objetivo neste trabalho detalhar as diferenças de moratórias entre brancos e negros, contudo é relevante destacarmos que o capital vital e social entre eles é discrepante.

Quando a sociedade se divide em grupos de acordo com as fases de vida, diferentemente das sociedades pré-modernas onde as divisões eram por meio de parentesco, cria-se uma vida relativamente separada do âmbito familiar e ambiente de parental (GROPPO, 2004), havendo a necessidade de uma socialização secundária, baseada nas instituições, com autonomia econômica, religiosa, política e cultural (BERGER e LUCKMANN, 2007, p. 184 - 185). Por esta independência, torna-se uma escolha interromper ou dar continuidade aos valores das gerações que antecedem o indivíduo (PEREIRA, 2007, p. 6).

Tavares e Camurça (2006, p. 113) afirmam que a juventude assimila e conjuga as tradições familiares, recriando-as para que adquiram novos valores e costumes baseados nas experiências pessoais que obteve fora do contexto parental. Pais (2003) traz também a perspectiva do rompimento de valores tendo origem de classe, não apenas geracional, e neste contexto manter-se reproduzindo os papéis sociais é reproduzir gênero, raça e classe. Da mesma forma, reforçar a cultura juvenil seria manter as estruturas de classe (apud PEREIRA, 2007, p. 7).

Um exemplo diz respeito ao grupo juvenil relacionado aos movimentos estudantis, sobretudo universitários. Em estudos das Ciências Sociais realizados desde a segunda metade do século XX no Brasil (Ianni 1968 e Foracchi, 1972, por exemplo), jovens deste movimento muitas vezes eram considerados mais politizados que grupos proletários, devido à contraposição à hegemonia política da época e porque visavam à

possibilidade de alcançar metas que a geração anterior não foi capaz; ainda que isto tenha ocorrido devido a possibilidade da não vinculação de grande parte destes jovens com o mercado de trabalho garantido pelo apoio financeiro das famílias de classe média e/ou alta. (TAVARES, 2012, p. 186).

É importante não nos atermos a apenas uma motivação ao rompimento de valores (geracional ou de classe), pois as transformações juvenis não têm por objetivo apenas superação de uma geração para iniciar outra, ou quebra do sistema capitalista. Para além disto, as culturas juvenis, segundo Feixa (2006), instigam a pensar os diversos territórios, pois vão ao encontro com raça, classe e afins. Em contexto urbano metropolitano, sobretudo os periféricos, os espaços ganham novos usos como forma de recuperar um espaço público e dar-lhes territórios próprios (praças, escolas). As questões raciais e religiosas, por exemplo, também articulam a juventude, formando circuitos de lazer e redes de sociabilidade (apud PEREIRA, 2007, p. 13).

A juventude nas periferias metropolitanas possui distintas características sócio econômicas, o que afeta diretamente nos bens materiais e imateriais aos quais possuem acesso, como por exemplo educação e entretenimento. Pereira considera as diferenças de perceber o lazer para a juventude e sua família, que muitas vezes compreendem momentos de descontração como um “perigo das ruas”, que vai de encontro à ética do trabalho, incentivada, sobretudo nas camadas de base da sociedade (ibidem: p. 14).

Groppo (2004, p. 14 - 18) relata que os primeiros grupos ao quais os jovens têm contato são organizados por adultos, e esta institucionalização dá-se no âmbito escolar, da juventude dentro das igrejas, partidos, universidades e mercados de consumo. Esta realidade social aproxima e permite a convivência entre os indivíduos de mesma faixa etária, fazendo com que se comportem de maneira semelhante ao mesmo tempo em que faz com que o sujeito crie sua identidade e versão alternativa à dominante. Porém, contemporaneamente, com a “desinstitucionalização dos cursos de vida”, tanto a faixa etária quanto as instituições (sobretudo Estado) ligadas ao indivíduo não seriam mais essenciais para determinar a vida no âmbito privado, inclusive o caráter biológico, sendo de total responsabilidade do indivíduo, se caracterizando como “reprivatização”.

Na atual conjuntura, até o conceito de juventude enquanto fase transitória e construção da realidade perde-se para adquirir características de “um jeito de ser” totalmente escolhido pelo sujeito independente da idade. Para o autor, este fato pode representar tanto liberdade quanto uma flexibilização das relações de trabalho. Quando juventude dá lugar à “Juvenilização”, perde-se a perspectiva de adolescência e seus

conteúdos e contradições passando para a perspectiva de uma cultura de mercado, tendo mais espaço para “compor a identidade, comportamentos e valores - e transformá-los” (GROPPO, 2004, p. 19).

Segundo o mesmo autor, a “reprivatização” coloca em risco a juventude, pois faria regredir os direitos sociais de infância, juventude e velhice, a “anomia social”, ou seja, a transição necessária aos agentes sociais para se adaptarem ao contexto social com conhecimentos acerca de cidadania e consciência social, por exemplo, ficariam prejudicados (ibidem).

Abramo (2005) considera que em períodos de crise este processo de transição que é fundamental para se passar para a vida adulta é alterado, pois em alguma etapa desde a escolarização até a entrada no mercado de trabalho o jovem é prejudicado, fazendo com que assuma responsabilidades da vida adulta como, por exemplo, matrimônio e paternidade antes mesmo de ter conseguido concluir as responsabilidades da vida juvenil. Como consequência a etapa da juventude se prolonga porque esses indivíduos passam a assumir responsabilidades de adulto enquanto mantém dependência dos pais, o que marcaria uma contradição (apud SOFIATI, 2008, p. 11).

#### **4.3. A perspectiva de ser jovem adulto**

É possível perceber através dos dados desta pesquisa que ainda que haja uma transposição de responsabilidades características da juventude para a vida adulta, quatro dos cinco participantes declararam-se jovens. Ou seja, mesmo adquirindo emprego, responsabilidade financeira, saída da residência dos responsáveis e mudança do estado civil (para um deles), estes indivíduos ainda se consideram jovens.

Em entrevista em profundidade, Thiago (ateu, 31 anos, solteiro), após responder que se sente muito jovem, foi questionado sobre o que marcaria a diferença entre ser um jovem ou adulto. O mesmo respondeu:

Essa pergunta é bem difícil, porque tem toda a questão da responsabilidade. Hoje eu me sustento, eu moro sozinho, só que me sinto muito... Não é desprotegido, a palavra não é essa, mas me sinto realmente muito jovem. (Teria relação com família, talvez?) Não, acho que não. Porque o fato de ter saído de casa e não depender de mãe e tudo mais poderia ter feito eu me sentir adulto, né? Mas eu não me sinto, não (Thiago, ateu, 31 anos).

A autora Maria Rita Kehl (2004, p. 44) afirma que a juventude é um sintoma da cultura. Para ela, no século XX havia prestígio na fase adulta tanto de homens quanto de mulheres, e a necessidade por parte dos jovens em ostentar símbolos da fase adulta.

Parafrazeando Nelson Rodrigues, a autora define que “O Brasil de 1920 era uma paisagem de velhos”, e também “A época não suportava a mocidade”, ou seja, havia uma necessidade social em demonstrar uma idade mais avançada como sinal de respeitabilidade e avanço.

Na década de 1950 a adolescência e juventude passam a ser valorizados, sobretudo pela indústria cultural. A crise no capitalismo que aumenta a escassez de trabalho, a expansão do tempo de estudo para além da graduação, dependência familiar, falta de função no espaço público definem um novo mercado, intitulado jovem: de cidadão para consumidor em potencial (KEHL, 2004, p. 45).

Juventude passa a ser sinônimo de inteligência, vigor, rebeldia, luta por utopias, emancipação sexual, alguém livre de amarras morais e religiosas. Por uma lógica mercadológica, Kehl (2004) sugere que “ser jovem” torna-se “um slogan, um clichê publicitário, um imperativo categórico”, uma condição da elite capaz de consumir mercadorias carregadas desta característica juvenil. A imagem de jovem consumidor passa a ser oferecida a todas as classes sociais, que por sua vez absorvem este conceito independente da idade. A autora ainda acredita que a cultura do dinheiro, do cinema, da televisão redefine os critérios de maturação humana transpondo o natural, “congelando as gerações” e transformando o estado juvenil em algo perpétuo (ibidem, p. 46 - 47).

Maria Rita Kehl utiliza-se de um termo “*teenagização*” da cultura ocidental tendo como base a perspectiva de que se a nova regra é viver como um adolescente ou jovem, com seus “anseios, esperanças e disponibilidade”, há pouco espaço para a “desconfiança, seletividade e perfil existencial” de pessoas adultas mais experientes. Ao espelhar as experiências e expectativas com os ideais *teen*, adultos sentiriam desconforto na transmissão de valores sobre a vida aos descendentes, deixando a “vaga de adulto desocupada”. Torna-se difícil estabelecer-se na posição de “adulto e velho” na nossa cultura, então cria-se um conflito de geração, contrapondo-se em lados bom e mau (ibidem: p. 49).

No questionário aplicado aos cinco informantes a pergunta “Como você se sente como jovem: você diria que há mais coisas boas ou mais coisas ruins em ser jovem?” esteve presente no questionário de 2007, e no aplicado em 2019, substituiu-se a palavra jovem por adulto. Assim, o objetivo era compreender a posição do participante em relação ao ser jovem ou ser adulto, e estabelecer uma comparação. Percebeu-se que, para três dos cinco participantes, existe uma posição mais pessimista em relação à fase adulta do que em relação à juventude, como podemos observar abaixo:

**Quadro 2 - Perspectiva em ser jovem ou adulto**

Participante	Como você se sente como jovem? (2007)	Como você se sente como adulto? (2019)
<b>Davi</b> (32 anos)	Há mais coisas boas	Há coisas boas e ruins em proporções semelhantes
<b>Fábio</b> (30 anos)	Há mais coisas boas	Há mais coisas boas
<b>Thiago</b> (31 anos)	Há mais coisas boas	Há coisas boas e ruins em proporções semelhantes
<b>Luiz</b> (31 anos)	Há mais coisas ruins	Coisas boas e ruins em proporções semelhantes
<b>Maria</b> (27 anos)	Coisas boas e ruins em proporções semelhantes	Há mais coisas ruins

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Há certa unanimidade entre os participantes ao abordarem os pontos negativos em ser adulto são praticamente unânimes: as responsabilidades, preocupações e dificuldade em conseguir uma oportunidade de trabalho consolidam-se como suas principais aflições. Para a maioria deles, estar no segmento adulto mostrou-se mais adverso que ser jovem.

A dificuldade em estabelecer-se como adulto, para Kehl possui certa periculosidade, pois a experiência perde significado e o lugar da produção do discurso é ocupado por razões de Estado ou mercadológicas. Mais do que criar memórias como argumento de autoridade e ditar regras, as experiências precisam ser absorvidas para criar a identidade do indivíduo. Para a autora, “esvaziar e desvalorizar a experiência retira o sentido da vida” (2004, p. 49).

Se por um lado a fase jovem pode ser mantida em qualquer idade pela adoção de bens de consumo e serviços, por outro lado a velhice também perde relação com uma faixa de idade específica (descronologização), e é alcançada quando ocorre descaso com o próprio corpo, falta de motivação, e como a própria autora afirma, como uma “doença auto infringida” (DEBERT, 2010, p. 51).

Debert (2010, p. 62 – 63) ressalta a dificuldade em abordar a fase adulta, tendo em vista que os estudos acadêmicos têm se concentrado principalmente na infância, juventude e terceira idade, deixando assim uma lacuna em termos de estudos sociais desta fase da vida. Muitas vezes esta etapa é vista como um declínio da vida em direção à velhice, ao invés de avanço e possibilidade de novas vivências.

A autora aborda duas maneiras de se observar a idade adulta: na perspectiva de Giddens (1992), em que é no contexto moderno que, ao invés da abordagem de “ciclos de vida” marcado pelas gerações, passa-se a considerar o curso da vida, marcado por etapas e fases de transições, crises e superações; e na noção de Boutinet (1995), em que a vida adulta é sombria, marcada por crises, desemprego, escolarização ininterrupta, caracterizada por uma juventude interminável e aposentadoria precoce, sendo cada vez mais difícil ser um adulto ativo e que consiga constituir sua identidade baseado na família, trabalho e religião (apud DEBERT, 2010, p. 63).

Acerca de como se sente em relação à vida adulta, um de nossos entrevistados Luiz (31 anos, agnóstico), demarca esta dificuldade de auto definição como adulto. No ano de 2007, o mesmo havia assinalado que nunca se deixa de ser jovem, e comparando com a perspectiva atual, percebe-se o Luiz não atrela o pertencimento ao segmento juvenil às responsabilidades que adquiriu com o passar dos anos, como podemos ler a seguir:

Eu me sinto uma pessoa jovem/adulta (risos). Eu tô começando a me sentir... Eu não sei, eu tô meio em construção social e histórico, acho que a gente só se sente adulto quando passa a ter as devidas obrigações, e a gente sempre leva isso pras obrigações financeiras, como se fosse a única obrigação que devesse ter. Obrigações financeiras: eu não tenho muitos gastos, não tenho muita conta pra pagar, eu moro com meu pai e minha mãe, então me desloco muito com os dois e eu não tenho muita pretensão de sair de casa solteiro. Minha pretensão seria mais morar perto do trabalho, só isso. Então assim, me sentir como um homem adulto nesse sentido, nessa construção social que se faz, eu acabo me sentindo influenciado por essa lógica, aí eu penso “mas eu não pago nada”, então talvez eu não me sinta tão responsável assim. Eu sou professor, dou aula pra mais de 200 alunos, é uma responsabilidade na sobrevivência dessas pessoas, na construção do conhecimento delas. Então me porto como adulto em alguns momentos, mas eu não consegui alcançar, talvez, essas responsabilidades ditas de adulto. Como se forma um adulto? Tem uma pessoa de 20 anos que consegue ter uma renda e pode morar sozinha e é mais adulta que uma de 30 que não consegue? Então isso varia muito na concepção social. Então me sentiria esse jovem adulto (Luiz, agnóstico, 31 anos).

Assim, é notório que Luiz possui o conflito em definir sua identidade enquanto um sujeito adulto, pois ainda que não esteja relacionada às obrigações da vida que possui hoje, dispõe sentido nas características positivas atrelados à juventude e estigmas

negativos voltados à fase adulta. Desta forma, é relevante observarmos sob que contexto estas circunstâncias são traçadas.

#### **4.4. Modernidade Reflexiva**

Consideramos relevante colocar em tela o debate sobre modernidade reflexiva uma vez que nossos sujeitos investigados demonstram esse processo na construção de suas escolhas e identidades. A literatura é vasta, mas vamos nos concentrar em Giddens e Beck (2012) e em Daniele Hervieu-Léger (2005), demonstrando suas principais contribuições ao debate.

Daniele Hervieu-Léger propõe quais seriam as três características principais da modernidade. São elas: 1. O avanço da sociedade em direção à razão, respondendo critérios a partir do pensamento científico; 2. A busca de um mundo racionalizado pela ação humana onde o homem daria sentido à sua própria existência, orientando o mundo que o cerca, cooperando com outros numa perspectiva cidadã e; 3. Organização social com diferenciação de instituições, sociais, políticas, econômicas, movidas segundo suas regras, em que não se confundam, ao mesmo tempo em que se tem a consciência que não são independentes (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 35 - 37).

Para este trabalho, daremos destaque ao conceito de modernidade na perspectiva de Antony Giddens e Ulrich Beck (2012), pois os mesmos analisam o contexto da existência de mundo social e natural influenciado pelo avanço do conhecimento humano, ao contrário de outras perspectivas acerca da modernidade, que estabelecem estes avanços aos atos coletivos de controle sobre a espécie humana.

Para os autores, as novas estruturas dos sistemas globais, o que chamamos de globalização, interagem e mudam a vida cotidiana de tal maneira que o sistema político, antes responsável pelas principais tomadas de decisões, é remodelado e redefinido. As situações que acontecem no mundo “estimulam a crítica ativa”, ou seja, é um mundo da reflexividade (GIDDENS et. al., 2012, p. 9).

Ulrich Beck afirma que com o fim do mundo comunista (1989), as características do mundo Ocidental, democracia e capitalismo, espalharam-se pelo globo, ainda que não ameaçassem de forma direta “as bases físicas, culturais e sociais” do mundo Oriental. Parafraseando Karl Marx o autor considera que novas formas sociais designam-se não pelas crises do capitalismo, mas pelas vitórias, ou seja, o que está desfazendo as sociedades industriais não é a luta de classes, mas a modernização (2012, p. 11 - 12).

Por esta perspectiva a elite existe e permanece: por revolucionar constantemente os instrumentos de produção, que por sua vez perturbam as relações sociais, e geram incertezas e agitações. Os relacionamentos e ideais antes fixados e admirados são destruídos e dão lugar a outros, que segundo os autores “tornam-se obsoletos antes de fixar-se”, e os indivíduos são obrigados a enfrentar a racionalidade e condições reais da vida (MARX e ENGELS, 1972, p. 465).

As mudanças da sociedade industrial, realizadas de maneira “clandestina” e sem planejamento, estão abrindo caminho para essa nova modernidade, praticamente sem revoluções, superando influências políticas, conflitos, partidarismos, pobreza, inclusive democracia; nascendo pela ascensão econômica e avanço da técnica. Beck (2012, p. 15) considera como exemplo a participação das mulheres no mercado de trabalho, que é incentivada (a variar o grau) pelos partidos políticos e revoluciona as ocupações, política e esfera privada, não de forma abrupta ou de uma hora para outra sendo bem aceita, mas de forma silenciosa na maioria das vezes: assim a modernização reflexiva acontece.

Contudo, é importante esclarecer que a modernização reflexiva envolve o desenvolvimento, que em si é o oposto da base social: nacionalismo, pobreza, fundamentalismo religioso, crises econômicas, problemas ambientais, guerras e afins. Ou seja, a modernidade reflexiva é diferente das mudanças sociais, ao mesmo tempo em que pode se ajustar a elas, sobrepondo-se ou intensificando essas mudanças (ibidem: p. 16).

No que diz respeito à crítica temos, nesta nova era da modernidade, que cada sujeito concebe o objeto que deseja julgar seja ele: movimentos sociais, emancipação feminina, trabalho, público e privado etc. O alvo das críticas dificilmente é bem delimitado, devido independência e o processo em que a alcançou; mas torna-se comum criticar a modernidade em si e suas dinâmicas, de modo a surgirem alianças e conflitos (ibidem: p. 28).

No questionário realizado nesta pesquisa, as respostas refletem a situação descrita acima. Não há unanimidade relacionada às críticas, apoios e participação a movimentos, reivindicações e organizações. Questões como, por exemplo, ocupações de terras improdutivas para reforma agrária e prédios públicos, manifestações pela paz e abaixo assinados em busca de melhorias não tiveram apoio ou discordância igualmente. Da mesma maneira, voluntariado em ONG's, educação e saúde, defesa

do meio ambiente e afins, a participação ou pelo menos desejo em participar não é igual entre eles.

O conceito de modernização reflexiva não considera em si o significado “reflexivo”, que seria refletir, contemplar; mas, sobretudo a “auto confrontação”, justamente por ser algo clandestino, sem planejamento ou desejado. A sociedade de risco existe justamente porque a sociedade industrial é dominante; ela é uma continuidade do processo de modernização (ibidem: p. 18).

Beck explica que primeiro existe a sociedade industrial moderna que ao mesmo tempo em que se constrói baseada nos recursos naturais e culturais, os dissipa com o surgimento de uma nova modernização; depois, busca segurança para as ameaças que ela mesma criou; e por último, os ideais tanto coletivos quanto específicos que apoiaram a democracia e sociedades ocidentais no século XX estão, segundo o autor, sofrendo de exaustão, desintegração e desencantamento. A partir de então, afirma que o que define os indivíduos está se perdendo. Se no período feudal as pessoas se “libertavam” das certezas religiosas rumo a uma sociedade industrial, hoje saem de uma sociedade industrial de encontro com uma turbulenta sociedade de risco global (2012, p. 20 – 21).

Nas sociedades ocidentais em contexto de *Welfare State* (Estado de bem estar social) os indivíduos possuem direitos e deveres, assim como conflitos pessoais e sociais, entretanto o que anteriormente era superado no seio familiar ou do coletivo, agora deve ser absorvidos, interpretado e solucionado pelo próprio. Desta forma, as famílias nucleares estão mais escassas, a consciência de classe perdeu destaque e é comum arriscar-se sem “uma boa base fundamentada e responsável, considerando as possíveis consequências” (ibidem: p. 21).

A individualização, tanto para Beck quanto para Giddens, é a “desincorporação e reincorporação dos modos de vida por outros novos” onde o indivíduo “produz, representa e acomoda suas próprias biografias”. Para eles, o processo não seria natural ou voluntário. Quando ocorre a desincorporação e reincorporação, o modelo de vida dentro do seio familiar, por exemplo, é substituído e há uma nova “disposição da vida”, em que não existe a obrigatoriedade que existia no modo tradicional, mas agora cada indivíduo é responsável por si, planejando, interagindo, definindo seus compromissos e ideias, deixando de lado as certezas e relativizando-as (ibidem: p. 30-31). Não à toa, surge como resposta em questão aos participantes da pesquisa as muitas preocupações e responsabilidades da vida adulta, que quando em menor faixa etária poderia ser compartilhada facilmente com a família, e hoje se torna uma tarefa individual.

É interessante dizer inclusive que surge uma crítica à individualização, conjurando sentimentos de empatia e solidariedade, que surgem a partir do momento em que a individualização é compulsiva, numa busca pelo “autoprojeto e autorrepresentação dos compromissos e das fases da vida”. Ainda que o sujeito escolha o que fazer, há a obrigação em “apresentar e produzir”, algo que não é totalmente livre, mas arrancado do indivíduo, e está totalmente atrelado à participação da força de trabalho. Os direitos que deveriam ser sociais na verdade são individuais restritos aos trabalhadores (ibidem: p. 33 - 35).

Esta individualização também está na esfera do conhecimento, onde o objetivo está no acúmulo de informações e autoconfiança. Beck considera que o aperfeiçoamento do campo educacional, com maior abrangência, empregos que ofereçam maiores salários fazem com que os indivíduos saiam da esfera da obediência ainda que ajam de acordo com as formas institucionais.

Concomitantemente os indivíduos se afastam dos compromissos com as instituições, como também desvinculam sua identidade e existências a elas, ou ainda se alinhando a outros grupos, mesmo que de maneira pouco firme (ibidem: p. 40). Beck realiza as considerações que ponderei anteriormente numa perspectiva política, mas acrescento ainda o viés religioso.

É importante ressaltar ainda que a individualização dos conflitos e interesses não significam desengajamento ou esgotamento. Na perspectiva política ocorre a mistura e combinação de polos opostos (ou aparentemente opostos), que seria agindo como um representante da direita ou da esquerda, de maneira radical ou conservadora, ecológica ou antiecológica de maneira concomitante, o que significa que estas diretrizes talvez não estejam tão claras (BECK, 2012, p. 41).

No contexto de modernidade reflexiva, ocorre o surgimento de um tipo diferente de racionalidade, ou seja, há uma reforma na racionalidade. Ao mesmo tempo em que se “reflete, fragmenta e destrói” o conhecimento frágil e “pseudocertezas”, o que podemos considerar por positivo baseado na ideia de que a ciência necessita dos questionamentos e dúvidas para avançar; também os indivíduos estão receptivos a maneiras “experimentais, abertas e pessoais” de fazer ciência, fazendo com que estejam mais tolerantes a conceitos “contrários e incompatíveis”. Segundo autor, “não se trata de uma racionalidade em excesso, mas de uma chocante ausência de racionalidade”, uma doença da sociedade industrial que pode ser curada apenas com a radicalização da racionalidade (ibidem: p. 59).

O surgimento de contra modernizações ou conflitos entre as modernidades são latentes. Onde as instituições tradicionais perdem força, novas alternativas surgem para manter a mesma ação, assim como novas formas de rigidez. Se outras opções não surgem, as antigas certezas voltam à tona, muitas vezes com “disfarces”. “Não estamos experimentando o renascimento do povo, mas o renascimento da encenação do povo”, onde haveria resistência a mudanças efetivas, e assuntos como “nacionalismo e violência”, por exemplo, mesmo tendo um passado de massacres, passam a ser bem aceitos, “com características de autodeterminação”. Surge a oposição entre a velha e nova modernidade (ibidem: p. 73 - 74).

Podemos citar como exemplo o estudo de Carlos França (2010) acerca do surgimento e ressignificação de grupos de *Skinheads* no Brasil, que em contexto de crise econômica e mundial da década de 1980 surgiram responsáveis por confrontos urbanos e ataques de cunho racista e xenofóbico. Estes acreditavam que a raça determina comportamentos e padrões culturais, onde a miscigenação de brancos sulistas (do Sul e Sudeste) com negros e nortistas (Norte e, sobretudo Nordeste) faria prevalecer uma condição “primitiva” na população brasileira tendo como consequência as altas taxas de “criminalidade, delinquência e mendicância”.

Com uma atual ressignificação, este grupo “abriu os braços” para a composição étnica brasileira, mas com a “nova” narrativa “da busca por um país melhor”, mas sem o descarte da hipótese de agressões a negros e nordestinos por esta causa, ao mesmo tempo em que não gostam de se autodenominar neonazistas e racistas (FRANÇA, 2010, p. 94 – 95).

#### **4.5. Sob disfarce de uma sociedade pós-tradicional**

Anthony Giddens (2012, p. 90), afirma que nesta modernidade estamos “sob disfarce de uma sociedade pós-tradicional”. Ainda que a modernidade em certo grau se oponha à tradição, não houve uma destruição desta, mas uma “reconstrução enquanto a dissolvia”. No ocidente, recriar a tradição foi fundamental estabelecer projetos de poder, como imposição sobre os sujeitos. Alguns aspectos não permaneceram intocados, entretanto, a família e vida social, por exemplo, foram polarizados.

Para alcançar a perspectiva de viver numa sociedade pós-tradicional, tomaremos o significado de tradição e sociedade tradicional. Para Giddens, a tradição consistiria na liga que une “as ordens sociais pré-modernas”, estando intimamente ligada ao tempo e à prática da repetição, sempre relacionada ao passado que é estruturado a fim de possuir

forte influência no presente, como também práticas para moldar o futuro (2012, p. 98 - 99).

Segundo Shils (1981), as tradições também mudam, mas possuem caráter persistente, de modo que crenças e práticas resistem apesar das mudanças. A característica orgânica da tradição de “desenvolver, amadurecer, ou enfraquecer e morrer” não retira sua validade, pois para o autor a grandeza de uma tradição está mais correlacionada à integridade ou autenticidade do que o tempo de existência em si. Halbwachs (1992) liga a tradição à memória coletiva, que possui “guardiões” e “rituais”, combinando “conteúdo emocional e moral”. É relevante trazer à tona que o passado é reconstruído de acordo com o presente, sendo em partes individual e em partes coletivo, não podendo ser confundido com a lembrança, pois a memória é ativa e social (apud GIDDENS, 2012, p. 99 - 100).

Giddens segue afirmando que “a tradição é um meio organizador da memória coletiva”. Os guardiões das tradições tendem a ser as pessoas idosas, pois estes absorvem melhor as práticas tradicionais com o passar dos anos e possuem mais tempo disponível para analisá-las, observar as interações e passá-las aos jovens. Não existe tradição privada, simultaneamente que mantê-la demanda não apenas “persistência com o tempo”, mas também o trabalho de ligar passado e presente (2012, p. 100-101).

O conteúdo da tradição “representa não apenas o que ‘é’ feito de uma sociedade, mas o que ‘deve ser’ feito”, entretanto estas “regras” não estão claramente expostas, mas interpretadas e orientadas pelos guardiões dessa tradição. Em relação à moralidade, a tradição oferece segurança, estando intimamente ligado à afetividade investida, funcionando como controle de ansiedade (ibidem: p. 103 - 104).

Em nome dessa segurança e das relações afetivas envolvidas, quando a tradição está ameaçada o indivíduo também sente sua identidade e seu eu ameaçados. Aquilo que é familiar ao sujeito gera confiança, e o rito reforça este sentimento revelando a participação numa comunidade cultural partilhada. Estar em um grupo com tradições revela também a autoridade, em primeiro lugar de “ponto de referência do conhecimento”, em segundo a autoridade do “indivíduo ou grupo tem sobre os outros”, com capacidade de elaborar normas para fazer parte deste (ibidem: p. 125 e 128).

Neste sentido, podemos pensar esta narrativa em duas perspectivas. Na primeira delas o estudo de Silvia Fernandes (2011a, p. 673) acerca de jovens na vida religiosa católica na Toca de Assis, em que os mesmos se aprofundam na vida institucional, muitas vezes na situação de clausura com votos de castidade e pobreza, abdicando dos

bens materiais e inclusive conhecimentos acadêmicos para “enriquecimento” de práticas espirituais, como por exemplo, orações e eucaristia, reforçando que o conhecimento advém de Deus. Ou seja, neste ponto da vida religiosa há um reforço do tradicionalismo e ritos católicos e negação dos muitos conhecimentos, práticas e movimentos modernos, estabelecendo uma identidade. Fernandes cita Rodrigo Portella quando afirma que “a Toca pode se configurar como um ‘protesto contra certa faceta da Igreja que comunga com a modernidade racional e desencantada’” (PORTELLA, 2009, p.192 apud FERNANDES, 2011a, p. 675).

Numa segunda perspectiva desta narrativa, podemos pensar o crescimento exponencial do número de sem-religião no país, que em sua maioria creem, mas não pertencem a qualquer religião, de acordo com o último censo do IBGE (2010). O que desejo considerar aqui é: em contexto de modernidade a reafirmação de valores tradicionais, resignificação (por meio de crença não institucionalizada) ou abandono da fé são faces da mesma moeda no contexto social religioso.

#### **4.6. Processo de secularização**

Para pensar a desfiliação ou desinstitucionalização juvenil consideramos importante situar o conceito de secularização na tentativa de avaliar seu possível rendimento analítico para o nosso objeto.

Ainda que não haja consenso entre estudiosos acerca da secularização, podemos considerá-la a partir do conceito de alguns autores (Berger, 1985; Casanova, 2011; Sell, 2017). Baseado numa perspectiva ocidental em contexto de modernidade, consideremos secularização como processo histórico que levou à privatização da religião, ou seja, ocorreu a separação entre Estado e Igreja na qual a religião desloca-se de âmbitos econômicos, políticos, sociais e culturais, que estavam sob seu controle (centro), passando para a esfera individual (periferia), e o Estado tornando-se laico.

Neste sentido, Peter Berger (1985) afirma que mais que um processo socioestrutural, na secularização o conteúdo religioso retira-se também de esferas artísticas, filosóficas e científicas, adquirindo características autônomas. Tal fato também possui seu lado subjetivo, que acarretou na secularização da consciência. Assim sendo, para o indivíduo interpretar sua vida e o mundo que o cerca, não é mais necessário o recurso religioso para tal.

Segundo o mesmo autor, o termo “Secularização”, antes era usado em contexto de guerras religiosas ao referir-se a “perda do controle de territórios ou propriedades por

parte de autoridades eclesiásticas”, e como “retorno do que é religioso ao mundo” para o Direito Canônico). Com o passar do tempo adquiriu características valorativas. Se por um lado descrevem secularização enquanto “libertação do homem da religião”, por outro lado torna-se sinônimo de “paganização” (BERGER, 1985, p. 117 - 118).

Para além da ideologia que muitos atribuem ao termo, empiricamente falando, pode-se afirmar que o processo aqui estudado tem conexão histórica direta com o Protestantismo, tomando-se em consideração a Reforma ocorrida no século XVI, quando Martinho Lutero redigiu fortes críticas à Igreja Católica, sobretudo pela centralidade do poder e terras nas mãos da Igreja e do Papa, pagamento de indulgências, dificuldade de acesso à Bíblia, uso de imagens pela igreja e santos como mediadores entre seres humanos e Deus.

Comparando Igreja Católica e Protestante, Berger afirma que enquanto a primeira permitia um mundo onde o sagrado poderia ser alcançado pelo indivíduo por diversos meios (sacramentos, intercessões e milagres), esta última provoca redução do âmbito sagrado na realidade vivida, assim como objetos sagrados (1985, p. 124).

Simplificando os fatos, pode-se dizer que protestantismo despiu-se tanto quanto possível dos três mais antigos e poderosos elementos do sagrado: o mistério, o milagre e a magia. Esse processo foi agudamente captado na expressão “desencantamento do mundo” (BERGER, 1985, p. 124).

Desencantamento do mundo, tal como se refere Berger na citação, foi originalmente proposto por Max Weber. Pierucci (2003) destina sua obra “O desencantamento do mundo” para estudo detalhado desta expressão. Analisando os sentidos em que foi abordado por Weber, das vezes em que “desencantamento” incidiu nas obras do autor, elas simbolizam perda de sentido, desmagificação e ambas as expressões concomitantemente.

Renarde Nobre (2006, p. 513) relaciona desencantamento do mundo, com protestantismo, mais especificamente puritanismo, e secularização, afirmando que o puritanismo radicaliza o desencantamento, promovendo uma cultura ascética, através da eliminação da magia para o acesso do fiel ao seu Deus ao mesmo tempo em que há um apego ao racional, vendo nisto o poder divino.

Nesta mesma perspectiva, Berger ainda afirma que a partir do momento que se extrai do mundo a divindade, tira-se o homem do “estado de queda”, e quando se “rompe” o único canal de relacionamento entre homens e Deus, a Bíblia, a

implausibilidade emerge. Logo, “Deus está morto” (BERGER, 1985, p. 125). Desenvolvendo este raciocínio e relacionando à expressão debatida acima, Nobre (2006) pondera:

A ideia nietzschiana da “morte de Deus”, em contrapartida às racionalizações do campo religioso – no qual se situa o sentido original da expressão “desencantamento do mundo” –, refere-se a uma efetiva perda de importância dos valores sagrados, uma vez que os sentidos pelos quais os fiéis justificavam e regulavam suas vidas se viram inexoravelmente desvalorizados, desacreditados, ao que Nietzsche se refere como sendo a falência dos “valores superiores”. Como a famosa “notificação de óbito” de Deus tem como alvo a divindade cristã, ela aplica-se diretamente à história do Ocidente, na qual a crença em um Deus todo poderoso suprassensível, imutável, onisciente e supramundano foi, durante milênios, o fundamento das máximas de uma vida e uma consciência moral, portanto, fonte superior dos predicados da justiça, da bondade e da verdade. A afirmação no Ocidente de um modo de vida pós-convencional (o que, em Weber, corresponde à primazia de um “racionalismo de domínio do mundo”) é prova cabal de que o velho Deus fora dispensado do governo dos pensamentos e das ações mais cotidianas (NOBRE, 2006, p.515).

Antônio Pierucci (1998, p. 9) propõe uma importante distinção entre secularização e desencantamento. Enquanto este se refere aos conflitos entre magia e religião, que se evidenciou historicamente por meio de perseguições às bruxas e feiticeiras, a secularização traz a luta entre modernidade cultural e religião, tendo como marca o declínio das religiões enquanto potências estatais e integradoras sociais.

O processo de secularização, inicialmente atendia mais a interesses privados de cunho econômico do capitalismo industrial, que puramente religioso. Enquanto a secularização partiu do setor econômico para social, a religião saiu da esfera pública para privada. O Estado, que antes estava a serviço da Igreja, já não funciona mais como instituição coercitiva, mas como “guardião imparcial da ordem entre concorrentes independentes” (BERGER, 1985, p. 142).

Entretanto, vale destacar que nem as sociedades tradicionais eram totalmente orientadas pela religião, e que a desobediência a certas regras religiosas era constante. Religião, modernidade e secularização não se excluem, pelo contrário, busca-se não o fim da religião, mas a ilegitimidade da religião reger completamente tanto a sociedade quanto a vida dos indivíduos. Desta forma, também é importante perceber que as sociedades, hoje modernas, baseiam-se em escombros religiosos, assim como valores e conhecimentos um dia ditados pela religião (HERVIEU-LÉGER, 2005).

Se a religião limita-se, agora, ao âmbito privado, ofertando explicações que antes abrangiam todos os aspectos, mas que atualmente restringem-se a “construção de

mundos parciais, universos fragmentários, cuja estrutura de plausibilidade, em alguns casos, podem não ir além do núcleo familiar” (Berger, 1985, p. 146), e sendo a família uma instituição frágil, a religião, então, não possui bases inteiramente sólidas. Existe, então, facilidade em se tornar adepto ou abrir mão de determinada religião e as estruturas religiosas estariam consolidadas até certo ponto. Qualquer tentativa de voltar ao tradicionalismo simbolizaria atraso à sociedade moderna.

Outra consequência da secularização é o fim do monopólio de determinada religião, e abertura de espaço para que outras se estabeleçam na sociedade. Se antes com o uso da autoridade a Igreja Católica se constituía no mundo ocidental, hoje é posta no mercado religioso juntamente com muitas outras. Seguindo esta perspectiva mercadológica, o pluralismo religioso ganha força, igrejas tornam-se “agências de mercado” e tradições religiosas “comodidades de consumo” a serem vendidas para uma clientela de fiéis que opta por consumir ou não os produtos oferecidos, que também estão sujeitos à moda (BERGER, 1985).

Pelo pluralismo de oferta de instituições no mercado religioso que se questiona a credibilidade das mesmas. Diante das dinâmicas culturais as religiões perdem confiança e estabilidade, como consequência da sociedade industrial moderna. A racionalização religiosa, que se expressa por meio de burocracia, faz com que as religiões organizem-se de maneira muito semelhante, ainda que teologicamente sejam distintas. Ou seja, conteúdo religioso semelhante, porém com diferenças o suficiente para se distinguir dos demais em oferta (ibidem).

Sell (2017) e Hervieu-Léger (2005) entram em consenso quando afirmam que a secularização não ocasionaria no fim das religiões, mas uma mudança no cenário religioso, para além das instituições. Dois movimentos concomitantes ocorrem contemporaneamente, no primeiro deles, denominado Teoria da Reversão, ocorre um retorno ao sagrado que ocasionaram o surgimento de novos movimentos religiosos, e crescimento de algumas religiões/igrejas (como por exemplo o islamismo e pentecostalismo); no segundo, a Teoria da mutação, a modernidade ofereceu novas formas de crer e praticar a religião (SELL, 2017, p. 55 - 56).

Dos autores citados acima, Danièle Hervieu-Léger é quem melhor desenvolve o pensamento na perspectiva da mudança no cenário religioso, sobretudo no que diz respeito à Teoria da Mutação. Sabendo que seculariza o trata da recomposi o das crenças diante de uma sociedade cheia de incertezas perante o futuro e “insaciável por expectativas”,   possível compreender que ainda que as religiões percam sua

credibilidade no contexto de modernidade, surgirão sempre novas formas de crer, pois as crenças se diversificariam e disseminam. (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 46).

Não é a indiferença à crença que caracteriza a sociedade, mas o fato de que as crenças individuais escapam do controle das Igrejas e instituições religiosas. Com a individualização e subjetivação da crença, o que se crê e o que se pratica tornam-se desarticulados, e o indivíduo tem a liberdade de recompor seu sistema de crenças, exterior às instituições. Logo, no que a autora considera como Bricolage, “a crença não desaparece, ela multiplica-se, diversifica-se e concomitantemente se fendem, de modo mais ou menos profundo conforme os países, os dispositivos do seu enquadramento institucional” (HERVIEU-LÉGER, 2005, p. 49).

Outra importante ponderação da autora é que “os indivíduos não dispõem todos dos mesmos meios e dos mesmos recursos culturais para produzirem sua própria narrativa crente. As moldagens diferenciam-se segundo as classes, os meios sociais, os sexos, as gerações” (ibidem: p. 52).

No Brasil, o processo de separação entre Igreja e Estado ocorreu juntamente com o estabelecimento do país enquanto República, no final do século XIX o que, para Mariano (2003), garantiu a liberdade religiosa, desmantelou o monopólio Católico, garantiu tolerância religiosa e proteção do pluralismo, tendo o país caminho livre para outros grupos religiosos ganharem espaço no Brasil.

Porém, Paula Montero afirma que mesmo a Igreja saindo do âmbito estatal, ganhou força política na esfera civil. As instituições religiosas não possuem controle estatal, desta maneira se auto regulam, adquirindo autonomia para manter suas propriedades e garantir influência. Esta, ainda mantém seu poder político e simbólico, passando valores e normas, organizando instituições e produzindo de elites, ou seja, a Igreja busca preservar sua legitimidade e influência. Desta forma, não houve, necessariamente separação entre Igreja e instituições governamentais, mas rearranjo das relações, onde em um polo há as demandas religiosas se apresentando em áreas decisórias e em outro, agentes religiosos solicitados em políticas públicas. A Igreja torna-se participante da política moderna (2012, p. 171 - 172).

Assim sendo, Pierucci (2002), em entrevista para Folha de São Paulo<sup>7</sup>, afirma que a diversidade religiosa brasileira é quase inexistente, levando-se em consideração que apenas dois grupos religiosos, ambos cristãos, correspondiam, na época, a um

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2912200208.htm>. Acesso em 03 de junho de 2021.

percentual superior a 95% de adeptos na população, o que se trataria de um oligopólio religioso.

Analisando dados religiosos disponibilizados pelo IBGE, percebe-se no perfil religioso da população brasileira entre os anos de 1970 a 2010, que se corrobora as considerações dos autores. Em 1970 a religião católica era unanimidade no que diz respeito ao total de adeptos no Brasil, tendo aproximadamente 92% de sua população assim se declarando. Por sua vez, evangélicos somavam 5,2% da população e sem-religião 0,8%. Enquanto no último censo realizado pelo Instituto, o índice de adeptos ao catolicismo era de 64,6% da população, o percentual de evangélicos era 22,2%, os sem religião eram 8% da população brasileira.

Abordando o mesmo assunto, Oliveira (2010, p. 11) destaca que os indivíduos que vivem na pós-modernidade tendem a valorizar mais a forma de crer que a instituição religiosa em si devido tanto aos compromissos e obrigações que as mesmas exigem quanto por considerarem que elas não são as únicas produtoras de sentidos religiosos.

Orestes Hastings (2016), em seu artigo acerca de indivíduos espirituais, mas não religiosos, afirma que há uma tendência em se acreditar que aqueles que não possuem filiação religiosa teriam suas conexões sociais fragilizadas, e que religiosos estariam mais satisfeitos com suas vidas, pois constroem mais redes sociais e a religião permitiria fortalecimento de laços familiares. Contudo, Hastings considera as formas de interações sociais não ligadas à religião, e comunidades de fé não ligadas às instituições tradicionais que os sem religião participam. Hervieu-Léger (2005, p. 57) propõe que uma contradição da modernidade é que, justamente, não fazer parte de uma instituição não impede que o indivíduo expresse sua religiosidade em meio a um grupo com que mantenha afinidades sociais, culturais e espirituais com imaginário partilhado. Como também não se pode afirmar que a identidade de um sem-religião que possui crença não está, de certa forma, atrelada à fé “original”.

A tendência de expansão em número dos sem religião pode estar, também, no meio familiar, ocorrendo mudanças ou mesmo ruptura em valores políticos e religiosos de seus progenitores, caracterizando uma crise de transmissão intergeracional, como observado por Tavares e Camurça (2006). Para Novaes (2004), a tendência das últimas décadas é uma quantidade cada vez menor de adultos em idade reprodutiva declarando-se católicos, que por sua vez diminui o número de crianças recebendo a influência desta

religião. Além disto, processos culturais afetam a transmissão de valores religiosos de geração para geração, caracterizando-se como “ventos secularizantes”.

Silvia Fernandes (2018, p. 381) nos auxilia na reflexão acerca da identidade juvenil em meio à rejeição às instituições religiosas. A partir de relatos de jovens sem religião, observa-se a crise de credibilidade das instituições e como a espiritualidade individual não necessariamente se restringe às igrejas, sendo possível adotar credos, práticas ligadas à religião sem vincular-se. Isto sugere que “ser sem religião não é uma condição definitiva no Brasil”. A autora ainda sugere que não podemos analisar este processo exclusivamente da ótica da secularização, pois a relação dos indivíduos com as instituições também se constituem por vínculos e críticas de acordo com o contexto sociocultural latente (2018, p. 375).

Assim, para o próximo capítulo tentaremos compreender as mudanças religiosas em contexto brasileiro, e como nesta pesquisa os informantes se posicionaram ao que diz respeito à filiação. Além disto, indagações e discussões acerca das configurações de fé dos participantes trazem à reflexão a trajetória de crença dos mesmos.

## CAPÍTULO II – RELIGIÃO E CRENÇA: DECLARAÇÃO, VÍNCULOS E ESPIRITUALIDADE

No presente capítulo observaremos as transformações religiosas no Brasil que se destacam principalmente pelas mudanças de declaração para o censo. Ganham destaque indivíduos sem religião, cujos números aumentam exponencialmente no país e são o principal perfil dos participantes desta pesquisa. Desta maneira, observa-se além da declaração, o contexto familiar, as mudanças de crença e os aspectos da espiritualidade e seu vínculo institucional.

### 5.1. Transformações religiosas

O Brasil é popularmente conhecido como um país de bases religiosas cristãs. De acordo com o Instituto de Pesquisa Pew Center (2013), em torno de 11% da população católica do mundo é brasileira. No território nacional, enquanto em 1970, 91% da população total declarava-se católica, em 2010, este percentual decaiu para 64,6%. Por sua vez, o percentual de evangélicos que era de 5% quadruplicou, chegando a 22,2% nas últimas medições do IBGE. Outras religiões também apresentaram crescimento, ainda que tímido, demonstrando um aumento na diversidade religiosa nacional. A tabela a seguir demonstra tais transformações:

***Tabela 1 – Brasil: Evolução da população e orientação religiosa dos brasileiros em termos absolutos e relativos entre 1970 e 2010.***

Anos	População total (N)	Católicos (N / %)	Evangélicos (N / %)	Outras religiões (N / %)	Sem religião (N / %)
<b>1970</b>	93.470.306	85.775.047 (91,8)	4.833.106 (5,2)	2.157.229 (2,5)	704.924 (0,8)
<b>1980</b>	119.009.778	105.860.063 (89,0)	3.863.320 (6,6)	3.310.980 (3,1)	1.953.085 (1,6)
<b>1991</b>	146.814.061	122.365.302 (83,3)	8.768.929 (9,0)	4.345.588 (3,6)	6.946.077 (4,7)
<b>2000</b>	169.870.803	125.517.222 (73,9)	17.975.106 (15,6)	5.409.218 (3,2)	12.492.189 (7,4)
<b>2010</b>	190.755.799	123.280.172 (64,6)	42.275.440 (22,2)	9.864.677 (5,2)	15.335.510 (8,0)

Para Mafra (2013, p. 13), o catolicismo no Brasil saiu da posição de “religião dos brasileiros” para a “religião da maioria”. A autora, porém, reflete acerca da forma como censo brasileiro é realizado, pois o questionamento acerca da religião ou culto puro e simples não embasa a totalidade das crenças e práticas no país, como também a dificuldade de classificação das tantas ofertas religiosas que existem.

A categoria evangélica, que possui um total superior a um quinto da população, é plural e diversa. Os evangélicos de missão<sup>8</sup>, que possuem raízes na reforma inglesa e práticas de trabalhos missionários, correspondem a 4% da população; enquanto os evangélicos de ordem pentecostal<sup>9</sup>, que são aqueles que acreditam em dons<sup>10</sup> espirituais advindos do Espírito Santo, performam 13,3%, ou seja, compõem a maior parte dos protestantes. Chama atenção ainda, o grupo evangélico classificado pelo IBGE como “não-determinado”, que possui total de 4,8%, ou seja, superior aos evangélicos de missão. Mafra supõe que ocorreram problemas na coleta do censo ou a autodenominação de evangélico parecia suficiente ao respondente (2013, p. 17).

A categoria sem religião possui um total de 8% da população brasileira, e é composta pelos “sem-religião”, “agnósticos” e “ateus”. Se os ateus são aqueles que não acreditam em divindades, e agnósticos os que reivindicam a veracidade ou não da existência de Deus, os sem-religião são os não possuem filiação à instituição religiosa, independente da crença (ESQUIVEL, et. al, 2020, p. 9) e somam a maioria da categoria censitária, 7,6% do total de 8%. Ateus são 0,3% e agnósticos 0,7%.

Fernandes (2006, 2008, 2012), em diversos estudos acerca dos sem-religião identificou duas características deste grupo: que não necessariamente são arreligiosos, e que a desinstitucionalização não seria irreversível. A partir disto, a autora estabeleceu cinco tipologias para a categoria: 1. “sem religião de religiosidade própria”, 2. “desvinculados e descrentes”, 3. “críticos da religião”, 4. “ateus” e 5. “destraditionalizados”. Estas categorias mostraram que havia uma identidade religiosa formada por motivos pragmáticos e não necessariamente por uma descrença.

---

<sup>8</sup> Grupo é composto pelas igrejas: Presbiteriana, Luterana, Metodista, Batista, Congregacional, Adventista, dentre outras.

<sup>9</sup> Fazem parte as igrejas: Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Brasil pra Cristo, Evangelho Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Casa da Bênção, Deus é Amor, Maranata, Nova Vida, e muitas outras.

<sup>10</sup> Pregações, curas, expulsão de demônios e principalmente a glossolalia (dom de falar línguas estranhas, atribuídas a anjos).

Justificativas como a falta de tempo constituíam um argumento para a não institucionalização e, concomitantemente, possuíam forte viés religioso ligado ao cristianismo (2018, p. 371).

Paralelo ao pluralismo religioso característico da sociedade secular, o processo de desinstitucionalização apresenta-se como “sintoma da época” marcada pela diferenciação e práticas individuais. A modernidade propõe a existência de igrejas, grupos de fé, experiências religiosas ao mesmo tempo em que aceita o ceticismo, identidade baseada no ateísmo e afastamento das instituições. Entre a juventude este fenômeno é mais expressivo e o número de indivíduos sem religião entre 15 e 29 alcançam percentuais de 10%, como sugere a autora (FERNANDES, 2018, p. 374).

Tavares e Camurça (2006), afirmam que grande parte da pertença religiosa dos indivíduos, sobretudo jovens, possui centralidade no seio familiar. A importância desta transmissão varia de acordo com a escolha dos pais. Os autores destacaram que o maior índice de sem-religião encontram-se em famílias que o pai também não possui, enquanto a maior transmissão ocorre entre pais católicos. Relatam ainda que a escolha de uma nova religião, sobretudo para conversões antigas, possui também influência dos progenitores.

Comparando grupos com e sem religião acerca da importância de instituições (família, religião, trabalho e etc.), percebeu-se que a juventude reconhece espaços tradicionais, seus valores e costumes, ao mesmo tempo em que assimila e recria suas perspectivas acerca delas enquanto adquire novos costumes e valores em outros espaços sociais, sobretudo acerca da moralidade (virgindade, homossexualidade e aborto) (TAVARES E CAMURÇA, 2006, p. 113).

Observando o perfil religioso dos cinco participantes desta pesquisa, podemos perceber a mudança na auto declaração e práticas de cada um deles passada década, como demonstrado no quadro abaixo:

**Quadro 3 - Declaração religiosa antes e depois**

<b>Participante</b>	<b>Declaração religiosa (2007)</b>	<b>Declaração religiosa (2019)</b>
<b>Davi</b> (32 anos)	Sem-religião	Católico não-praticante
<b>Fábio</b> (30 anos)	Sem-religião	Agnóstico
<b>Thiago</b> (31 anos)	Ateu	Ateu

<b>Luiz</b> (31 anos)	Sem-religião	Agnóstico
<b>Maria</b> (27 anos)	Sem-religião	Evangélica - pentecostal

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Ao analisar a tabela acima, podemos perceber a mobilidade religiosa neste grupo, pois quatro dos cinco participantes alteraram sua autodeclaração religiosa. Como dito anteriormente, o percentual de sem-religião é o mais expressivo e não corresponde a uma ausência de crenças.

#### *Quadro 4 - Declaração religiosa dos pais<sup>11</sup>*

Participante	Declaração religiosa Mãe (2007)	Declaração religiosa Mãe (2019)	Declaração religiosa Pai (2007)	Declaração religiosa Pai (2019)
<b>Davi</b> (Católico não praticante, 32 anos)	Católica não-praticante	Católica não-praticante	Católico não-praticante	Sem-religião
<b>Fábio</b> (Agnóstico, 30 anos)	Católica não-praticante	Católica não-praticante	Sem-religião	Sem-religião
<b>Thiago</b> (Ateu, 31 anos)	Espiritismo não-praticante	Espírita Kardecista	Católico praticante	Evangélico não-pentecostal
<b>Luiz</b> (Agnóstico, 31 anos)	Espírita Kardecista	Afro-Brasileira	Afro-Brasileira	Afro-Brasileira
<b>Maria</b> (Pentecostal, 25 a 27 anos)	Sem-religião	Católica não-praticante	Sem-religião	Católico não-praticante

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Buscando analisar a religião dos progenitores, o que esperar da influência dos mesmos no perfil religioso dos filhos? Como ponderei acima ao recorrer a Tavares e Camurça (2006), a ausência de religião dos pais parece afetar de maneira incisiva a opção dos filhos em não aderir também a alguma religião. Ao analisar os perfis de 2007/2008 dos filhos e pais, a ausência de religião, e ousou sugerir também que a ausência de práticas religiosas mais incisivas no que diz respeito ao catolicismo e

<sup>11</sup> É importante destacar que as informações acerca da religião dos pais é feita a partir da perspectiva dos filhos, ou seja, não necessariamente corresponde fielmente a opinião e posicionamento dos mesmos.

espiritismo, para ambos ou um dos genitores, influenciaram também na declaração dos filhos. Quanto aos dados de 2019, ocorre maior diversificação em relação das práticas dos pais aos filhos.

É importante ressaltar que esta análise comparativa não pode ocorrer de maneira exclusiva no que diz respeito à declaração. Ao observar as práticas e crenças religiosas destes jovens adultos, considero mais decisivas quanto à relevância dos pais no sistema de crenças individuais. Observemos abaixo:

**Quadro 5 - Crença dos participantes (2007/2008)**

Crença	Davi	Fábio	Thiago	Luiz	Maria
Deus	x	x		x	x
Jesus	x	x		x	
Maria como mãe de Jesus		x			
Maria e sua virgindade					
Santos	x				
Anjos	x				
Espírito Santo	x				
Ensinamentos da Bíblia	x				
Energia/auras		x			
Demônios					
Entidades e Orixás				x	
Imortalidade da alma				x	
Vidas passadas/ Reencarnação	x			x	
Espíritos	x	x		x	

Fonte: Fernandes (2013)

**Quadro 6 - Crença dos participantes (2019)**

Crença	Davi	Fábio	Thaigo	Luiz	Maria
Deus					x
Jesus					x
Maria como mãe de Jesus					x
Maria e sua virgindade					x
Anjos					x
Espírito Santo					x

<b>Ensinamentos da Bíblia</b>		x
<b>Energia/auras</b>	x	x
<b>Demônios</b>		x
<b>Entidades e Orixás</b>	x	
<b>Imortalidade da alma</b>	x	x
<b>Espíritos</b>	x	

Fonte: elaboração da autora

Para realizar uma análise mais minuciosa, observarei o caso de cada participante individualmente.

A única mulher participante deste grupo, que chamamos de Maria, em 2007 possuía crença apenas em Deus, possuindo prática de orações, considerando-se sem-religião pela espiritualidade que estabelecia para si. Mesmo com os pais, antes sem religião e agora católicos não praticantes, Maria adentra a igreja evangélica pentecostal, mais especificamente a Maranata.

Agora, as crenças que estabelece para si e práticas de ir ao templo, ouvir programas religiosos e fazer orações mostram-se compatíveis com a instituição que atualmente é adepta. O fato de crer em energias e auras, bem como possuir objetos que visam à proteção, como cruz e medalhas, por exemplo, em primeiro momento causou espanto, contudo é importante destacar que nos moldes brasileiros o pentecostalismo adota o sincretismo religioso na prática, com uso de objetos “ungidos”, por exemplo, que são típicos de religiões consideradas pagãs, ainda que haja um combate ao sincretismo no discurso (CUNHA, 2007).

Ao destacarmos Davi, que se declarava sem religião na pesquisa de Fernandes<sup>12</sup>, e que atualmente considera-se católico não-praticante, cuja mãe é católica não-praticante e o pai é sem religião, o principal ponto a ressaltar é a transformação da crença deste participante. Se em 2007 o mesmo apresentava fé em diversos elementos relacionados ao catolicismo e espiritismo, em 2019 não houve qualquer demarcação, ainda que sua declaração religiosa fosse de católico não-praticante.

Davi, em questionário, sinalizou ir à missa de vez em quando, ao mesmo tempo em que respondeu acreditar em um Deus, porém não o representado em textos bíblicos,

<sup>12</sup> Juventude, religião e política na Baixada Fluminense – ações e representações.

mas sendo uma “energia psicológica e social”. Em contrapartida, na década passada considerava Deus um pai que ama seus filhos e que julga os pecados e virtudes.

Fernandes (2018, p. 373) afirma que o processo de desinstitucionalização, ou seja, desvincular-se institucionalmente, se desenvolve no âmbito da identificação pessoal e social, a ponto de fazer o indivíduo declarar-se não pertencente a uma religião; e também a partir da postura do sujeito diante das instituições. Entre 2007 e 2008, Davi possuía vínculos religiosos, porém flexíveis, de tal maneira que afetava sua auto declaração, que é o caso do sem-religião ao invés de católico não-praticante. Enquanto em 2019 há uma resignificação do que é Deus, o retirando do contexto bíblico e trazendo para o contexto psicossocial. Suponho, então, que a esta diferença na autodeclaração esteja relacionada não à crença do indivíduo, mas sua postura de maior aceitação diante da instituição religiosa.

Fábio, antes sem religião e agora agnóstico, cria em Deus, Jesus, Maria, mas também em energias e espíritos. O participante apresentou um comportamento mais cético em relação as suas crenças anteriores, deixando evidente que se considera agnóstico “pois considera necessária uma tese científica acerca de criação e evolução do universo”, algo que “nenhuma religião ainda encontrou”.

O caso de Thiago, que em ambas as fases de pesquisa definiu-se como ateu, não demonstrou qualquer crença ou práticas ligadas às religiões. Seus pais transitaram pelo espiritismo e cristianismo, e em entrevista de profundidade o participante expôs como ocorreu o trânsito religioso deles. Em relação à religião do pai e sua influência, Thiago responde:

O caso do meu pai é bem interessante porque ele foi católico a vida inteira, e nos últimos 3 ou 4 anos da vida dele que ele se tornou evangélico. Mas ele foi católico a vida toda. (Ele chegou a te influenciar a ir à igreja católica e posteriormente na igreja evangélica?) Não, ele nunca influenciou. Tem uma questão que eu acho muito interessante: (...) a minha mãe é uma pessoa que tem total ojeriza a qualquer religião. (...) Ela se incomodava muito com o fato “deu” ser ateu, e o meu pai era justamente o oposto, que a vida inteira foi católico e no final foi protestante. Ele gostava muito de conversar comigo sobre religião, mas nunca, em momento algum, tentando me convencer de nada, coisa que minha mãe faz até hoje (risos). Eu frequentei vagamente a igreja católica quando eu era pequeno, mas por exemplo, mesmo meu pai sendo católico nunca teve pressão para eu fazer a primeira comunhão. Eu tenho um irmão que é oito anos mais velho que eu e também nunca fez, meu pai nunca quis isso, nunca pediu. (Thiago, ateu, 31 anos).

Quando questionado do porquê da repulsa da mãe em relação às religiões apesar de fazer parte do espiritismo concomitante a sua postura rígida cerca do ateísmo do filho, Thiago define:

Falando num português claro, minha mãe é uma pessoa que associa protestantismo a pastor pilantra, e catolicismo ao alto clero da igreja católica “passando pano” para casos de pedofilia. A única religião que ela não tem nada contra são as religiões de matriz africana porque é uma coisa que não tá muito em evidência então não tem muita crítica para fazer. (Mas no caso sua mãe se opõe a você ser ateu?) Exatamente, ela se opõe completamente ao fato de eu ser ateu, ela tem ojeriza muito grande a religiões, mas ela acha absurdo eu não acreditar em Deus (Thiago, ateu, 31 anos).

Neste caso, percebe-se então que a contestação da mãe para o filho não é em relação à vinculação a alguma instituição religiosa, mas para ausência do sistema de crenças. Apesar da insistência da matriarca na postura descrente de Thiago, um fato merece destaque: após visitas do rapaz à algumas reuniões espíritas no espaço em que a mãe frequentava, e tecer críticas à gestos rituais que o incomodava, a progenitora passou a olhar de maneira mais negativa a forma como os participantes se relacionavam.

(Sua mãe de alguma forma tentou te influenciar pra você ser kardecista, budista, matriz afro?) Um pouquinho. Na questão do kardecismo sim, inclusive cheguei a acompanhá-la em algumas reuniões e tudo mais, e depois de eu ter dado minha impressão ela foi largando de mão (...). Eu achei, assim, legal no início porque ninguém falava nada sobre questão econômica e tudo mais. Só que era uma coisa muito aberta, cada semana era um palestrante diferente e aí, uma coisa que me incomodava, era que as pessoas forçavam muito a barra como se tivesse uma aura em torno delas, porque eu chegava cumprimentando todo mundo, dando boa noite e o normal era a pessoa dar boa noite, e eles chegavam assim: juntavam as mãos como numa reza e falavam “Boa Noite” (*calmamente*) e aquilo começou a me irritar demais, e aí quando eu passei a não querer ir, e falei os motivos para os quais eu não queria ir mais (...). Assim que eu falei, ela discordou e ficou meio “puta” e continuou indo nas semanas posteriores, até que ela chegou pra mim e falou: “Nossa, eu não tô aguentando mais, é exatamente aquilo que você falou.” E de uma forma repentina ela simplesmente deixou de ir (Thiago, ateu, 31 anos).

É possível sugerir, neste sentido que uma postura crítica, análise mais racional do filho e seu grau de escolarização, que é de ensino superior completo, tenham relevância na opinião da matriarca. Contudo, Thiago ainda sugere que além deste fato, o que influenciou a mãe no afastamento das reuniões espíritas foi a propaganda político partidária em meio aos sermões, o que causou irritabilidade e desligamento daquele grupo.

Luiz, que se considera agnóstico possui uma perspectiva em relação à crença totalmente oposta a Fábio que possui a mesma autodeclaração. Com certa influência da

mãe em relação ao espiritismo e de matriz afro do pai, o participante possui crenças em energias/ auras, orixás, espíritos e imortalidade da alma. Sua noção do que é Deus está ligada à cosmologia, natureza e amor, e em casa possui objetos que lhe atribuem sorte.

Em entrevista, ao ser questionado acerca da influência dos pais em sistema de fé e uma suposta tentativa de “levar o filho para umbanda”, considera:

Olha, eles gostariam muito, né? Até vou de vez em quando. Eu não tenho muito problema com isso, eu tenho muitas coisas religiosas, vou a templos religiosos de vez em quando. Nunca fui numa sinagoga, por exemplo. Mas não tenho problema com isso não, às vezes eu até vou por vontade própria. Tem a questão dos orixás que eu gosto: lá onde meu pai tá tem o pai de santo que deixa claro que eu não preciso ir, que é uma coisa que eles gostam até lá, dizem eles que eu tenho uma coisa na umbanda: que eu “já nasci de cabeça feita” (abixé), enfim. Eu não tenho muito essa concepção, eles deixam claro que eu não tenho obrigação de ir, mas isso me deixa mais à vontade para ir num sentido de conhecer mesmo e... Eu gosto de estudar, meu trabalho de dissertação foi de religião antiga, mas eu gosto de estudar religião e essas coisas (Luiz, agnóstico, 31 anos).

Ainda acerca de sua posição religiosa, Luiz é perguntado se ainda se considera agnóstico, bem como o processo de autoidentificação nesta década passada:

(Você ainda se considera agnóstico no atual momento?) Eu acho que sim. Eu nunca me considerei ateu, de não acreditar em nada. Eu acredito na espiritualidade, mas me considero agnóstico nesse sentido de pensar na religião e na concepção de Deus um pouco diferente do tradicional. Eu não vejo Deus como a figura bíblica descreve, como a concepção judaico cristã prega. Na verdade eu não sei o que seria essa concepção de Deus. Eu acredito nessa questão de energias mesmo. (E como foi esse processo de descoberta como agnóstico?) Sempre estamos condicionados a acreditar, então se a gente nasce numa família de tradições religiosas, que é o caso da minha família (...) eu cresço dessa maneira, mas concordo que... Me interessando por estudar a questão religiosa (...) com 15/16 anos vou me afastando mais dessa concepção. Vou racionalizando alguns aspectos. Não é um abandono de fé, é uma questão muito ampla que não tem a ver só com questão religiosa, mas eu vou afastando mais desse caráter da crença e começo a racionalizar muito as coisas, com aquilo que me deixa em dúvida, e essa dúvida faz eu me afastar ou me considere um pouco mais agnóstico. (...) Como dizem que pra ser ateu é preciso um conhecimento absurdo, seria uma elevação máxima, assim, seria não perceber essas energias, e nessa espiritualidade algo extremo (Luiz, agnóstico, 31 anos).

Diversos elementos podem ser destacados nas falas de Luiz. Em primeiro lugar, que existe certa frequência do indivíduo em reuniões e templos religiosos, inclusive por vontade própria e que se sente bem ali; em segundo lugar, possui objetos religiosos; em terceiro é adepto da espiritualidade e deixa claro que não é um abandono da fé; e em quarto lugar existe uma certa dúvida quanto a sua condição religiosa, que fica expressa quando o sujeito diz que acha que é agnóstico.

Como já destacado, a espiritualidade não necessariamente está atrelada à adesão institucional. A percepção da religião por vezes adquire caráter negativo ao ser atribuída a dogmas e fundamentalismos, enquanto a espiritualidade é considerada livre e mais funcional diante das exigências da vida (FERNANDES, 2013, p. 15).

## **5.2. As novas formas de crer e pertencer religiosamente**

Almeida e Monteiro (2001, p. 92) em seus estudos acerca do trânsito religioso no Brasil, afirmam que existe, para os estudiosos da religião, o desafio de interpretar e definir os altos índices de trânsito religioso e aumento exponencial de alternativas religiosas. O conceito weberiano de “conversão” não se mostra capaz de decifrar as “idas e vindas” entre religiões tão distintas entre si. Reduzir as múltiplas formas de pertença ao sagrado à lógica de oferta de mercadorias e *comodities* que são selecionadas de acordo com a conveniência, deixa de lado a ressignificação da crença dos sujeitos. A reinvenção e rearticulação são estimuladas “pelo cognitivo e/ou cultural das religiões” populares, que por sua vez reincorporam as diversas ideias que se tem de Deus e também do mal. Um exemplo deste fato é a igreja Universal do Reino de Deus, que articula tradições pentecostais, de matriz afro-brasileira e também kardecistas.

Regina Novaes considera que esta geração está sendo convidada a fazer escolhas religiosas em um campo plural e competitivo. Por esta razão, os sem-religião são considerados a expressão global de um “espírito de época”, em que é cada vez mais comum a adesão a várias crenças combinadas às práticas ocidentais e orientais, tanto a nível religioso, quanto a nível terapêutico (2004, p. 326). A autora pondera ainda que

Os anos de 1990 evidenciaram crises de paradigmas que atingiram instituições religiosas e políticas. No que diz respeito ao campo religioso, velhos e novos fundamentalismos passaram a conviver com a emergência de um mundo religioso plural em que cresce a presença de grupos e indivíduos cuja adesão religiosa permite rearranjos provisórios entre crenças e ritos sem fidelidades institucionais. Em um contexto de para “além das identidades institucionais”, para os jovens de hoje se oferecem igrejas e grupos de várias tradições religiosas. Para eles também existem possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades em uma síntese “pessoal e intransferível” e assim se abrem novas possibilidades sincréticas (NOVAES, 2004, p. 326).

Analisando a trajetória de Luiz, é possível associar o estudo de Camurça (2003) acerca dos espaços de hibridização religiosa. O autor afirma que nesta sociedade marcada pela hiperindividualização, reflexividade e suspensão das fronteiras religiosas, é possível realizar “múltiplas passagens em diversas províncias de sentido religioso”. Muitas práticas ligadas ao esoterismo se baseiam na interpretação pessoal de símbolos,

textos e tradições sagradas, e permite conexões e experiências livres. Camurça percebe um padrão de indivíduos com esta prática: brancos, com alto grau de escolarização, razoável poder aquisitivo com leituras religiosas relacionadas ao Kardecismo e Umbanda. O autor atribui a este perfil a prática esotérica a partir a interpretação cosmológica e metafísica da Umbanda, que tradicionalmente é popular e afro (CAMURÇA, 2003, p. 52-53).

A prática de ler e conhecer novas espiritualidades e religiões para possuir uma interpretação e conexão livres, com vínculos flexíveis, pode ser percebida abaixo:

(Em algum momento você teve o interesse de buscar uma instituição para se vincular?) Não, nunca tive esse interesse. Eu busco mais, assim por conta de conhecimento mesmo. Mas me vincular é muito pouco. Eu pretendo estudar um pouco mais sobre budismo, por exemplo, que nem vejo como uma religião definitivamente, entendo mais como uma busca filosófica, busca identitária nas religiões orientais como um todo. Nas religiões antigas que é o que eu estudo, mas mais numa busca filosófica do que propriamente numa religião. (...) Eu frequentei algumas religiões pagãs com minha ex-namorada que era wiccana, e comecei a ter outros conhecimentos também que chamaram minha atenção. Eu até visitei, cheguei a frequentar reuniões que fazem... Essas coisas pra ver como funciona, ver o que eles seguem. O meu interesse de participação é mais por uma questão de conhecimento mesmo do que propriamente seguir algo. Acho que eu pertenceria a outras seitas, não só africana, mas essas religiões antigas também. (Teria algum motivo para você escolher essas religiões pagãs e de matriz afro? Tem algo específico que te atrai nisso?) Me atrai a forma como eles enxergam a espiritualidade, acho que tem uma coisa diferente nessa concepção. E o fato deles produzirem, de certa forma, uma reflexão que outras religiões acabam não produzindo. Eles ficam muito naquela característica fechada (religiões cristãs), na questão doutrinária que acaba entrando sem que houvesse uma referência sobre essa reflexão. Nesse caso, mais no sentido dessas tradições antigas, possuem suas doutrinas, mas trazem essa característica reflexiva (Luiz, agnóstico, 31 anos).

Brustolin (2016, p. 503 - 504) considera que a sociedade moderna em contexto secularizado ampliou sua capacidade de comunicação, sobretudo partir do uso da internet. Neste sentido viu-se potencializada a forma de encontrar o sagrado, para além das crenças institucionais, a partir de informações relacionadas às “tradições esotéricas, gnósticas e mágicas”. O conhecimento e contato com estas tradições permite ao indivíduo experimentar novas propostas religiosas, e com as tecnologias e mídias sociais a participação livre no âmbito da crença permite protagonismo e envolvimento do fiel nas tantas experiências ofertadas.

Acessar facilmente informações acerca da religião, segundo Brustolin, faz com que os saberes sagrados possam ser abraçados sem a necessidade de estarem inseridos na comunidade crente em que surgiram e desenvolveram. A descontextualização, por

vezes, faz com que o sujeito idealize e adapte a crença à sua necessidade. Isto viabiliza múltiplas escolhas sem a exigência de vinculação institucional (2016, p. 507).

Assim, nas discussões a seguir observaremos o deslocamento entre as esferas religiosas e políticas nas dinâmicas sociais, com enfoque nas ações políticas em contexto de vinculação institucional, práticas e ideias; não deixando de lado, ainda as posições valorativas que definem as subjetividades dos indivíduos.

### **CAPÍTULO III – POSIÇÕES POLÍTICAS, DESINSTITUCIONALIZAÇÃO E VALORES**

Neste capítulo pretendemos descrever parte do debate atual sobre religião e esfera pública concentrando-nos mais especificamente no que tange às relações entre religião e política. Argumentamos que diante do cenário posto no Brasil sobre essa temática buscamos entender como os jovens que entrevistamos percebem as relações entre religião e política no sentido de percebermos os delineamentos de seus valores, aderências, críticas ou rejeições às possibilidades de articulação entre religião e política no país.

#### **6.1. A fronteira entre religião e política**

Como analisamos no primeiro capítulo, o processo de secularização, ressignificou e reconfigurou as práticas religiosas na sociedade moderna. A privatização das religiões é unanimidade entre os estudiosos deste tema, contudo além da oferta de novas formas de crer, Burity (2001, p. 28) afirma que ocorreu a “publicização do religioso”, e é neste âmbito, segundo o que devemos pensar a política.

O aprofundamento das práticas religiosas e as concepções de crença tornando-se uma força social e política é, para o autor supracitado, a reintrodução da religião na esfera pública, como também uma reabertura desses espaços, sejam eles institucionalizados ou não, às ações de grupos e organizações religiosas.

Entendemos que religião e política estão historicamente relacionadas, expressando-se por meio de cultura, instituições e linguagem, mas é importante destacar que o elo entre política e religião nunca se rompeu por completo, tendo sido reconstruído de maneiras distintas seguindo uma lógica não linear. Para Burity, “religião privada, neutralidade do estado e separação entre igreja e estado” são insuficientes para explicar o “deslocamento e a ressignificação da fronteira religiosa” (2001, p. 29 - 30).

O autor ressalta que não é necessária a existência de um vínculo entre eles, mas que o contexto contemporâneo de crise do modelo político liberal abre brechas para lógicas religiosas, permitindo uma “recolonização do político pelo religioso”. Burity argumenta ainda que o modelo de sociedade europeia, liberal, secular e neutra, “não dá conta do desenvolvimento recente” e que as forças da política e religião estão se invertendo (2001, p. 31).

O deslocamento da fronteira público e privado é resultado de resistências e insatisfações trazidas pela modernização. Dentro da religião, é permitido aos indivíduos encontrar interpretação daquilo que se faz estranho. Há situações que demonstram este deslocamento proposto: 1. A regulação do estado em áreas da vida consideradas privadas, como por exemplo, o controle de natalidade; 2. Diante de religiões consideradas oficiais e que buscavam falar em nome da sociedade, grupos religiosos emergentes lutaram para garantir espaço político, tanto no processo eleitoral quanto na garantia de recursos públicos; 3. O questionamento de movimentos socioculturais acerca do espaço estatal “neutro”, mobilizando ações de grupos invisibilizados na busca por justiça e reconhecimento (BURITY, 2001, p. 32 – 33).

Esses fatores apontam que a fronteira entre o público e o privado não é bem delimitada, pois deixa nas mãos de atores políticos a regulação da vida privada, expondo a necessidade de representação e solução de conflitos de cunho religioso e politização da vida particular. Estas características demonstram-se mais explicitamente quando igrejas mantêm diálogo e declaram apoio a partido e persona política ou quando os poderes convocam grupos religiosos para atuarem em programas sociais educativos, combate às drogas e fome, por exemplo. Desta forma, as organizações religiosas acabam por inserir-se no terceiro setor (ibidem: p. 33).

O caminho em direção à conexão entre religião e política e a transição dos limites entre público e privado não significam, necessariamente, algo positivo. Há retrocessos em termos de intolerância, restrição das liberdades individuais e de grupos marginais diante da crescente ascensão política das classes dominantes dentro da cultura e religião. Estes retrocessos dificultam cada vez mais a definição daquilo que é religioso e daquilo que é político, pois se de um lado há um estado que não impõe sua neutralidade e separação da igreja, para então dissociar política da religião; do outro lado a religião está passando pelo processo de desinstitucionalização, que se afirma pelos tantos movimentos e grupos autônomos das regulamentações institucionais (ibidem, p. 34).

O religioso e político estão se desterritorializando e se deslocando entre as esferas culturais e econômicas. “Não se herda mais o modelo estatal e eclesiástico da política e religião”, mas emerge a “transversalidade, superposição dos espaços e tempos” da sociedade que estamos inseridos (BURITY, 2001, p. 35).

O processo de democratização que disseminou o liberalismo e a lógica pluralista geraram as identidades religiosas como reação às crises e incertezas da

globalização. Se a lógica democrática admite a “identidade e equivalência” entre as crenças, a lógica pluralista é baseada na “diferença e multiplicidade”. Tendo em vista que toda identidade é razoável em si, expressando crenças e valores, evoca-se a necessidade de rearticulação entre elas para evitar conflitos (ibidem: p. 36).

Neste contexto desafiador, o Estado não pode apresentar-se neutro, sendo importante definir até aonde vai a sua tolerância para garantir a liberdade de todos. Para Burity (2001, p. 37) o que está em jogo “não é a separação entre igreja e estado, mas entre religião e poder estatal”. Não há motivos para impedir que grupos religiosos adentrem o cenário político para debater acerca de algumas pautas, pois seria antidemocrático. O problema encontra-se então, no poder estatal na mão destes grupos, pois ao mesmo tempo em que é positiva a participação política dos sujeitos, há o risco de trazer ao campo político intolerâncias da área crença.

Analisando o campo moral, por exemplo, há concomitantemente, esforços em criminalizar aborto e homossexualidade por parte da religião – que se configura como politização da esfera religiosa; e também exigências para incutir uma lógica voltada pra solidariedade e responsabilidade numa economia de mercado, por exemplo. Ambos os casos devem ser avaliados, sendo o primeiro rejeitado e o segundo plausível de aceitação, tendo em vista que compreende necessidades que não são exclusivamente religiosas (ibidem: p. 39).

Além disto, diante do atual cenário, há a inserção do religioso na política como justificativa de “buscar uma eficiência política”, ou seja, ao se limitar as barreiras entre política e religião, emerge o ativismo religioso de encontro com o processo de “secularização, injustiças e desigualdades”. Isto ocorre como mais uma multiplicidade entre religião e política. Não há reencantamento do mundo, mas uma corrente religiosa dentro as muitas existentes (ibidem: p. 40).

Benini, Mezzomo e Pátaro (2016, p. 153), ao analisarem a juventude sem-religião, afirmam que a maneira como os indivíduos configuram sua identidade, resultam na participação social por meio de símbolos religiosos e imaginário político. No resultado da pesquisa, perceberam que o engajamento social, ainda que sem vínculo institucional, permeia estes campos, resulta em práticas caritativas, participação em movimentos e discursos de paz e justiça social.

## 6.2. Relação entre política e vinculação partidária

Em contexto brasileiro, falar de institucionalização política, assim como filiação e apoio a partidos, é de suma importância para compreender as trajetórias políticas dos indivíduos. Carreirão e Kinzo (2004, p. 133 - 134), no estudo acerca de partidos políticos e preferências partidárias consideram que a identidade política de um sujeito está relacionada com sua socialização, experiências e avaliação dos acontecimentos políticos, que se iniciam antes mesmo da experiência do sujeito como eleitor. A mudança desta identidade está de acordo com o posicionamento deste partido ao longo do tempo, bem como as transformações socioeconômicas que esses indivíduos enfrentam.

Os autores assinalam a existência da tendência a baixos índices de identificação partidária. Em 1989 era de 70% o percentual de eleitores que não se identificavam ou preferiam algum partido, e na década posterior chegou a 50% (ibidem: p. 136). Em referências mais recentes, de acordo com o TSE<sup>13</sup>, em dezembro de 2020 o número de brasileiros que possuem vinculação partidária girava em torno de 16,5 milhões de pessoas, ou seja, aproximadamente 8% da população. Ao observar a identidade partidária, em pesquisa realizada em 2014 por Speck, Braga e Costa (2015, p. 134), obtém-se o percentual de 28,1%, mostrando um baixo índice de compatibilidade.

A insatisfação com instituições políticas dá-se diante da ineficiência do sistema partidário em concretizar os anseios dos eleitores, fazendo com que os mesmos se distanciem dos partidos e busquem alternativas de representação diante do modelo político tradicional (CARREIRÃO e KINZO, 2004, p. 138).

Analisando dados comparativos acerca de associativismo religioso e político no Brasil, é possível notar que a participação de indivíduos em grupos religiosos é considerada mais relevante para eles, possuindo índices superiores a de outras instituições. Quando se trata de partidos e ações correlatas, os índices são cinco vezes menores que os religiosos. Mobilizações sociopolíticas como, por exemplo, abaixo assinados, manifestações e participação em comícios, em contexto nacional também possuem índices de engajamento pouco expressivos (AZEVEDO, SANTOS JUNIOR e RIBEIRO, 2009, p. 710 - 711).

O fator escolaridade possui forte interferência no perfil político dos sujeitos. Aqueles que possuem maior índice educacional apresentam maior engajamento que os

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/eleitor/estatisticas-de-eleitorado/filiados>>

que têm menor escolaridade, tanto nas formas tradicionais de fazer política quanto das novas, que são participação de fóruns na internet, boicotes, dentre outros (ibidem: p. 712 - 714). Além disto, quem possui maior escolaridade tende a ter preferências partidárias melhor definidas, devido à disponibilidade de aquisição de informações, elevando também a disposição em se manter valores democráticos (KINZO, 2005, p. 72).

Em geral, a participação civil e principalmente decisão de voto estão relacionadas mais ao posicionamento ideológico que ao partido em si, e isto ocorre também pela multiplicidade de legendas partidárias disponíveis. Vota em candidatos de esquerda quem se identifica previamente com partidos de esquerda e vota em candidatos de direita quem se identificava anteriormente com partidos da direita; ou seja, a preferência partidária não é estável, possui ligação com o viés ideológico (CARREIRÃO e KINZO, 2004, p. 140).

(...) a estrutura da competição política afeta a força e a estabilidade das preferências partidárias. Quando a competição é polarizada e os partidos defendem posições claramente distintas entre si, aumenta a probabilidade de os eleitores conseguirem se identificar, se posicionar e desenvolver preferências claras em relação às agremiações políticas (BORGES e VIDIGAL, 2018, p. 57).

No que diz respeito às novas identificações políticas, na maioria das vezes estão relacionadas à imagem de determinado candidato, assim como ao cenário socioeconômico do período analisado. Trago como exemplo a figura de Jair Bolsonaro, a que pode ser pensado como uma liderança carismática conforme a teoria weberiana (WEBER, 2000). Ao definir carisma em seu estado puro, o autor considera uma qualidade pessoal extra cotidiana, pelo qual o indivíduo possui poderes ou se qualifica como líder a partir da sua característica de “enviado de Deus”. A dominação exige obediência, afeição e crença dos adeptos, que é estimulada pelo líder, ao mesmo tempo em que o líder deve provar constantemente que além de ser enviado de Deus, recebe também seu apoio e proteção. O contexto ideal para o advento do líder é o de crise social para demonstrar seu poder transformador. A partir do momento que é institucionalizado, o poder sai da esfera psicológica e estabelece uma estrutura de dominação.

Nas sociedades democráticas modernas, é comum a coexistência de determinada intensidade e difusão de carisma com a dominação racional-legal rotineira. O método político utilizado, a partir de eleições livres e periódicas, estimula concursos de popularidade e encantamento – mesmo que provisórios e efêmeros –, gerando um ambiente propício à consolidação de relações de

natureza carismática. Esses concursos eleitorais podem se pautar em valores e interesses, mas não é raro o apelo à paixão, ao ódio, à raiva, ao medo e outros aspectos da psicologia social que podem favorecer o estabelecimento de vínculos carismáticos. (...) A desmagificação e a secularização do mundo não impediram o surgimento de fenômenos que buscam reencantar a vida política, aflorando paixões e relações personalistas de dominação. A democracia é a arena em que algumas dessas faíscas mágicas do passado sobreviveram à racionalização do mundo moderno (LAUREANO, 2020, p. 200).

Analisando então esta perspectiva, é possível evidenciar que os líderes políticos possuem maior visibilidade que o partido em si. Maria Kinzo (2005, p. 71) traz em sua pesquisa que apenas os partidos PT e PMDB<sup>14</sup> são conhecidos por mais da metade dos respondentes. Grande parcela dos participantes não sabia associar os principais líderes políticos do Brasil aos seus respectivos partidos, sobretudo aqueles alocados no Congresso e que possuem menor exposição à mídia. A autora atribui estes fatos à informação limitada dos partidos, associado ao baixo índice de escolaridade do país e complexidade do processo eleitoral. Desta forma, é comum o partido associar sua imagem ao líder para obter maior aceitação.

Observando agora o contexto socioeconômico de estabelecimento de identidade política, os autores Carreirão e Kinzo (2004, p. 143) afirmam que em períodos que o Brasil enfrentava altas inflacionárias e outros tipos de desgastes, a preferência pelo partido vigente sofre declínio, enquanto partidos de oposição aumentam sua popularidade. Por sua vez, em períodos de estabilidade e crescimento econômico o partido do representante eleito vê seus índices de aprovação crescerem. Assim, a relevância partidária flutua para dado momento eleitoral, mostrando-se instável e sem vínculos fortes.

Ainda acerca do processo eleitoral, um fenômeno que se mostra peculiar é a polarização política das massas, e se evidenciou, sobretudo nas eleições brasileiras de 2018. Consideremos, pois, esta polarização como divergência de ideologia política, que aumenta ainda mais as diferenças previamente existentes, tendendo a concentrar os participantes em lados extremos de espectro político. Borges e Vidigal (2018, p. 58) propõe que a identificação partidária dos sujeitos contém sentimentos positivos e negativos, e que existem aqueles indivíduos que possuem posturas mais intensas adotando um perfil competitivo de rivalidade, ou seja, com aceitação positiva do que vem do seu partido, e negativa do que advém do “adversário”.

---

<sup>14</sup> Atual MDB.

No Brasil, o processo de polarização fortaleceu as identidades políticas, se iniciando no ano de 2014 com o PT<sup>15</sup> que nas eleições anteriores interiorizou seu eleitorado para além das grandes capitais em direção ao Norte e Nordeste brasileiro, e PSDB perdido espaço nessas regiões, tendo maiores percentuais no Sul, Sudeste e Centro-Oeste, os partidos adotaram estratégias agressivas de campanha. A eleição presidencial no ano supracitado mostrou-se acirrada fazendo com que a candidata petista, Dilma Rousseff, vencesse com uma pequena margem, evidenciando uma competição à presidência em torno da divisão de classes e ativismo político da direita. Para os autores, a política de redistribuição de renda realizada no governo petista originou, entre os mais pobres, identificação com o partido, e concomitantemente rejeição de grande parte da classe média, que deu apoio ao retorno da direita por um espectro mais autoritarista e extremista (BORGES e VIDIGAL, 2018, p. 61).

O comportamento eleitoral, após as eleições de 2014 não apresentou estabilidade partidária, ao contrário, o antipetismo manteve patamares elevados, ao mesmo tempo em que nenhum dos partidos acima obteve apoio consistente (BORGES e VIDIGAL, 2018, p. 79). À época da pesquisa, os autores consideraram apenas possível a eleição do candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro, com intenção de voto em torno de 17% em dezembro de 2017; algo que se concretizou no ano seguinte, como sintoma de crescimento do eleitorado conservador e ausência de um oponente tucano bem estruturado.

Contudo, o resultado de seus estudos, concluiu que a polarização política seria algo improvável tendo em vista que o perfil ideológico dos participantes não era bem delimitado e nem constituíam grandes heterogeneidades. Por um lado, acreditavam que o sistema eleitoral de dois turnos e o viés ideológico quase homogêneo entre os pesquisados não seria o suficiente para caracterizar de maneira clara o eleitorado nacional, por outro a prática mostrou que mesmo diante destes fatores os eleitores de extrema direita e simpatizantes ganharam força no Brasil e elegeram a figura de Bolsonaro, que atualmente encontra-se sem partido (ibidem: p. 80).

Fernandes (2019) considera que as mutações ocorridas em contexto brasileiro, vinculadas também às manifestações ocorridas em 2013, marcada pela polarização

---

<sup>15</sup> Para os autores, a vitória do partido foi fruto da mudança do espectro político da esquerda para o centro, aceitação de dogmas econômicos vigentes, deixando de lado a ideologia política original para realizar alianças com partidos mais tradicionais. No ano de 2006, contudo, questões de renda, escolaridade e urbanização voltaram à tona, acrescentando à base do partido estratos marginalizados da sociedade. Este fator é atribuído principalmente à política de distribuição de renda do programa Bolsa Família.

política e discursos intolerantes, instigaram segmento adulto e juvenil a defenderem seus valores e crenças. A partir de suas subjetividades e capacidade de transformação de espaços de vivência, os jovens já não se configuram mais como “receptores de políticas públicas”, mas como sujeitos, estabelecendo conexões e espaços próprios. A partir disto, então se evidencia neste campo de disputa a desinstitucionalização política e rejeição aos partidos.

### **6.3. Desvinculação institucional e cosmovisões políticas**

Augusto (2008, p. 156) considera que os indivíduos e instituições necessitam uns dos outros para alocarem-se diante das mudanças e reformulações sociais. Ao construir suas próprias biografias, os sujeitos contribuem com a estrutura das instituições diante de uma sociedade de risco com caminhos não tradicionais (AUGUSTO, 2008, p. 160).

A partir do momento que as pessoas escolhem “sua maneira de viver”, o que é marcante no processo de individualização, o envolvimento político, sobretudo dos jovens, atrelava-se ao declínio da ação das instituições no estabelecimento de preceitos coletivos. Logo, a apatia e desinteresse não são resultados da rebeldia juvenil, mas de vivências que não necessariamente são compatíveis com modelos institucionalizados (ibidem: p. 161).

Não podemos considerar estas vivências como apolíticas, mas uma reinterpretação do fenômeno político fruto da transformação geracional dentro da sociedade de risco global. Desta maneira, formas não tradicionais de participação política surgiram, a partir de espaços de “revinculação, associações, voluntariado e também confronto diante das elites e poder regulador das instituições”. Em resumo, as juventudes distanciam-se da “máquina democrática”, mas não da democracia, principalmente quando a mesma está associada aos ideais de liberdade, tolerância e autonomia (ibidem: p. 164).

Observando a tabela abaixo, vemos que os participantes sem-religião da pesquisa de Silvia Fernandes (2013), mudaram sua configuração religiosa, e também política, ainda que de maneira menos radical. Ao precisarem responder acerca de reivindicação popular, se concordam, discordam, realizam ou não, obtivemos a seguinte configuração:

***Quadro 7 - Concordância e participação nas principais reivindicações populares  
(2007/2008)***

Reivindicação	Davi	Fabio	Thiago	Luiz	Maria
<b>Ocupação de terras improdutivas para a reforma agrária</b>	NS/NR	Concorda	Concorda	Concorda	Discorda
<b>Greves por melhores condições de trabalho e por salário</b>	Concorda	Concorda	Concorda	Concorda	Discorda
<b>Manifestações pela paz</b>	Concorda	Realiza	Concorda	NS/NR	Realiza
<b>Abaixo assinado para melhorias no bairro ou cidade</b>	NS/NR	Realiza	Concorda	Concorda	Concorda
<b>Ocupação de prédios públicos</b>	NS/NR	Discorda	NS/NR	Concorda	Discorda
<b>Manifestações pela ética na política</b>	NS/NR	Realiza	Concorda	Realiza	Discorda

Fonte: Fernandes (2013)

**Quadro 8 - Concordância e participação nas principais reivindicações populares (2019)**

Reivindicação	Davi	Fabio	Thiago	Luiz	Maria
<b>Ocupação de terras improdutivas para a reforma agrária</b>	Discorda	Concorda	Concorda	Concorda	Discorda
<b>Greves por melhores condições de trabalho e por salário</b>	Concorda	Concorda	Concorda	Realiza	Concorda
<b>Manifestações pela paz</b>	Discorda	Concorda	Discorda	Concorda	Realiza
<b>Abaixo assinado para melhorias no bairro ou cidade</b>	Discorda	Discorda	Concorda	Concorda	Concorda
<b>Ocupação de prédios públicos</b>	Discorda	Discorda	Concorda	Concorda	Discorda
<b>Manifestações pela ética na política</b>	Discorda	Discorda	Discorda	Realiza	Concorda

Fonte: elaboração da autora

Ao comparar os dados acerca destas reivindicações populares, podemos constatar que a concordância e discordância acerca dos temas é fluida, e para nenhum dos participantes a opinião do que foi proposto manteve-se exatamente a mesma em todos os aspectos. Podemos atribuir esse resultado às transformações de vivência que cada um obteve neste período, somadas às mudanças no cenário político brasileiro.

Davi foi o que mais transformou seu posicionamento, tendo em vista que diante das tantas respostas nulas em 2007/2008, em 2019 passou a ter uma opinião formada sobre os temas, o que pode ser atribuído ao avanço etário e maior acesso a informação. Comparando ambos os períodos, no ano de 2019, “Greves por melhores condições de trabalho e por salário” foi a única das reivindicações que obteve apoio para todos os participantes, e este fato pode estar associado à precarização do trabalho diante da reestruturação produtiva em contexto neoliberal, de caráter competitivo e destrutivo (ANTUNES, 2001, p. 35-36).

Nesta pesquisa, as concordâncias numericamente são superiores às realizações práticas de reivindicação popular, ou seja, a opinião dos participantes não é sinônimo de ação dentro do campo político, mesmo não institucionalizado. Abaixo, ao que diz respeito a participação em grupos, associações e instituições, temos a seguinte configuração:

**Quadro 9 - Participação em Organizações e Movimentos (2007/2008)**

Organização e Movimentos	Davi	Fábio	Thiago	Luiz	Maria
<b>Movimento Estudantil</b>	Não	Não	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Não
<b>Grupos de Igreja</b>	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Partido Político</b>	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Voluntário em ONG's</b>	Participa	Gostaria de Participar	NS/NR	Não	Não
<b>Associação de Moradores</b>	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Grupos de Defesa do Meio Ambiente</b>	Não	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar
<b>Clube/Associação esportiva</b>	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Não	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar
<b>Agente de Educação<sup>16</sup></b>	Participa	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Não
<b>Agente de Saúde<sup>17</sup></b>	Gostaria de Participar	Não	NS/NR	Gostaria de Participar	Não

<sup>16</sup> Trabalho voluntário em escolas;

<sup>17</sup> Trabalho voluntário em postos de saúde e centros comunitários;

<b>Campanhas Solidárias<sup>18</sup></b>	Gostaria de Participar	Participa	Participa	Não	Gostaria de Participar
<b>Visita a Instituições Caritativas<sup>19</sup></b>	Não	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar

Fonte: Fernandes (2013)

**Quadro 10 - Participação em Organizações e Movimentos (2019)**

<b>Organização e Movimentos</b>	<b>Davi</b>	<b>Fábio</b>	<b>Thiago</b>	<b>Luiz</b>	<b>Maria</b>
<b>Movimento Estudantil</b>	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Grupos de Igreja</b>	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Partido Político</b>	Não	Não	Não	Não	Não
<b>Voluntário em ONG's</b>	Não	Não	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Não
<b>Associação de Moradores</b>	Participa	Não	Não	Gostaria de Participar	Não
<b>Grupos de Defesa do Meio Ambiente</b>	Não	Não	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Não
<b>Clube/Associação esportiva</b>	Participa	Gostaria de Participar	Participa	Não	Não
<b>Agente de Educação</b>	Participa	Não	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Não
<b>Agente de Saúde</b>	Não	Não	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Não
<b>Campanhas Solidárias</b>	Não	Participa	Participa	Gostaria de Participar	Não
<b>Visita a Instituições Caritativas</b>	Não	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Gostaria de Participar	Não

Fonte: elaboração da autora

Equiparando as respostas dos diferentes anos, percebe-se que a recusa a “Grupos de Igreja” e “Partidos Políticos” foi unânime dentre eles. Associação de moradores também foi rejeitada no ano de 2007 enquanto Movimento Estudantil não levantou interesse dos mesmos em 2019. No que diz respeito à Associação de Moradores, em

<sup>18</sup> Incluem alimentos, agasalhos;

<sup>19</sup> Asilos, orfanatos e etc.

uma perspectiva de menor idade e mais distante do segmento adulto, participar deste grupo parecia desinteressante e sem sentido, o que mudou para dois dos participantes da pesquisa. Quanto ao Movimento Estudantil, uma atual rejeição poderia ser explicada pela escolaridade dos respondentes: todos possuem nível superior, sendo um deles incompleto. Assim, se quatro deles não fazem mais parte do contexto universitário e um está no processo de finalização do curso, então participar de um movimento de reivindicações estudantis não se apresenta como uma ação que faça sentido em seus respectivos contextos atuais de vida.

“Grupos de igrejas” e “partidos políticos” tiveram total rejeição entre eles. No que diz respeito ao primeiro, mesmo para a participante evangélica pentecostal, não há desejo de inclusão. Para os participantes sem vínculos religiosos, a não inclusão faz-se justificada, contudo, para esta participante, que faz parte da igreja Maranata, a institucionalização religiosa pode mostrar-se mais fragilizada, sendo mais estruturada no âmbito da crença que da ação dentro da igreja.

Ao abordarmos, especificamente, a participação em partidos políticos, se evidencia também alta rejeição. Contudo, como foi explanado anteriormente, não se pode resumir a ação política dos indivíduos à aceitação partidária. Além disso, há pormenores que nem sempre ficam explícitos ao observar apenas os dados quantitativos. Exponho aqui trecho de entrevista em profundidade com Thiago acerca de partidos políticos:

(Você apoia algum partido político?) Eu voto basicamente no PSOL, apesar de ter restrições absurdas, e não ser totalidade dos meus votos. Por exemplo, de seis votos, quatro são do PSOL. Basicamente depois que eu tirei o título, a maioria dos meus votos foi nesse partido. (Você tem alguma aversão a partidos políticos, ou algo que te incomoda, que não concorde, ou mesmo que ache que tá errado?) Tem bastante, né? A própria coisa de ser uma representação burguesa já foge de tudo o que eu consideraria como o ideal. Mas isso é só pra citar uma das coisas, eu tenho bastante coisa contra nas organizações (Que coisas contra seriam essas?). Por ser de esquerda eu foco mais nos partidos de esquerda e às críticas que tenho a eles. Dos partidos de direita nem tenho muito que falar, assim, é basicamente uma discordância ideológica absurda, porque quando vou falar de erros de esquerda chego à discordâncias estratégicas, porque a esquerda fica nessa coisa de criticar a própria esquerda (...). E o que tenho contra partidos de direita são discordâncias ideológicas mesmo, apesar de achar que eles se organizam bem melhor (Thiago, ateu, 31 anos).

Nosso entrevistado demonstra que não rejeita integralmente partidos políticos, mas que sua forma de eleger seus representantes está condicionada ao posicionamento político com viés de esquerda, como formulado por Carreirão e Kinzo (2004, p. 140).

Além disto, não se pode deixar de lado que o participante da pesquisa se mostra insatisfeito com a representação dos partidos ligada ao modelo elitista que as instituições possuem, demonstrando confronto diante das formas tradicionais de fazer política (AUGUSTO, 2008, p. 164).

Além deste participante, Luiz também não possui total desvinculo com partidos. Ao contrário, oficialmente este informante possui filiação partidária, porém no questionário aplicado afirmou que não possuía filiação partidária. Em entrevista, o rapaz explica:

Fui vinculado ao PC do B, mas foi só durante a juventude mesmo. Durante a época eu estava com 15/16 anos, eu fiz a filiação, mas eu deixei de lado, e mais velho, já com 18 anos me filiei ao Partido dos Trabalhadores. Sou filiado. Se você procurar meu nome por aí ainda estarei vinculado, mas porque ainda não me desfiliei. Eu não participava de votação nem nada disso, não segui mais. Hoje me considero apartidário. (E por que você foi perdendo esse interesse em termos partidários?) Eu me interessei muito pela questão política do socialismo. E depois com o tempo fui estudando cada vez mais um socialismo libertário, então acabei estudando muito sobre teorias anarquistas e fui abandonando essa característica partidária, até essa concepção governamental, e hoje eu olho pra isso muito como um reformismo. Fazer um reformismo dentro da própria cultura partidária, construir algo totalmente diferente. Então por isso eu fui abandonando (Luiz, agnóstico, 31 anos).

Ao observar a trajetória política de Luiz, percebe-se que houve proximidade partidária ainda na adolescência, com PC do B e PT, que possuem viés de esquerda, porém com o passar dos anos emergiu o desinteresse de vinculação, além da transformação de declaração política para uma perspectiva voltada ao anarquismo, não criticando apenas as instituições partidárias em si, mas antagônico ao poder estatal.

Quando os participantes foram questionados a respeito da relevância dos partidos, obtivemos a seguinte configuração:

***Quadro 11 - Importância dos partidos políticos para o país***

Período/Participante	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	Mais ou menos importantes	Mais ou menos importantes
<b>Fábio</b>	Muito importantes	Nada importantes
<b>Thiago</b>	Nada importantes	Mais ou menos importantes
<b>Luiz</b>	Nada importantes	Mais ou menos importantes
<b>Maria</b>	Muito importantes	Muito importantes

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Podemos admitir por esses dados que para quatro dos cinco participantes, a percepção acerca dos partidos políticos manteve-se estável ou “evoluiu” de “nada importantes” para “mais ou menos importantes”, fato que surge mudança na percepção desses jovens em direção à relevância de filiação partidária. Apenas Fábio que considerava “muito importantes” demonstrou que os partidos “involuíram” em sua perspectiva a ponto de serem considerados nada importantes. Porém, mesmo quem considera partidos mais relevantes não estabelecem vínculos partidários. Augusto (2008, p. 164) afirma que o sistema político tradicional muitas vezes não atende aos valores e expectativas juvenis, mostrando que é a “máquina política” que se distancia deste segmento.

Retornando às organizações e movimentos, os que possuíam maior interesse de participação em 2007/2008 eram: “Grupos de defesa do meio ambiente”, “Clube/associação esportiva” e “Visita a instituições caritativas”. Em termos de participação efetiva, no mesmo período, as Campanhas solidárias eram alvo de ação de dois dos participantes, e interessante a outros dois. Por sua vez, em 2019 o desejo de participação estava voltado apenas à visita a instituições caritativas, enquanto a participação foi maior em “Campanha solidária” e “Clube/associação esportiva”. Percebe-se que estes jovens adultos possuem maior interesse em ações assistencialistas enquanto na década anterior os interesses eram mais diversificados.

As ações coletivas de voluntariado, cultura, lazer e desportivas são as que melhor configuram o espaço de participação juvenil, redefinindo a perspectiva institucional e dando relevância ao dia a dia do segmento, bem como à vida privada. Os atores passam a se reposicionar, retirando-se da perspectiva partidária e rejeitando-a, indo em direção às formas não tradicionais de pertença, por meio de manifestações, petições online e boicotes a produtos e pessoas<sup>20</sup> por questões políticas e ambientais (AUGUSTO, 2008, p. 169).

Neste contexto, destaco a prática de Thiago em termos de participação em âmbito político, desvinculada a partido. O mesmo junto com colegas fundou um coletivo voltado para ações contra o preconceito em estádios de futebol e definiu a principal distinção entre estas ações e participação partidária.

Eu faço parte do Vasco, e fundei no final de 2017 um coletivo com alguns amigos, que é a esquerda vascaína, e fazemos algumas ações contra machismo e homofobia no estádio. É uma coisa que a gente acha um pouco necessária porque ficar na sua universidade discutindo dentro da sua bolha não vai

---

<sup>20</sup> Destaque meu, não acrescentado pelo autor.

adiantar de nada. Coloca a gente em risco, mas nunca tivemos nenhum revés muito pesado. A gente acha muito legal porque ocupa o lugar dentro do estádio, lugar absurdamente machista e homofóbico. Então panfletar contra isso dentro de um estádio faz algum sentido e já conseguimos algumas coisas legais em torno disso. (...) Eu não consigo me imaginar trabalhando num coletivo desses (partido político), um coletivo que sobra muita vaidade. Como tenho muito amigo dentro do PSOL fico sabendo de coisas e me cansa um pouco esse cenário da gente ficar batendo entre a gente o tempo inteiro. Partido político é uma coisa grande, o nosso coletivo do Vasco é diferente porque todo mundo chega e dá opinião e tem o mesmo valor ali dentro, e não tem essa coisa da vaidade que norteia muito o partido político. Militância dentro do partido político é muita vaidade (Thiago, ateu, 31 anos).

É possível sugerir que a ideia de “coletivos”, passada uma década desde o início desta pesquisa funciona como uma nova articulação juvenil dentro da esfera pública. Diferente dos movimentos sociais que por vezes estão incorporados a estruturas de governos e legitimados pelo Estado democrático, para Machado (2007), os coletivos se estabelecem como uma forma de ativismo questionador frente à ordem social vigente, de maneira não institucionalizada. Estes coletivos se estruturam pois não aceitam as interpretações sociais predominantes, de tal maneira que por uma perspectiva pacífica, afastam-se de estruturas mais tradicionais como sindicatos e partidos, por exemplo.

Ainda discorrendo no campo político, questionou-se aos participantes quais eram suas atitudes relacionadas à política. Observou-se, então a seguinte configuração nos anos de análise:

**Quadro 12 - Atividades relacionadas à política (2007/2008)**

<b>Atividades políticas</b>	<b>Davi</b>	<b>Fábio</b>	<b>Thiago</b>	<b>Luiz</b>	<b>Maria</b>
<b>Ler e assistir noticiário sobre política</b>	x	x	x	x	x
<b>Conversar sobre política</b>	x	x	x	x	
<b>Fazer pedidos a políticos e funcionários públicos</b>					
<b>Vota</b>	x	x	x	x	
<b>Procura se informar sobre os candidatos no período das eleições</b>		x		x	
<b>Acompanha o mandato dos candidatos nos quais você votou</b>		x			
<b>Em período eleitoral atua como voluntário para partidos</b>					
<b>Em período eleitoral</b>					

<b>atua de forma remunerada para partidos</b>
<b>Não possui nenhuma dessas práticas</b>

Fonte: Fernandes (2013)

**Quadro 13 - Atividades relacionadas à política (2019)**

<b>Atividades políticas</b>	<b>Davi</b>	<b>Fábio</b>	<b>Thiago</b>	<b>Luiz</b>	<b>Maria</b>
<b>Ler e assistir noticiário sobre política</b>		x	x	x	x
<b>Conversar sobre política</b>		x	x	x	x
<b>Fazer pedidos a políticos e funcionários públicos</b>					
<b>Vota</b>	x	x	x	x	x
<b>Procura se informar sobre os candidatos no período das eleições</b>	x	x	x	x	x
<b>Acompanha o mandato dos candidatos nos quais você votou</b>		x	x	x	
<b>Em período eleitoral atua como voluntário para partidos</b>					
<b>Em período eleitoral atua de forma remunerada para partidos</b>					
<b>Não possui nenhuma dessas práticas</b>					

Fonte: elaboração da autora

Comparando as atividades voltadas à política, aquelas que se relacionam a uma atuação direta com partidos, ou mesmo diálogo com candidatos/funcionários públicos, apresentaram rejeição tanto em 2007/2008 quanto em 2019. Analisando caso a caso, Davi que antes informava-se, conversava sobre política e votava, reduziu suas práticas ao voto e pesquisa da ação de candidatos no período eleitoral. Por sua vez, Fábio manteve as mesmas práticas em ambos os períodos, e Thiago no ano de 2019 acrescentou o hábito de se informar sobre os candidatos em períodos pré e pós eleitorais. Da mesma forma, Luiz passou a acompanhar os mandatos após as eleições e Maria, que em 2007/2008 apenas se atualizava por meio de noticiários, passou a conversar sobre política, votar e informar-se sobre seus candidatos.

É relevante expor que o aumento das atividades relacionadas à política pode estar intimamente relacionado à idade, tendo em vista que na primeira pesquisa era menor de idade, e atualmente possui idade para votar, bem como ser exposta a conhecimentos mais aprofundados acerca desta dinâmica social que são as eleições e suas consequências.

Os dados sugerem haver maior preocupação dos jovens adultos em obter informações sobre os candidatos e seus programas de ação. A política como tema e como fonte de preocupação dos jovens parece se expressar especialmente neste item uma vez que na primeira pesquisa apenas dois dos entrevistados adotavam essa conduta, ao passo que os sujeitos em comparação passam a adotá-la ao longo de uma década. Pode-se supor ainda que a degradação do ambiente político nos últimos anos exigiu desses jovens a mudança de postura ao votar, o que denota maior consciência político-partidária.

Retirando-se do aspecto relacionado às eleições e partidos, surgiu a necessidade de julgar qual seria o principal problema do país. As respostas mostraram-se semelhantes no último questionário:

**Quadro 14 - Principal problema do país**

Período/Participante	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	Má administração pública	Má administração pública
<b>Fábio</b>	Violência	Má administração pública
<b>Thiago</b>	Saúde	Desigualdade Social
<b>Luiz</b>	Educação	Desigualdade Social
<b>Maria</b>	Educação	Violência

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Em 2007/2008 os problemas apontados eram mais diversificados, envolvendo os principais pontos a serem questionados e exigidos pelos eleitores ao Estado. Melhorias na saúde e educação, bem como soluções para a violência e má administração eram e continuam sendo constantemente reivindicados pela maioria dos eleitores, porém sem solução definitiva. Em 2019 os problemas puderam ser resumidos em má administração, desigualdade social e violência, mostrando que talvez haja certo alinhamento entre os sujeitos no de diz respeito ao principal problema do país.

De fato, Neri (2019) afirma que desde o ano de 2014 os índices de desigualdade vêm crescendo no país de maneira ininterrupta até 2019 (ano da pesquisa), ou seja, um recorde de duração no que diz respeito a séries históricas brasileiras. Nesse período, entre os grupos mais pobres, a renda decresceu em torno de 17%, enquanto entre os 1% mais ricos do país, a renda aumentou 10%. Ao analisar o corte populacional que mais perdeu neste contexto de crise, jovens entre 15 e 24 anos, analfabetos, moradores das regiões Norte e Nordeste e da cor negra obtiveram perdas que representam o dobro da média geral. O motivo para tais índices é o aumento do desemprego e alta inflacionária.

Ao que diz respeito à violência, Théry (2018), aponta que no ano de 2015 as taxas de homicídio no Brasil alcançaram uma média de 160 pessoas por dia. São municípios densamente povoados presentes nas periferias urbanas que os dados são mais críticos, e as principais vítimas são jovens entre 15 e 29 anos, sobretudo homens de cor negra.

Assim, as preocupações apontadas pelos participantes são condizentes com a faixa de idade que possuem, tendo em vista que estes jovens adultos compõem o grupo mais afetado tanto pelo crescimento exponencial da desigualdade quanto da violência urbana.

Com a necessidade de apontar quais soluções permitiriam, na visão dos jovens, que o Brasil se torne um país mais desenvolvido obtivemos:

**Quadro 15 - O que tornaria o Brasil um país desenvolvido**<sup>21</sup>

Opção/ Partici pante	Davi		Fábio		Thiago		Luiz		Maria	
	2007	2019	2007	2019	2007	2019	2007	2019	2007	2019
<b>I</b>	Melhorias na educação	Igualdade de oportunidade	Melhorias na educação	Melhorias na educação	Melhorias na educação	Igualdade de oportunidade	Melhorias na educação	Equilíbrio das contas públicas	Equilíbrio das contas públicas	Equilíbrio das contas públicas
<b>II</b>	Habituação para todos	Diminuição da violência urbana	Melhorias na saúde	Melhorias na saúde	Melhorias na saúde	Combate à desigualdade e social entre as regiões	Melhorias na saúde	Combate à desigualdade e social entre regiões	Igualdade de oportunidade	Igualdade de oportunidade
<b>III</b>	Crescimento econômico + desenvolvimento humano	Mecanismos eficazes ao combate a corrupção	Mecanismos eficazes no combate a corrupção	Equilíbrio das contas públicas	Crescimento econômico + desenvolvimento humano	Crescimento econômico + desenvolvimento humano	Crescimento econômico + desenvolvimento humano	Crescimento econômico + desenvolvimento humano	Diminuição da violência urbana	Preservação ambiental

<sup>21</sup> O participante poderia marcar até três opções.

Em 2007/2008 as soluções para o Brasil chegar a ser desenvolvido foram principalmente “promoções de melhorias na educação”, “saúde” e “Crescimento econômico acompanhando o desenvolvimento humano”, enquanto em 2019 as duas primeiras soluções foram substituídas por “Igualdade de oportunidades”, “Equilíbrio das contas públicas” e “Combate à desigualdade nas regiões”. Estas soluções são consistentes com os principais problemas apontados pelos participantes. “Equilíbrio das contas públicas” está para a “Má administração” assim como “Combate às desigualdades nas regiões” e “Igualdade de oportunidades” estão para “Desigualdade social”.

Acerca das soluções, as opções “Acesso ao consumo”, “Mais programas de distribuição de renda como o Bolsa-família” e “Investimento em atividades culturais” não foram propostos em nenhum dos períodos de pesquisa, podendo sugerir que para os participantes, as propostas acima não sejam o suficiente para resolver questões emergentes que o país enfrenta.

#### **6.4. Valores e visões de mundo**

Arantes (et. al., 2016) afirma que os percursos juvenis, na construção da própria subjetividade e projetos, que nos permite compreender valores, motivações e memórias, pois são eles que dão base ao futuro dos sujeitos. A elaboração de valores reforça a identidade moral e se estabelece nas experiências de vida que exigem dos sujeitos reflexões acerca da moralidade.

Os valores surgem a partir da expectativa que o sujeito cria acerca das relações, indivíduos, objetos e sobre si mesmo. Contudo, a forma como estes sujeitos se deixam afetar por estes valores varia para cada um, podendo ser central ou periférica, sendo o meio, as relações, a sociedade e cultura determinantes a isto. Os diferentes pontos de vista que cada um estrutura acerca de um mesmo fato não são permanentes, pois ordena-se as formas de pensamento baseados na percepção do real. Logo, afeto, desejo, sentimentos e representações articulam-se e nos permitem compreender as configurações de pensamento e projeções dos sujeitos em relação ao porvir (ARANTES, et. al., 2016, p. 80 – 84).

Ao tratar da percepção dos jovens adultos acerca do mundo que os cerca, os membros da pesquisa mostraram seu posicionamento da seguinte maneira:

**Quadro 16 - Mundo nos próximos anos**

Período/Participante	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	Ficará como está	Ficará como está
<b>Fábio</b>	Ficará como está	Ficará como está
<b>Thiago</b>	NS/NR	Vai piorar
<b>Luiz</b>	Vai piorar	Vai piorar
<b>Maria</b>	Vai piorar	Vai piorar

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

É nítido em meio a resposta deste questionamento que tanto em 2007/2008 quanto no ano de 2019 os participantes mostraram-se pessimistas frente aos rumos que o mundo segue. Thiago, em entrevista de profundidade, responde de forma breve que a piora do mundo não está atrelada aos acontecimentos oriundos da pandemia da Covid-19, mas ao declínio da economia e aumento da desigualdade social. Luiz destrincha ainda mais seu sentimento de piora, principalmente no contexto nacional.

(Em resposta ao questionário você disse que tinha a sensação de que as coisas iriam piorar. Você ainda tem essa percepção de piora e o que te faz sentir isso?) Eu tenho sim a sensação de piora porque a gente está vivendo agora uma pandemia e você percebe que não é uma pequena parcela da população que desconfia dessa pandemia e da ciência, não só no Brasil. Esse desconfiar ou vem de uma influência externa ou ele vem aleatoriamente, não existe um embasamento. As pessoas não buscam conhecimento pleno. Não é que você vai ter conhecimento de tudo, ou ser especialista em tudo, mas ter um conhecimento básico. Utilizar pessoas que são de determinadas áreas e que tem aquela produção de conhecimento e que visa um crescimento, mas não só um conhecimento econômico. Isso atrapalha muito na racionalidade e tem piorado. Tem uma quantidade absurda de pessoas que passam a desconfiar, é o que a gente chama de pós-verdade, elas absorvem uma verdade, tratam aquilo como se fosse uma verdade absoluta, então ao olhar esses aspectos a tendência é piorar. (...) Há uma tendência de piora, mas acho que a gente vive um ciclo de melhora e piora, melhora e piora, porque a gente não sabe manter, de certa maneira, as melhoras. Por algum motivo, historicamente, quando a gente melhora, a gente não consegue manter isso. A gente passa a se acomodar, talvez, e essa melhora não é passada pra frente, e acaba tropeçando novamente. (Você acha que quando passar essa fase pode ter uma melhora ou tem muito que piorar?) Eu não sei por quanto tempo seria essa piora, mas eu acho que em algum momento, exatamente por conta dessa piora, se procura melhorias, porque aí há a necessidade. (...) Sempre existe um momento de recuperação em que se criam meios para sair dessa piora. Agora, o tempo que isso demora? Aí não sei dizer (Luiz, agnóstico, 31 anos).

Luiz, diferentemente da opinião anterior, atribui a piora do mundo à desvalorização do conhecimento científico e ao comodismo social que dificulta a passagem de saberes que manteriam os períodos positivos estáveis. Estas características estão atreladas ao contexto de modernidade reflexiva presente na sociedade, que evidencia a individualização em que os indivíduos por sei redefinem suas ideias, deixam de lado as certezas, dentre elas as científicas, para reincorporar novos modos de vida (BECK, 2012, p. 31).

Ainda que os participantes apresentem uma leitura pessimista dos próximos anos, ao abordar da vida de cada um, o cenário é distinto ao observado anteriormente.

***Quadro 17 - Vida nos próximos anos***

Período/Participante	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	Vai melhorar	Vai melhorar
<b>Fábio</b>	Vai melhorar	Vai melhorar
<b>Thiago</b>	NS/NR	Ficará como está
<b>Luiz</b>	Ficará como está	NS/NR
<b>Maria</b>	Vai melhorar	Vai melhorar

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Ao tratarmos dos rumos do mundo, paira entre os respondentes uma postura negativa do porvir, contudo, quando a própria vida é levada em consideração, três dos cinco participantes possuem visão positiva do futuro. Fernandes (2011, p. 109) afirma que esta aparente contradição é comum em pesquisas de mesmo cunho, pois os indivíduos atribuem ao esforço pessoal e capacidade de inovação a melhoria de vida. Mesmo diante das políticas públicas insuficientes e baixa qualidade de vida oferecida pelo Estado, existe a crença de que o estudo e trabalho garantirá vitória nos planos e projetos,

Para compreender mais a fundo as percepções e valores dos membros da pesquisa, questionou-se quais os valores sociais e pessoais mais relevantes.

***Quadro 18 - Valores mais importantes da sociedade<sup>22</sup>***

Opção/ Particip	Davi		Fábio		Thiago		Luiz		Maria	
	2007	2019	2007	2019	2007	2019	2007	2019	2007	2019

<sup>22</sup> O respondente podia marcar até três opções.

ante										
<b>I</b>	Dedicação ao trabalho	Solidariedade	Igualdade de oportunidades	Respeito às diferenças	Respeito às diferenças	Respeito às diferenças	Solidariedade	Solidariedade	Respeito às diferenças	Respeito às diferenças
<b>II</b>	Disciplina pessoal	Respeito às diferenças	Justiça social	Liberdade individual	Igualdade de oportunidades	Igualdade de oportunidades	Respeito ao meio ambiente	Respeito às diferenças	Igualdade de oportunidades	Temor a Deus
<b>III</b>	Liberdade política	Igualdade de oportunidades	Competência	Prazer sexual	Liberdade política	-	Disciplina pessoal	Liberdade individual	Respeito ao meio ambiente	Respeito ao meio ambiente

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Para os membros da pesquisa, atualmente o “Respeito às diferenças” é o valor de maior destaque, secundariamente entram “Solidariedade”, “Liberdade individual” e “Igualdade de oportunidades”. Já no período de 2007 a “Igualdade de oportunidades”, “Disciplina pessoal”, “Liberdade política” e “Respeito ao meio ambiente” mostram-se igualmente relevantes aos jovens adultos desta pesquisa. Augusto (2008, p. 162) afirma que apesar do afastamento juvenil dos sistemas tradicionais de democracia, as representações sociais que existem estão associadas à liberdade, respeito pelas diferenças no plano existencial e não no plano político.

Partindo para a temática acerca de drogas lícitas e ilícitas, obteve-se a configuração que podemos observar na tabela abaixo:

**Quadro 19 - Consumo de maconha**

Período/Participante	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	Ofereceram mas nunca experimentou	Já experimentou
<b>Fábio</b>	Ofereceram mas nunca experimentou	Ofereceram mas nunca experimentou
<b>Thiago</b>	Conhece alguém que fuma	Já experimentou
<b>Luiz</b>	Conhece alguém que fuma	Já experimentou
<b>Maria</b>	NS/NR	Conhece alguém que fuma

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

**Quadro 20 - Consumo de cocaína**

Período/Participante	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	Já viu pessoas usando	Conhece alguém que usa
<b>Fábio</b>	Conhece alguém que usa	Já viu pessoas usando
<b>Thiago</b>	Já viu pessoas usando	Já viu pessoas usando
<b>Luiz</b>	NS/NR	Conhece alguém que usa
<b>Maria</b>	NS/NR	NS/NR

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

**Quadro 21 - Consumo de cigarro de tabaco**

Período/Participante	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	Não fuma	Não fuma
<b>Fábio</b>	Não fuma	Não fuma
<b>Thiago</b>	Não fuma	Já fumou
<b>Luiz</b>	Já fumou	Já fumou
<b>Maria</b>	Não fuma	Não fuma

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

**Quadro 22 - Consumo de bebida alcoólica**

Período/Participante	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	Não bebe	Consome (iniciou entre 16 e 17 anos)
<b>Fábio</b>	Não bebe	Consome (iniciou entre 18 e 20 anos)
<b>Thiago</b>	Consome (iniciou entre 14 e 15 anos)	Consome
<b>Luiz</b>	Consome (iniciou entre 16 e 17 anos)	Consome
<b>Maria</b>	Já bebeu	Já bebeu

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Dentre os cinco participantes, três afirmaram já terem consumido *cannabis* no intervalo que se sucedeu dentre as pesquisas, contudo, no que diz respeito à cocaína, a maioria dos indivíduos já viram e conhecem pessoas que usam, porém não fazem uso. Ao abordar drogas lícitas, três dos cinco participantes rejeitaram o cigarro de tabaco, porém o mesmo não ocorre ao que diz respeito às bebidas alcoólicas, em que quatro dos participantes fazem consumo.

Ao realizar entrevista de profundidade com Thiago e Luiz, trouxe à cena a legalização das drogas. Para ambos participantes a liberação da maconha seria algo positivo, como expõe os trechos abaixo:

(Você concorda com algum tipo de liberação?) Sim. (De que liberação que estaria falando?) Maconha. (O que você acha que mudaria se houvesse uma liberação. Quais os pontos positivos?) Acho que a principal questão é a da violência urbana que leva todo um leque, né? De matança da juventude negra e tudo mais. Pra mim esse é o principal ponto, nem é do uso medicinal nem nada do tipo, porque a criminalização acaba sendo mais pesada em torno deles. Isso começa nos EUA na década de 60 quando chega a cocaína e o craque, você vê que a cocaína circula livremente entre os bairros ricos e quem transporta 2kg de cocaína tem um tratamento diferente de quem está portando uma pedra de craque, e isso é uma coisa que a gente importou deles, né? Funciona assim até hoje lá e aqui (Thiago, ateu, 31 anos).

Luiz já apresenta argumentos distintos para a liberação:

Eu consumo *cannabis*, também não é uma coisa regular, mas fumo de vez em quando. É esporádico. Nessa pandemia então, nem cheiro eu senti mais... Uso, mas é um uso recreativo na maior parte das vezes. Apesar de hoje você ter conhecimento de várias coisas, muitas coisas eles produzem a partir da *cannabis*. Sou militante nesse sentido de ser uma erva medicinal, que deve ser estudada, deve ser repensada. E mesmo o uso recreativo, não há sentido em proibição. Eu não sou contra porque eu não gosto de qualquer política proibicionista, a partir do momento que não estou afetando ninguém fazendo isso. Eu uso mais até num sentido de protesto, né? Um protesto sobre a própria lei, quem aplica a lei e no fato de existir essa lei não significa ser correto, porque essa lei pode ser um problema. Vale lembrar que a escravidão era legal durante um tempo, era normal ter um escravo. Então a lei não determina por si só (Luiz, agnóstico, 31 anos).

A fim de basear a legalização da maconha, Thiago traz seu argumento principalmente para a violência urbana e genocídio da população negra que o combate às drogas gera na sociedade. Já Luiz estrutura seu argumento nos benefícios que o estudo científico da erva poderiam trazer, assim como a proibição infundada do uso recreativo.

Para Velho (2011) é importante saber não necessariamente termos químicos e técnicos do que é a maconha, mas a forma como ela é percebida e vivenciada por

diferentes grupos. O autor afirma que em si, não há ameaça na maconha, mas as reações a ela estão associadas a ideias, visões de mundo e estilos de vida. Pondera ainda que a maconha tornou-se um real problema quando se inseriu nas classes médias porque quando estava restrita às populações periféricas e rurais não era uma questão substancial. Pelo consumo da *cannabis* estar relacionado à negação de valores dominantes por parte das camadas privilegiadas socialmente, a erva é associada a tóxicos que comprometem comportamentos no âmbito trabalhista, familiar e sexual. Estes fatores estão vinculados à perda de controle social, o que representa uma ameaça (p. 4-5).

Ravi Cavalcante, ao analisar a percepção dos usuários de maconha dentro do contexto juvenil e universitário afirma que na busca por uma identidade própria é comum o rompimento de regras sociais. O uso da maconha é visto como uma transgressão e pode ser usada para inserir-se socialmente, cujo uso sinaliza um “acordo de compartilhamento de algo ilícito entre os membros” (2017, p. 20).

No desenvolvimento acerca do tema sexualidade, perguntamos a opinião dos mesmos a respeito de práticas sexuais antes do matrimônio. As respostas foram as seguintes:

**Quadro 23 - Opinião sobre sexo antes do casamento**

Período/Participante	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	A favor	A favor
<b>Fábio</b>	A favor	A favor
<b>Thiago</b>	A favor	A favor
<b>Luiz</b>	A favor	A favor
<b>Maria</b>	É contra	NS/NR

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)  
 Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Todos os rapazes respondentes do formulário mostraram-se favoráveis a práticas sexuais antes do casamento. Maria, na primeira pesquisa mostrou-se contra e em 2019 não soube ou preferiu não responder ao questionamento. A mesma, na pergunta acerca da idade em que teve a primeira relação, respondeu ainda em 2019 que era virgem. O fato de estar vinculada a uma igreja pode estar favorecendo essa escolha. Por outro lado, ao não responder, podemos supor haver algum conflito de Maria em relação às diretrizes institucionais e seus próprios valores no que tange à sexualidade.

Longo e Rios-Neto (2016, p. 251) em estudo de análise de virgindade e união matrimonial, afirmam que a taxa de virgindade após os 17 anos vai declinando com os anos, porém entre as que tiveram relação sexual antes dos 17 as taxas são elevadas para as que possuem menor nível de escolarização. Além disso, dentre mulheres brancas os percentuais são maiores.

Yvonne Knibiehler (2016) afirma que a virgindade ainda possui forte relevância simbólica, mesmo em culturas avançadas em termos de emancipação feminina. Para a autora, em religiões monoteístas, sobretudo judaico cristãs, a “pureza” era algo fundamental, pois estava atrelada à santidade moral e espiritual. Com a transição demográfica a idade para o casamento se eleva e a responsabilidade pela manutenção da virgindade torna-se feminina, e não mais da família, fazendo com que as mulheres fiquem sob constante vigilância social. Assim, mesmo no século XXI, a primeira relação sexual mostra-se um rito nobre ou aflitivo, cercado da pressão masculina, interferência familiar, risco gestacional e abominado por grupos religiosos que restringem a prática para depois do casamento (PINSKY, 2016, p. 1015 – 1017).

Por fim, ao tratar do aborto, os participantes foram questionados sobre qual atitude deveria ser tomada diante da gravidez na adolescência.

**Quadro 24 - Posicionamento diante da gravidez precoce**

Participante/Período	2007/2008	2019
<b>Davi</b>	Sustentar a gravidez independentemente da opinião dos pais e do namorado	Sustentar a gravidez acha que o aborto é um crime contra a vida
<b>Fábio</b>	Sustentar a gravidez independentemente da opinião dos pais e do namorado	NS/NR
<b>Thiago</b>	Sustentar a gravidez só em caso de aprovação dos pais e namorado	NS/NR
<b>Luiz</b>	Sustentar a gravidez independentemente da opinião dos pais e do namorado	Sustentar a gravidez somente se o namorado assumir
<b>Maria</b>	Sustentar a gravidez acha que o aborto é um crime contra a vida	Sustentar a gravidez acha que o aborto é um crime contra a vida

Informações 2007 - Fonte: Fernandes (2013)

Informações 2019 – Fonte: elaboração da autora

Em ambos os períodos a sustentação da gravidez mostrou-se dominante, mesmo que a opção “abortar independentemente da opinião dos pais e do namorado” tivesse sido proposta. O ato de manter a gestação mostra-se condicional em alguns casos, sobretudo no que diz respeito ao apoio familiar e do companheiro. Para Maria, em ambos os períodos e para Davi em 2019, manter a gravidez possui relação com o direito à vida, e isso pode ser associado à declaração religiosa dos mesmos, que é evangélica para a moça e católico não praticante ao rapaz.

Em entrevista em profundidade realizada com Thiago, acerca do aborto diz que é importante ser soberana a opinião da gestante, pois trata-se do seu corpo e sua vontade. Luiz se aprofunda na questão:

(E em relação ao aborto, você concorda com uma regulamentação que seja mais abrangente?) Concordo. Acho que o aborto é uma discussão mais complexa. Eu to falando como homem, porque eu acho que a gente nem deveria opinar muito em relação ao aborto, porque eu nunca vou sofrer dessa prática, né? Eu nunca vou praticar o aborto, nunca vou engravidar então me forço a dizer algo entorno dessa concepção proibicionista e científica. Quando que existe vida efetivamente? A gente olha com um princípio religioso e pensa a concepção de vida efetiva, quando existe essa identificação como ser humano e depois de quanto tempo seria um aborto legal. A partir daí acho que existe um tempo em que o aborto pode ser feito. Mas acho que não é só uma questão pessoal, é uma questão social. Existe também o aborto masculino que vem de uma forma bem pior, depois que a criança já nasceu, e aí é um abandono do pai e isso pouco se fala. No século XXI a mulher ainda é bem mais massacrada do que um homem nessas ações, e o homem não sofre qualquer repressão sobre isso, então infelizmente a gente ainda vive numa sociedade totalmente paternalista e isso interfere muito nas relações, como se fosse uma coisa só deles. Enfim, eu sou a favor do aborto dentro desses limites (Luiz, agnóstico, 31 anos).

Na perspectiva de Luiz, o aborto deve ser pensado na lógica feminina, não obstante da percepção científica que definiria em qual período o aborto poderia ser praticado sem ameaçar uma vida humana propriamente dita. Para ele, é preciso que esta temática seja inserida socialmente, pois há julgamento para mulheres ainda que homens pratiquem o abandono da criança e não sofram de igual maneira.

Assim sendo, neste capítulo debateu-se acerca da relação entre religião e política na sociedade, bem como os dinamismos institucionais e desinstitucionais. Estes fatores se tornaram evidentes a partir do forte processo de desvinculação marcada pela rejeição partidária e ao mesmo tempo levando em conta a relevância que o processo eleitoral, opiniões e práticas políticas possui dentre os participantes.

Além disto, na construção da própria trajetória, os jovens adultos respondentes desta pesquisa elaboraram suas percepções a partir das vivências, dinamismo social e crenças, de tal forma que não podemos configura-las como permanente. As expectativas em relação ao mundo e da própria vida, valores que consideram essenciais e opiniões que estruturaram acerca de temas polêmicos permite aos indivíduos montarem sua própria dimensão de vida.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se inscreve nos estudos de longa duração ou pesquisa de painel visando acompanhar as visões de mundo e condutas dos mesmos indivíduos ao longo do tempo, e buscando compreender as trajetórias religiosas, políticas e valorativas dos participantes sem-religião da pesquisa de Fernandes (2011b, 2013), realizada entre os anos de 2007 e 2008. Neste período, os respondentes possuíam idade entre 15 e 24 anos, e eram classificados como jovens e adolescentes.

Ao realizar novamente a pesquisa com estes indivíduos<sup>23</sup>, levou-se em consideração a relevância geracional e, sobretudo a percepção de juventude que não se limita à faixa etária, mas às novas exigências e configurações institucionais e sociais, que alteram a os cursos de vida e estabelecimento dos indivíduos na fase adulta.

Para eles ainda existe o sentimento de pertencer à classe juvenil, ao mesmo tempo em que ser adulto traz as responsabilidades e preocupações, o que é avaliado negativamente para a maioria deles. O contexto de modernidade reflexiva evidencia as tantas mudanças sociais não planejadas e que geram autoconfrontamento a serem superados de maneira individual. Cada biografia exige disposições de vida em que o próprio sujeito é responsável por planejar e definir seus compromissos e ideias, deixando de lado os modos tradicionais marcados pela forte inserção familiar.

No que diz respeito à abordagem religiosa, o processo de secularização evidenciou mudanças no âmbito da crença, retirando o poder religioso da vida dos indivíduos e Estado, ao mesmo tempo em que se reconfigura dando origem a novas ofertas de fé e práticas que não exigem filiação religiosa. Os valores e conhecimentos da sociedade moderna estruturam-se sobre escombros religiosos, fazendo com que as crenças frequentemente se recomponham, diversifiquem e se disseminem<sup>24</sup>.

Em contexto brasileiro cuja crença nacional possui origem judaico-cristã e orienta grande parte da população, a categoria de sem religião, composta por ateus, agnósticos e sem religião, cresce exponencialmente evidenciando a ausência e questionamento da crença para alguns, mas principalmente a desvinculação religiosa mesmo com configurações de fé para outros. Apesar da relevância das instituições, os indivíduos, sobretudo jovens, assimilam e recriam esses valores institucionais.

---

<sup>23</sup> Cinco de um total de trinta e um que participaram em 2007.

<sup>24</sup> Hervieu-Léger (2005).

Na atual pesquisa evidencia-se a mudança de vínculo entre os participantes, tanto no que diz respeito à crença ou ausência dela, quanto à vinculação institucional. Contudo, o âmbito da fé nem sempre possui compatibilidade direta com a declaração religiosa. Isto observa-se entre a evangélica protestante que acredita em energia/auras e possui objetos de sorte; o católico não praticante que não acredita na concepção cristã de Deus; e o agnóstico que crê em espíritos, orixás e é adepto à livre espiritualidade.

A hipótese de que os não ateus reforçaram sua crença sem se filiar não se confirmou para Davi, que evidentemente “filiou-se”, mas não possui crenças religiosas como sua autodeclaração sugere. Da mesma forma, Fábio que outrora havia se declarado sem religião e possuía crenças, atualmente é agnóstico e não acredita em entidades supramundanas, mostrando-se mais cético frente ao imaginário religioso, e estabelecendo uma demanda comprobatória para afirmar ou negar a existência de Deus.

No âmbito político, é incorreto atrelar práticas políticas diretamente à filiação partidária. No Brasil a aceitação dos partidos está condicionada à imagem dos candidatos e ideologias correspondentes ao espectro político adotado por eles. Nossos informantes indicaram unânime rejeição aos partidos tanto em 2007/2008 quanto em 2019, ainda que os considerassem relevantes socialmente.

No que diz respeito às principais reivindicações populares o apoio supera a prática, ou seja, ainda que se concordasse com certas demandas políticas, para maioria dos respondentes a opinião não era o suficiente para estimular a ação. Da mesma forma a participação em organizações ou movimentos mostrou-se como uma prática unânime no que tange aos aspectos solidários, mas ao que diz respeito às ações em ONG's, meio ambiente, trabalho voluntário no campo educacional e outros, mostrou-se esporádico. Assim, a ligação institucional dá-se de maneiras não tradicionais, como o caso de Thiago que fundou coletivo contra o machismo e o preconceito dentro de estádios demonstrando claramente seu alinhamento com visões de mundo que performam jovens de orientação progressista. Aqui podemos pensar novamente no que a literatura nos mostra (Novaes, 2000, 2004; Pátaro et. al., 2016) acerca das diferentes formas de ser político.

Acerca das atividades políticas, que envolvem leituras, conversas e busca de informações de candidatos a cargos públicos, por exemplo, com exceção de um dos participantes, todos se mostraram mais ativos e interessados politicamente de 2007/2008 para 2019.

Cumpra destacar que, em contexto nacional, política e religião se transpassam, afetando as esferas cultural, econômica e valorativa. Aquilo que é público e privado já não possui fronteira delimitada, fazendo com que esta dinâmica afete os espaços e percepções dos sujeitos<sup>25</sup>.

Partindo para as percepções e valores, os respondentes permaneceram céticos ou sem expectativa de melhora frente ao futuro. A hipótese proposta se confirma, sobretudo ao observarmos o atual cenário de crises, contestações da validade científica e comodismo social, como apontou Luiz em entrevista de profundidade.

Ao abordar as drogas lícitas e ilícitas, os participantes apresentam indiferença em relação ao cigarro de tabaco e cocaína, e maior aceite ao que diz respeito à maconha e bebidas alcoólicas. O uso da *cannabis* suscita debates, e sua proibição é associada à violência urbana no Brasil, sendo seu consumo uma forma de contestação de valores tradicionais.

Acerca do aborto, percebe-se nas respostas ao questionário que há uma rejeição imediata como primeira alternativa para uma gravidez inconveniente. Ao mesmo tempo, a manutenção gestacional exigiria apoio familiar e do parceiro à gestante. Dois dos participantes sugerem que a manutenção da gravidez deve ser incondicional por se tratar do “direito à vida”, o que relaciono a valores ligados à declaração de vínculo religioso, enquanto os participantes que fizeram a entrevistas em profundidade sugeriram a importância da soberania da vontade feminina.

Estes e outros resultados alcançados demonstram a relevância que a pesquisa em painel possui para os estudos sociológicos, embora nosso trabalho tenha apenas levantado as várias possibilidades analíticas e suscitado novas perguntas dado o baixo número de informantes. A conjugação de dados quantitativos e qualitativos permite a comparação de informações declaradas em formulário para aquelas que são ditas pelo participante e observadas pelo pesquisador. Além disso, o caráter de longa duração permite traçar as trajetórias dos sujeitos, compreendendo assim os perfis que assumiram e caminhos traçados diante de distintos contextos históricos e sociais.

Como mencionado, apesar do pequeno número de respondentes, fato ligado à redução de amostra cujas pesquisas temporais estão suscetíveis, foi possível realizar um aprofundamento acerca das perspectivas de cada um dos respondentes. Abre-se a chance

---

<sup>25</sup> Burity (2001).

de, futuramente, estabelecer novas informações destes participantes, para mais uma vez observar seus trajetos políticos, religiosos e valorativos.

Por fim, este trabalho auxilia na compreensão do trânsito religioso bem como a identidade, percepções e valores juvenis ao longo do tempo. Ao observar questões acerca do segmento juvenil em passagem ao segmento adulto, evidenciam-se as nuances presentes nesta transição que se mostram complexas e incertas aos participantes. Da mesma forma, as transformações religiosas não se configuram isoladamente, elucidando que o contexto familiar, acesso a informação, posicionamento frente às instituições e, sobretudo novas dinâmicas de vida encaminham os sujeitos a crenças e espiritualidades que oferecem sentido a sua própria realidade.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Ronaldo de; MONTEIRO, Paula. **Trânsito religioso no Brasil**. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 15, n. 3, p. 92-100, July 2001 .
- ANTUNES, Ricardo. **Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, p. 35-48, 2001.
- ARIÉS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- AUGUSTO, Nuno Miguel. **A juventude e a (s) política (s): Desinstitucionalização e individualização**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 81, p. 155-177, 2008.
- AZEVEDO, Sérgio de; SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos; RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. **Mudanças e permanências na cultura política das metrópoles brasileiras**. Dados, Rio de Janeiro, v. 52, n. 3, p. 691-733, 2009 .
- BARBOT, Janine. **Conduzir uma entrevista face a face**. A pesquisa, 2015.
- BARRETO, Alessandra Siqueira. **Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores**. CAMPOS-Revista de Antropologia Social, v. 5, n. 2, 2004.
- BECK, Ulrich. **A reinvenção da política, rumo a uma teoria da modernização reflexiva**. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna; tradução de Magda Lopes - 2ª edição - São Paulo, Editora Unesp, 2012.
- BECKER, H. **Segredos e truques de pesquisa**, cap. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 2007.
- BERGER, P. L., & LUCKMANN, T.. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: vozes. 24ª edição, 2007
- BORGES, André; VIDIGAL, Robert. **Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras**. Opinião Pública, Campinas, v. 24, n. 1, p. 53-89, 2018.
- BONINI, L. F.; MEZZOMO, F.; PÁTARO, C. S. O. **Representações político-religiosas de jovens sem religião**. Religião, cultura e espaço público, p. 149-165, 2016.
- BOURDIEU, Pierre et al. **A juventude é apenas uma palavra**. Questões de sociologia, p. 112-121, 1983.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. **O senso religioso na era digital: a nova ambiência da fé**. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Online), 2016.

BURITY, Joanildo A. **Religião e política na fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica.** Revista de Estudos da Religião, v. 4, p. 27-45, 2001.

\_\_\_\_\_. **A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder. Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais.** Campinas: Editora da Unicamp, p. 15-64, 2018.

CAMARANO, A. A. et. al. **A transição para a vida adulta: novos ou velhos desafios?.** COMTE A. Curso de filosofia positiva, Vol. 1-2, Paris: Hermann [A filosofia positivista, Sunrise, FL.: AMS, 1987] p. 1830-1842, 2003.

CAMURÇA, Marcelo. **Espaços de hibridização, dessubstancialização da identidade religiosa e ideias fora do lugar.** Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 5, n. 5, p.37-65, 2003

\_\_\_\_\_. **Os “sem religião” no Brasil: juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas.** Estudos de religião, v. 31, n. 3, p. 55-70, 2017.

CANO, Ignacio. **Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil.** Sociologias, v. 14, n. 31, 2012.

CARREIRÃO, Yan de Souza; KINZO, Maria D.'Alva G. **Partidos políticos, preferência partidária e decisão eleitoral no Brasil (1989/2002).** Dados, v. 47, n. 1, p. 131-167, 2004.

CAVALCANTI SPACH, Ravi. **Sentidos do uso da maconha na percepção dos usuários jovens universitários.** Psicologia-Pedra Branca, 2017.

CERQUEIRA, D.; LIMA, R. S. de; BUENO, S. *et al.* **Atlas da violência 2017.** Rio de Janeiro: IPEA-FBSP, 2017.

CHAVES LOPES, Gustavo **As redes sociais e os novos fluxos de agendamento: uma análise da cobertura da Al Jazeera sobre a Primavera Árabe.** Palavra Clave [en línea]. ISSN: 0122-8285, 16(3), 789-811, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. **O espaço urbano.** Ática, 1989.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil.** Rio de Janeiro - Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.

DEBERT, Guita Grin. **A dissolução da vida adulta e a juventude como valor.** Horizontes antropológicos, v. 16, n. 34, p. 49-70, 2010.

DILTHEY, W. **“Introduction to the Human Sciences”**, in *idem*, **Selected works**, Vol. I, Princeton: Princeton University Press, 1989.

ESQUIVEL, Juan Cruz; FUNES, María Eugenia; PRIETO, Sol. **Ateus, agnósticos e crentes sem religião. Análise quantitativa dos sem filiação religiosa na Argentina.** *Sociedad y religión*, v. 30, n. 55, 2020.

FEIXA, C.; NILAN, P. **Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais.** *Política & Trabalho*, núm. 31, p. 13-28, 2009.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. **Mudança de Religião no Brasil – desvendando sentidos e motivações.** São Paulo / Rio de Janeiro, Palavra & Prece e CERIS, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sem Religião e Identidades Religiosas - Notas para uma tipologia.** *Interseções (UERJ) (Printed)*, v.1, p.31- 46, 2008.

\_\_\_\_\_. **Juventude nas Igrejas e fora delas: crenças, percepções da política e (des) vinculações.** *Revista Tomo*, n. 14, p. 99-126, 2009.

\_\_\_\_\_. **Entre tensões e escolhas, um olhar sociológico sobre jovens na vida religiosa.** *Sociedade e estado*, v. 26, n. 3, p. 663-684, 2011 (a).

\_\_\_\_\_. **Marcos definidores da condição juvenil para católicos e pentecostais na baixada fluminense-algumas proposições a partir de um survey.** *Religião & Sociedade*, v. 31, n. 1, p. 96-125, 2011 (b).

\_\_\_\_\_. **Expressões políticas e crenças religiosas em jovens sem religião.** In book: *Instituições e sociabilidades: religião, política e juventudes*, Edition: 1, Publisher: Fecilcam, Campo Mourão, Editors: Oliveira, Cristina Satiê P, p.9-30, 2013.

\_\_\_\_\_. **Catolicismo estrutural - interpretações sobre o censo da igreja católica e a mudança sociocultural do catolicismo brasileiro.** *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*, pág. 185-202, 2015.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias religiosas de jovens sem religião–algumas implicações para o debate sobre desinstitucionalização.** *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, v. 20, n. 2, 2018.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da juventude–olhares interdisciplinares e intertemáticos.** *Contemporânea*, v. 9, n. 2, p. 339-350, 2019.

FERREIRA H. e ARAÚJO H. E. **Transições negadas: homicídios entre os jovens brasileiros**, p. 291 - 318. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* – Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

FRANÇA, Carlos Eduardo. **Algumas histórias dos grupos de skinheads no Brasil: as múltiplas percepções, representações e ressignificações das formações identitárias**

dos “carecas do Brasil” e do Poder Branco Paulista. Revista do Laboratório de Estudos da Violência e Segurança da UNESP. Marília, v. 5, n. 5, p. 89-97, 2010.

GEIGER, Pedro Pichas e SANTOS, Ruth Lira. **Notas sobre a Evolução da Ocupação Humana da Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

GIDDENS, Anthony. **A vida em uma sociedade pós-tradicional**. In: BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna; tradução de Magda Lopes - 2ª edição - São Paulo, Editora Unesp, 2012.

\_\_\_\_\_. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GONÇALVES, Hebe Signorini. **Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade**. Tempo social, v. 17, n. 2, p. 207-219, 2005.

GROPPO, L. A. **Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis**. Em tese, v. 12, n. 1, p. 4-33, 2015.

\_\_\_\_\_. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas**. Revista de Educação do COGEIME, v. 13, n. 25, p. 9-22, 2016.

HASTINGS. Orestes P. **Not a lonely crowd? Social connectedness, religious service attendance, and the spiritual but not religious**. Social Science Research 57, 63 e 79, 2016.

HERVIEU- LÉGER, Daniele. **A religião fragmentada – reflexões prévias sobre a modernidade religiosa**. In: O peregrino e o convertido – a religião em movimento. Lisboa: Gradiva, p.35-65, 2005.

JUNIOR, Franco Iacomini; JUNIOR, Tarcis Prado; CARDOSO, Moisés. **Mídia, música e liturgia: influências interpostas no culto evangélico brasileiro**. Novos Olhares, v. 6, n. 2, p. 126-134, 2017.

KINZO, Maria D.'Alva. **Os partidos no eleitorado: percepções públicas e laços partidários no Brasil**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 20, n. 57, p. 65-81, 2005.

LAUREANO, Roger. **A dominação carismática em regimes democráticos**. Política & Sociedade, v. 19, n. 45, p. 178-204, 2020.

LONGO, Luciene AF de B.; RIOS-NETO, Eduardo LG. **Virgindade matrimonial e iniciação sexual: uma análise temporal**. Anais, p. 241-261, 2016.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. Caderno CRH, v. 27, n. 71, p. 417-429, 2014.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **A juventude em tempos acelerados: Reflexões sobre consumo, indústria cultural e tecnologias informacionais.** Revista de Ciências Sociais, n. 38, Abril de 2013, pp. 271 – 286.

IBGE. Banco de Dados Agregados. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA.** Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>

\_\_\_\_\_. **PNAD contínua 2016.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=18971&t=resultados>>

Acesso em: 10 Jan. 2021

KEHL, Maria Rita. **A juventude como sintoma da cultura. Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação,** p. 44-55, 2004.

MACHADO, Jorge Alberto S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais.** Sociologias, n. 18, p. 248-285, 2007.

MAFRA, Clara. **Números e narrativas.** Debates do NER, v. 2, n. 24, p. 13-25, 2013.

MANNHEIM, K. “**El problema de las generaciones**”, Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS), n. 62, pp. 145-168, 1993.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra; Error! Marcador no definido.** La Plata: Universidad Nacional de La Plata-Facultad de periodismo y Comunicación Social, 2006.

MARTIN, Olivier. **Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformações da análise estatística da sociedade (séculos XVII-XIX).** Revista brasileira de História, v. 21, n. 41, p. 13-34, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista,** Werke, 1972.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política.** Cadernos de Letras da UFF–Dossiê: Literatura, língua e identidade, v. 34, p. 287-324, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças.** Rio de Janeiro: Brazilian Journal of Medical Education, v. 33, p. 83-91, 2009.

MOCELLIM, Alan. **A questão da identidade em Giddens e Bauman.** Em Tese, v. 5, n. 1, p. 1-31, 2008.

NERI, M. **A escalada da desigualdade: qual foi o impacto da crise sobre a distribuição de renda ea pobreza?**[Internet]. Rio de Janeiro: FGV Social; 2019.

NOVAES, Regina. **Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política.** Juventude em debate. São Paulo: Cortez, p. 46-69, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os jovens “sem religião” ventos secularizantes: “espírito de época” e novos sincretismos.** In: *Estudos Avançados.* , nr 18, SP, 2004.

OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. **Juventude e religião no século XXI: a crise dos compromissos religiosos.** Vox Faifae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama Vol. 2 No 1, 2010.

PAGER, Devah. **Medir a discriminação.** Tempo Social, v. 18, n. 2, p. 65-88, 2006.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais.** Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, n. 1, 2007.

PEW RESEARCH CENTER: Religion & Public Life. **The Global Catholic Population, 2013.** Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2013/02/13/the-global-catholic-population/#>> Acesso em: 15 Out. 2020

PINSKY, Carla Bassanezi. **Virgindade: tema atual, tema de História.** Revista Estudos Feministas, v. 24, n. 3, p. 1015-1017, 2016.

RAMOS, Paola Novaes. **Alheamento eleitoral: reflexões sobre o significado de votos em branco, votos nulos e abstenções na teoria política contemporânea.** Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 1, p. 170-199, 2009.

RIBAS, Rafael Perez; SOARES, Sergei Suarez Dillon. **O atrito nas pesquisas longitudinais: o caso da pesquisa mensal de emprego (PME/IBGE).** Estudos Econômicos (São Paulo), v. 40, n. 1, p. 213-244, 2010.

ROCHA, André Santos. **Os efeitos da reestruturação econômica metropolitana na Baixada Fluminense: Apontamentos sobre o “novo” mercado imobiliário da região.** Espaço e Economia. Revista brasileira de geografia econômica, n. 6, 2015.

SANTANA, Rosane Soares. **Participação online e offline nas eleições presidenciais brasileiras de 2018: relação entre repertórios digitais de baixo impacto e engajamento em campanha.** XXVIII Encontro Nacional da Compós, Porto Alegre, 2019.

SILVA, Ana Raquel P. **Periferia, pentecostalismo e juventude: práticas e pertencas dos jovens da 1ª igreja Evangélica Assembleia de Deus em Santa Rita, Nova Iguaçu – RJ.** Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia da UFRRJ. Nova Iguaçu, Instituto Multidisciplinar, 2017.

- SILVA, Oséias Teixeira da. **A região metropolitana do Rio de Janeiro na atualidade: recuperação econômica e reestruturação espacial**, *Confins* [Online], 25 | 2015.
- SILVA, Valquiria Gomes. **Os atritos e seus efeitos nos estudos longitudinais**. Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação-Especialização – USP. São Paulo, 2011.
- SPECK, Bruno Wilhelm; BRAGA, Maria do Socorro Sousa; COSTA, Valeriano. **Estudo exploratório sobre filiação e identificação partidária no Brasil**. *Revista de Sociologia e Política*, v. 23, n. 56, p. 125-148, 2015.
- STOLOW, Jeremy. **Religião e mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar**. *Religião & Sociedade*, v. 34, n. 2, p. 146-160, 2014.
- SOFIATI, Flávio M. **A juventude no Brasil: história e organização**. *Passages de Paris*, v. 2008, p. 1-14, 2008.
- TAVARES, Breitner. **Sociologia da Juventude: da juventude desviante ao protagonismo jovem da Unesco**. *Sociedade e Cultura*, v. 15, n. 1, 2012.
- TAVARES, Fátima Regina Gomes; CAMURÇA, Marcelo Ayres. **“Juventudes” e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica**. *Numen*, v. 7, n. 1, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Religião, família e imaginário entre a juventude de Minas Gerais**. In: *Numem: Revista de Estudos e Pesquisas da Religião*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, v. 7 n. 1, p.181, 2006.
- TEIXEIRA, Enise Barth. **A Análise de Dados na Pesquisa Científica. Importância e desafios em estudos organizacionais**. *Desenvolvimento em questão*, v. 1, n. 2, 2003.
- THÉRY, Hervé. **Retratos da violência no Brasil**. *GEOUSP Espaço e Tempo* (Online), v. 22, n. 2, p. 457-465, 2018.
- VELHO, Gilberto. **O Consumo da Cannabis e Suas Representações Culturais** (1º Simpósio Carioca de Estudos sobre a Maconha, 1983). *Periferia*, v. 3, n. 2, 2011.
- VIEIRA, Liszt. **Identidade e globalização: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- WELLER, W. **A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim**. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 205-224, 2010.

## ANEXOS

### A - Questionário aplicado aos informantes (2007)



UFRRJ- Pesquisa: Juventude, religião e política na Baixada Fluminense - ações e representações

(sem religião)

#### 1 - Identificação e perfil

1.1 - Idade 1.  15 a 17 anos 2.  18 a 20 anos 3.  21 a 24 anos

1.2 - Cor/Raça 1.  Branca 4.  Parda  
2.  Preta 5.  Indígena  
3.  Amarela 6.  Outras

1.3 - Sexo 1.  Masculino 2.  Feminino

1.4 Município onde mora: 1.  Duque de Caxias 2.  São João de Meriti 3.  Nova Iguaçu  
4.  Outro - Baixada 5.  Outro - Fora da Baixada

1.5 Município da pesquisa: 1.  Duque de Caxias 2.  São João de Meriti 3.  Nova Iguaçu

#### 1.6 Escolaridade:

- 1-  Nenhuma (não sabe ler nem escrever)
- 2-  Ensino fundamental incompleto
- 3-  Ensino fundamental completo
- 4-  Ensino médio incompleto (em curso)
- 5-  Ensino médio incompleto (interrompido)
- 6-  Ensino médio completo
- 7-  Superior incompleto (em curso)
- 8-  Superior incompleto (interrompido)
- 9-  Superior completo
- 99-  NS/NR

#### 1.7 Grau de instrução do chefe de família:

- 1.  Nenhum (não sabe ler nem escrever)
- 2.  Primário incompleto
- 3.  Primário completo/Ginásial incompleto
- 4.  Ginásial completo/2º grau incompleto
- 5.  2º grau completo/Superior incompleto
- 6.  Superior completo
- 99-  NS/NR

1.8 Você possui alguns desses itens? (Marcar com um X a quantidade correspondente)

	0	1	2	3	4 ou mais
1. Televisão em cores					
2. Radio					
3. Banheiro					
4. Carro					
5. Empregada mensalista					
6. Aspirador de pó					
7. Máquina de lavar roupa					
8. Videocassete e/ou DVD					
9. Geladeira					
10. Freezer - independente ou parte da geladeira					

1.9 Indique sua situação atual em relação ao trabalho:

1.  empregado com carteira assinada
2.  empregado sem carteira assinada
3.  trabalho por conta própria
4.  estágio com remuneração
5.  estágio sem remuneração
6.  desempregado
7.  não trabalha
99.  NS/NR

1.10 Estado civil:

1.  solteiro (a)
2.  casado (a) no religioso
3.  casado (a) apenas no civil
4.  casado (a) no civil e no religioso
5.  separado (a)
6.  divorciado (a)
7.  união estável/mora junto
8.  viúvo (a)
99.  NS/NR

## 2. Religião

2.1 Qual é a religião de seu pai? (escrever o nome das Igrejas evangélicas ou outra)

1.  Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
2.  Protestante/ evangélico não pentecostal \_\_\_\_\_
3.  Protestante/ evangélico pentecostal \_\_\_\_\_
4.  Espírita kardecista
5.  Católica praticante 5.1  CEBs 5.2  RCC 5.3  outras pastorais
6.  Católica não praticante
7.  Judaica
8.  Budista
9.  Não tem religião
10.  Ateu
11.  Outra \_\_\_\_\_
99.  NS/NR

2.2 Qual é a religião de sua mãe? (escrever o nome das Igrejas evangélicas ou outra)

1.  Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
2.  Protestante/ evangélico não pentecostal \_\_\_\_\_
3.  Protestante/ evangélico pentecostal \_\_\_\_\_
4.  Espírita kardecista
5.  Católica praticante 5.1  CEBs 5.2  RCC 5.3  outras pastorais
6.  Católica não praticante
7.  Judaica
8.  Budista
9.  Não tem religião
10.  Ateu
11.  Outra \_\_\_\_\_
99.  NS/NR

2.3 Você já teve religião? (só para os que responderam não possuir religião)

1.  Sim. Qual? \_\_\_\_\_ 2.  Não

2.4 Por que você se considera sem religião?

1.  Porque possui uma espiritualidade própria sem vínculo com Igrejas
2.  Porque não tem desejo de freqüentar Igrejas
3.  Porque não acredita nas religiões
4.  Porque não acredita em Deus
5.  Porque não tem tempo de freqüentar Igrejas
99.  NS/NR

2.5 Você acredita em: (resposta múltipla)

1.  Deus
2.  Jesus Cristo
3.  Maria como mãe de Jesus
4.  Maria e sua virgindade
5.  Santos
6.  Anjos
7.  Espírito Santo
8.  Ensinamentos da Bíblia
9.  Energias/aura
10.  Demônios
11.  Duendes/ gnomos
12.  Entidades/orixás
13.  Imortalidade da alma
14.  Vidas passadas/reencarnação
15.  Espíritos
16.  Astrologia
17.  Poder de pedras da sorte
18.  Poder do uso de cristais
99.  NS/NR

2.6 Quem é Deus pra você? (resposta múltipla)

- |   |  |   |
|---|--|---|
| 1. <input type="checkbox"/> Uma energia cósmica         | 2. <input type="checkbox"/> Um pai que ama e se preocupa com cada homem/mulher | 3. <input type="checkbox"/> Um ser poderoso que julga os pecados e virtudes humanas |
| 4. <input type="checkbox"/> Um amigo de todas as horas  | 5. <input type="checkbox"/> A natureza   | 6. <input type="checkbox"/> Amor  |
| 7. <input type="checkbox"/> Deus é o sentido da justiça | 8. <input type="checkbox"/> Nada/Não acredito                                  | 9. <input type="checkbox"/> É o sentido da solidariedade                            |
|   |  | 99. <input type="checkbox"/> NS/NR  |

2.7 Se você tivesse que escolher hoje uma religião, qual escolheria?

1.  Afro-brasileira (candomblé, umbanda ou outra de origem africana)
2.  Protestante/ evangélico não pentecostal \_\_\_\_\_
3.  Protestante/ evangélico pentecostal \_\_\_\_\_
4.  Espírita kardecista
5.  Católica praticante 5.1  CEBs 5.2  RCC 5.3  outras pastorais
6.  Católica não praticante
7.  Judaica
8.  Budista
9.  Outra \_\_\_\_\_
99.  NS/NR

2.8 Das práticas abaixo listadas, indique as que você realiza (Resposta múltipla)

1.  Ir a missa regularmente
2.  Ir a missa de vez em quando
3.  Fazer orações
4.  Usar objetos visando proteção ou tê-los em casa (cruz, medalhas ou outros)
5.  Usar objetos de sorte ou tê-los em casa (pedras coloridas, incensos, cristais ou outros)
6.  Ouvir ou assistir programas religiosos
7.  Jogar flores no mar para pedir proteção no ano novo
8.  Acender velas
9.  Usar copo de água atrás da porta de casa ou espada de São Jorge
10.  Ir a templos evangélicos regularmente
11.  Ir a templos evangélicos de vez em quando
12.  Não realiza nenhuma dessas práticas
13.  NS/NR

### 3. Participação cívica, religião e política

3.1 Dentre as formas abaixo de reivindicação popular, indique sua opinião de acordo com a legenda.

Legenda: 1. Concorda 2. Discorda 3. Concorda e realiza 4. Discorda, mas realiza  
99. NS/NR

1. Ocupação de terras improdutivas para a reforma agrária
2. Greves por melhores condições de trabalho e por salário
3. Manifestações pela paz
4. Abaixo assinado para melhorias no bairro ou cidade
5. Ocupação de prédios públicos
6. Manifestações pela ética na política

3.2 Das organizações e movimentos abaixo, indique os que você participa e se você gostaria ou não de participar:

Participa ? Gostaria de participar?

1.Movimento estudantil

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

2.Grupos de Igreja

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

3.Partido político

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

4.Voluntário em ONGs

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

5.Associação de moradores

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

6.Grupo de defesa do meio-ambiente

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

7.Clube/associação esportiva

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

8.Agente de educação (trabalho voluntário em escolas)

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

9.Agente de saúde (trabalho voluntário em postos de saúde, centros comunitários etc.)

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

10. Campanhas solidárias (alimentos, agasalhos etc.)

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

11. Visitas a instituições caritativas (asilos, orfanatos etc.)

1.  sim 2.  não 99.  NS/NR 1.  sim 2.  não 99.  NS/NR

3.3 Algumas pessoas participam de atividades ligadas à política e outras não. Das atividades abaixo, indique as que você realiza: (resposta múltipla)

1.  Lê ou assiste noticiário sobre política
2.  Conversa com outras pessoas sobre política
3.  Faz pedidos para políticos ou funcionários públicos
4.  Vota
5.  Procura se informar sobre os candidatos no período das eleições
6.  Acompanha o mandato dos candidatos nos quais você votou
7.  Em período eleitoral atua como voluntário para partidos
8.  Em período eleitoral atua de forma remunerada para partidos
9.  Não possui nenhuma dessas práticas
10.  Outra
99.  NS/NR

3.4 Dentre as opções abaixo, por favor, indique aquelas com as quais você concorda: (resposta múltipla)

1.  Pelo fato de não ter religião você adere mais facilmente a atividades ligadas a política
2.  O fato de não ter religião estimula sua adesão a atividades relacionadas com organizações da sociedade civil, movimentos sociais ou associações
3.  Você não se envolveria com atividades sociopolíticas se tivesse religião
4.  Você acha que a religião poderia atrapalhar o seu engajamento em alguma atividade sociopolítica ou assistencial.
99.  NS/NR

3.5 Dentre as opções abaixo indique até TRÊS PRINCIPAIS que você considera que tomariam o Brasil um país desenvolvido: (Máximo de três)

1.  O equilíbrio das contas públicas
2.  Igualdade de oportunidades
3.  Promoção de melhorias na educação
4.  Promoção de melhorias na saúde
5.  Habitação para todos
6.  Combate efetivo à desigualdade social entre as regiões
7.  Diminuição dos índices de violência urbana
8.  Criação de mecanismos eficazes no combate à corrupção
9.  Preservação ambiental
10.  Crescimento econômico acompanhando o desenvolvimento humano
11.  Investimento em atividades culturais
12.  Mais programas de distribuição de renda como o Bolsa-família
13.  Maior acesso ao consumo
13.  Outra
99.  NS/NR

3.6 Dentre as opções abaixo indique até TRÊS PRINCIPAIS que você considera que tornariam este município desenvolvido: (máximo de três)

1.  O equilíbrio das contas públicas
2.  Oferta de emprego para jovens e adultos
3.  Promoção de melhorias na educação,
4.  Promoção de melhorias na saúde
5.  Habitação para todos
6.  Controle da natalidade
7.  Diminuição dos índices de violência urbana
8.  Criação de mecanismos eficazes no combate à corrupção
9.  Preservação ambiental
10.  Crescimento econômico acompanhando o desenvolvimento humano
11.  Investimento em atividades culturais
12.  Investimento em saneamento básico
13.  Maior oferta de escolas de nível básico e superior
14.  Outra
99.  NS/NR

3.7 Na sua opinião qual é a importância dos partidos políticos para o país?

1.  Muito importante
2.  Mais ou menos importante
3.  Nada importante
99.  NS/NR

3.8 Na sua opinião qual é a importância da religião para o país?

1.  Muito importante
2.  Mais ou menos importante
3.  Nada importante
99.  NS/NR

3.9 Qual é o principal problema do país, na sua opinião: (resposta única)

1.  Desemprego
2.  Violência
3.  Desigualdade social
4.  Má administração pública
5.  Fome/ miséria
6.  Educação
7.  Saúde
8.  Ateísmo/ falta de religião
9.  Outro \_\_\_\_\_
10.  Não há problemas

#### 4. Percepções e valores

4.1 Como você se sente como jovem: você diria que há mais coisas boas ou mais coisas ruins em ser jovem? (resposta única)

1.  Há mais coisas boas
2.  Há mais coisas ruins
3.  Ambas em proporções semelhantes
99.  NS/NR

4.2. Quais são as melhores coisas em ser jovem? (resposta múltipla - máximo de três)

1.  Não ter preocupações
2.  Não ter as responsabilidades dos adultos
3.  Aproveitar a vida com alegria
4.  Estudar/adquirir conhecimentos
5.  Ter liberdade
6.  As amizades
7.  Namorar sem compromisso
8.  Namorar com compromisso
9.  Ter um futuro pela frente
10.  Participar da religião com os amigos
11.  Curtir as noites
12.  Não tem nada de bom
99.  NS/NR

4.3 Quais são as piores coisas em ser jovem? (resposta múltipla - máximo de três)

1.  O controle dos pais
2.  Não poder se sustentar sozinho
3.  A falta de oportunidades de trabalho
4.  A preocupação com o futuro
5.  A influência de más companhias
6.  A insegurança ou inexperiência diante da vida
7.  Impedimentos por ser menor de idade
8.  O apelo das drogas
9.  Falta de liberdade
10.  Não tem nada de ruim
99.  NS/NR

4.4 Na sua opinião, quando a pessoa deixa de ser jovem? (resposta múltipla-máximo de três opções)

1.  Quando adquire uma família/filhos
2.  Quando perde a alegria de viver
3.  Nunca se deixa de ser jovem
4.  Quando começa a trabalhar
5.  Quando tem mais de 24 anos
6.  Quando adquire independência financeira
7.  Quando enfrenta os problemas sozinho/a
8.  Quando começa a ficar doente
9.  Quando sai da casa dos pais
10.  Outro
99.  NS/NR

4.5 O que você acha que vai acontecer com o mundo nos próximos cinco anos?

1.  vai melhorar
2.  vai piorar
3.  vai ficar como está
99.  NS/NR

4.6 O que você acha que vai acontecer com sua vida pessoal nos próximos cinco anos?

1.  vai melhorar
2.  vai piorar
3.  vai ficar como está
99.  NS/NR

4.7 Se num passe de mágica você pudesse mudar qualquer coisa no seu país, o que faria? (resposta múltipla - máximo de três opções)

1.  Acabaria com a miséria, a pobreza
2.  Acabaria com a violência
3.  Daria aos jovens maiores condições de trabalho e educação
4.  Exterminaria as drogas
5.  Faria com que as pessoas acreditassem mais em Deus
6.  Renovaria o Congresso Nacional
7.  Reformaria o Sistema de Saúde
8.  Cuidaria mais das crianças
9.  Promoveria mais união entre as famílias
10.  Resolveria o problema do desmatamento e da poluição ambiental
11.  Outro
99.  NS/NR

4.8 Na sua opinião, quais destes valores são os mais importantes para uma sociedade (marque três mais importantes)?

- |   |  |  |
|---|--|--|
| 1. <input type="checkbox"/> solidariedade             | 2. <input type="checkbox"/> respeito às diferenças | 3. <input type="checkbox"/> igualdade de oportunidades |
| 4. <input type="checkbox"/> temor a Deus              | 5. <input type="checkbox"/> justiça social         | 6. <input type="checkbox"/> dedicação ao trabalho      |
| 7. <input type="checkbox"/> respeito ao meio ambiente | 8. <input type="checkbox"/> religiosidade          | 9. <input type="checkbox"/> liberdade individual       |
| 10. <input type="checkbox"/> autenticidade pessoal    | 11. <input type="checkbox"/> respeito às tradições | 12. <input type="checkbox"/> obediência às autoridades |
| 13. <input type="checkbox"/> disciplina pessoal       | 14. <input type="checkbox"/> liberdade política    | 15. <input type="checkbox"/> auto-realização           |
| 16. <input type="checkbox"/> competência              | 17. <input type="checkbox"/> prazer sexual         | 99. <input type="checkbox"/> NS/NR                     |

#### 5. Drogas lícitas e ilícitas

5.1 Em relação ao uso da maconha você: (resposta múltipla)

1.  Conheceu alguém que fuma
2.  Já viu pessoas fumando
3.  Já te ofereceram
4.  Você já segurou na mão
5.  Você já experimentou
99.  NS/NR

5.2 Em relação ao uso da cocaína você: (resposta múltipla)

1.  Conheceu alguém que usa
2.  Já viu pessoas usando
3.  Já te ofereceram
4.  Você já segurou na mão
5.  Você já experimentou
99.  NS/NR

5.3 Você fuma cigarro de tabaco?

1.  sim
2.  não (pule para a questão 5.5)
3.  não, mas já fumou
99.  NS/NR

5.4 Que idade você tinha quando começou a fumar? (somente para os que fumaram ou para os que fumaram e deixaram o hábito)

1.  até 13 anos
2.  14 a 15 anos
3.  14 a 15 anos
4.  16 a 17 anos
5.  18 a 20 anos
6.  21 a 24 anos
99.  NS/NR

5.5 E bebida alcoólica, você costuma beber?

1.  sim
2.  não (pule para o item 6)
3.  não, mas já bebeu
99.  NS/NR

5.6 Que idade você tinha quando começou a beber? (somente para os que beberam ou para os que beberam e deixaram o hábito)

1.  até 13 anos
2.  14 a 15 anos
3.  14 a 15 anos
4.  16 a 17 anos
5.  18 a 20 anos
6.  21 a 24 anos
99.  NS/NR

## 6. Sexualidade

6.1 Com quantos anos de idade você teve a sua primeira relação sexual?

1.  até 12 anos
2.  13 anos
3.  14 anos
4.  15 anos
5.  16 anos
6.  17 anos
7.  18 anos ou mais
8.  nunca teve/é virgem
99.  optou por não responder

6.2 Qual é a sua opinião em relação ao sexo antes do casamento?

1.  Contra
2.  A favor
99.  NS/NR

6.3 Se uma moça engravidar na adolescência, sem estar casada, qual você acha que deve ser a melhor atitude a tomar? (resposta única)

1.  abortar independentemente da opinião dos pais e do namorado
2.  sustentar a gravidez independentemente da opinião dos pais e do namorado
3.  sustentar a gravidez só em caso de aprovação dos pais e namorado
4.  sustentar a gravidez somente se o namorado assumir
5.  sustentar a gravidez acha que o aborto é um crime contra a vida
99.  NS/NR

Dados para contato posterior:

Nome: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

e-mail: \_\_\_\_\_